

Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas

3.6

Relatório regional Rio de Janeiro



Equipe

Supervisão regional

Solange Rodrigues

Pesquisador(a)

Alexandre Aguiar

Marilena Cunha

Pesquisadoras bolsistas

Bianca Brandão

Clara Belato

Daniele Monteiro

Mariana Camacho

Priscila Bastos

Apoio administrativo

Aline Ferreira

Carla Brito

Mírian Epifânio

Gravação e projeção (Mix Mídia Produções Ltda.)

Paulo Augusto dos Santos

Rodrigo Leonardo

Transcrição de fitas

Greice Bougar

Alimentação

Oficina do Pão

J. Elias Barbosa Bar e Restaurante

Colaboração

Rozi Billo

"O BRASIL QUER SER UNGIDO"

Violência, eu tô cansado desse horror
Esse país tá precisando de um doutor
Gangorra da fome e do medo,
Carrossel de vergonha e desespero
É, neguinho, não é parque de diversão
É a miséria, demagogia, corrupção
Senhor, me mostre o caminho
Da ilha deserta, do paraíso
Que Deus abençoe a todos os fiéis
O Brasil quer ser ungido da cabeça aos pés
Precisa de atenção, precisa de melhoras
Não fique aí parado, estão passando as horas
O povo tá sofrendo, e o governo, enriquecendo
Tem muita gente matando e morrendo
Então preste atenção, não sou bandido, não
Eu sou trabalhador, me tira desse camburão
Eu não mostrei o Brasil que queremos
Mas mostrei como nele vivemos
Não precisei falar o que eu quero
Você já viu, então me tira desse inferno
Não tem mistério, é só fazer
Nosso dinheiro está com vocês
Chega de guerra, e de massacre
Já fiz a minha ação, agora faça sua parte.
Mente Sã

(Thiago de Araújo Candido – vulgo TG)

4º Grupo de Diálogo, 9 de abril de 2005

Sumário

- 1. Apresentação**
- 2. Breve perfil dos(as) jovens da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**
- 3. A metodologia**
 - 3.1 A composição dos Grupos de Diálogo
 - 3.2 O processo de convocação
 - 3.3 Os(as) jovens participantes dos Diálogos no Rio de Janeiro
 - 3.4 Local de realização dos Grupos, surpresas e casos interessantes
 - 3.5 O Dia de Diálogo passo-a-passo
 - 3.6 Análise sobre a organização da pesquisa em rede
- 4. O conteúdo das discussões**
 - 4.1 Comentários iniciais: o que preocupa os(as) jovens?
 - 4.2 Educação, trabalho, cultura e lazer: o que precisa melhorar?
 - 4.3 Caminhos participativos
 - 4.4 Comentários finais
 - a) Recado aos(às) tomadores(as) de decisão
 - b) O que aconteceu de mais importante
 - 4.5 As fichas pré e pós-Diálogo
- 5. Considerações finais**
- 6. Bibliografia**
- 7. Anexos**

Apresentação

A pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*, coordenada pelas organizações não-governamentais Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) e Pólis (Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais), investigou as formas, conteúdos e sentidos da participação dos(as) jovens entre 15 e 24 anos nas esferas públicas e políticas. O ponto de partida dessa investigação encontra-se na idéia de que esses sujeitos e essa participação são estratégicos para a consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira¹.

A coordenação geral da pesquisa esteve a cargo de Anna Luiza Salles Souto (Pólis) e Itamar Silva (Ibase). Sebastião Soares assumiu a coordenação técnica. Os pesquisadores Eliane Ribeiro Andrade, Patrícia Lânes e Paulo César Rodrigues Carrano formaram a equipe técnica.

A pesquisa, em suas diferentes etapas, foi realizada em oito Regiões Metropolitanas (RMs) do país: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo no período de agosto de 2004 a agosto de 2005. Em cada uma dessas Regiões foi estabelecida uma parceria com outras instituições para o desenvolvimento do projeto. No Rio de Janeiro, a organização não-governamental Iser/Assessoria e o Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense foram responsáveis por sua realização, tendo o Iser Assessoria assumido a coordenação executiva do projeto.

O projeto reuniu abordagens quantitativa e qualitativa. A primeira através de uma pesquisa de opinião, com o objetivo de traçar o perfil dos(as) jovens das RMs, e de sua participação social. O material foi coletado e sistematizado pelo Instituto Focus, entre outubro e dezembro de 2004. A pesquisa foi realizada por amostragem probabilística, dando a cada jovem das RMs igual probabilidade de ser entrevistado(a). No total, foram entrevistadas 8.000 pessoas, sendo que no Rio do Janeiro a amostra foi constituída por 1.400 jovens.

A parte qualitativa foi baseada na metodologia adotada e adaptada pelo *Canadian Policy Research Networks (CPRN)*, a *ChoiceWork Dialogue Methodology*. Seu fundamento está na colocação dos(as) cidadãos(ãs) em diálogo, provocando reflexões pessoais e coletivas acerca de determinadas questões, bem como sobre as decisões que devem ser tomadas para que os consensos que emergiram do diálogo se concretizem. Trata-se de uma metodologia que permite que as pessoas emitam suas opiniões, coloquem-nas em diálogo com as opiniões dos(as) outros(as) e que estas sejam novamente remetidas a si e a seus valores mais profundos. A abordagem investigativa – cujo princípio é o diálogo, e não a soma das opiniões individuais – apresenta-se simultaneamente como método de investigação e processo educativo ampliado². Dois grandes desafios do projeto *Juventude Brasileira e Democracia* foram adaptar esta proposta metodológica à realidade nacional e utilizá-la com

1 Cf. IBASE e PÓLIS, *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Projeto de Pesquisa, maio de 2004.

2 Idem.

jovens. O projeto contou com o apoio financeiro do *International Development Research Centre (IDRC)*, organização canadense.

O elemento central dessa metodologia são os Grupos de Diálogo (GDs). Nesses Grupos, os(as) jovens foram convidados(as) a dialogar em torno das seguintes questões: “*Que Brasil queremos? Como chegar lá?*”. Buscava-se apreender que tipo de participação os(as) jovens estavam dispostos(as) a ter para viabilizar suas escolhas para o país. A proposta original era reunir cinco grupos com 40 jovens que participaram da pesquisa de opinião, selecionados(as) aleatoriamente, em cada RM, atingindo um total de 1.600 jovens. No Rio de Janeiro, os GDs foram realizados entre março e abril de 2005 e reuniram 103 jovens, numa média de 21 jovens por GD.

A pesquisa foi realizada no contexto de um novo governo federal, empossado em janeiro de 2003, que manifestou o propósito de ampliar os canais de participação entre o Estado e a sociedade civil na definição, implementação e controle social público das políticas. Desde o início, o governo procurou reunir elementos para propor uma política capaz de garantir os direitos dos(as) jovens. A partir dessa iniciativa o Instituto da Cidadania promoveu, entre 2003 e 2004, uma ampla consulta pública (o *Projeto Juventude*), que encaminhou uma série de sugestões ao governo federal, que criou, em fevereiro de 2005, a Secretaria Nacional de Juventude, encarregada de articular a política nacional voltada para os(as) jovens. E em agosto de 2005, foi instalado o Conselho Nacional de Juventude, formado por representantes da sociedade civil e do governo, organismo consultivo na discussão das propostas governamentais destinadas aos(às) jovens brasileiros(as). Pretende-se que as informações reunidas através da pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia* possam contribuir nesse esforço de formulação de políticas públicas destinadas ao universo juvenil, tendo como base a consulta direta aos(às) próprios(as) jovens.

O presente relatório traz uma síntese da pesquisa realizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e tem como base o relatório final da pesquisa de opinião (maio de 2005) e o relatório preliminar da pesquisa qualitativa (julho de 2005). O texto está organizado em quatro partes: apresentamos um breve perfil dos(as) jovens da RMRJ; algumas informações metodológicas; as indicações sobre participação juvenil apreendidas através dos Grupos de Diálogo; e uma série de anexos, em que estão organizados os depoimentos e os consensos a que os(as) jovens chegaram em diferentes momentos do Dia de Diálogo.

Queremos agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e, de maneira muito especial, aos(às) jovens que se dispuseram a dialogar entre si, e conosco, acerca de suas experiências, anseios e preocupações. Esperamos ter apreendido com fidelidade suas opiniões.

2 – Breve perfil dos(as) jovens da Região Metropolitana do Rio de Janeiro ³

Em 2000, a população total dos 18 municípios que constituem a RMRJ era de 10.894.156 pessoas. Os(as) jovens entre 15 e 24 anos eram **1.965.059**, o que equivale a, aproximadamente, 18% da população total⁴. Na pesquisa de opinião, a amostra foi constituída por 702 rapazes (50,1%) e 698 moças (49,9%).

Quanto à inserção dessa parcela da juventude na sociedade de classes, 25,4% dos(as) jovens entrevistados(as) pertencem às classes A/B, **46,1% à classe C**, e 21,5% às classes D/E. Dentre os(as) 1.400 jovens entrevistados(as), 97(6,9%) não puderam ser classificados(as)⁵.

No que diz respeito a cor/raça⁶, a maioria dos(as) entrevistados(as) se declarou branca (38,1%), seguidos pelos(as) que se identificaram como pardos(as) (36,5%) e pretos(as) (19,2%)⁷. Em proporção menor estão os(as) que optaram por se declarar amarelos(as) (4,3%) e indígenas (1,9%).

O estado civil declarado pela maioria dos(as) jovens (87,2%) é o de solteiro(a), enquanto que 12,1% estão entre os(as) casados(as) ou vivendo junto. São 21,6% os(as) jovens que têm filhos(as). O que significa que, para um número significativo de jovens, a maternidade ou a paternidade é vivida fora da relação conjugal.

Do ponto de vista da adesão religiosa, 41,2% dos(as) jovens da RMRJ declararam-se católicos(as), 27,1% evangélicos(as)/protestantes, 3,7% espíritas, 0,6% pertencem às religiões orientais, 0,6% às afro-brasileiras e 0,1% vinculados(as) à religião judaica. 2,6% afirmaram ter uma *“outra religião”*, enquanto que 21,9% assinalaram a alternativa *“acredita em Deus, mas não tem religião”*, e 1,6% declararam *“não acredita em Deus/sem religião”*. Comparando-se com os dados obtidos no Censo de 2000 para o conjunto da população do estado do Rio de

3 Os dados aqui apresentados foram retirados de RODRIGUES e CUNHA (maio de 2005).

4 IBGE, Censo Demográfico. Os dados mais recentes referem-se à Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2003, segundo a qual a população total do RMRJ era de 11.251.811 pessoas e 1.907.448 de jovens (15 a 24 anos), mostrando a diminuição do número de pessoas nesta faixa etária e do peso relativo dos(as) jovens no conjunto da população (17,0%), no intervalo de três anos. É preciso aguardar outras edições dessa pesquisa para verificar se haverá continuidade nesse processo demográfico.

5 O Critério de Classificação Econômica Brasil é utilizado para se estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, reunindo dados relativos à posse de bens duráveis, à escolaridade do(a) chefe do domicílio e local de moradia (distrito censitário).

6 Seguiu-se aqui o padrão utilizado pelo IBGE: autotranscrição e escolha entre cinco alternativas – branca, preta, parda, amarela e indígena, acrescentando a opção “Outra cor – qual?”.

7 Este percentual é bem maior do que o encontrado na PNAD de 2003 para o conjunto da população da RMRJ (10,9%). Além disso, a soma de pardos(as) e pretos(as) na nossa amostra (55,7%) supera o percentual de brancos(as), enquanto que nos resultados da PNAD essa soma é de 41,7%, enquanto o total de brancos(as) é 58,1%. Estariam os(as) jovens dessa região identificando-se mais como não-brancos(as) do que o conjunto da população?

Janeiro, os(as) jovens da RMRJ se declararam menos católicos(as), mais evangélicos(as), e mais sem-religião⁸.

Nesta amostra, 51,1% dos(as) jovens não estavam estudando e 48,9% continuavam na escola. Entre os(as) estudantes há uma pequena predominância masculina (51,8%). Quando consideramos cada faixa etária em particular, percebemos que 83% dos(as) jovens de 15 a 17 anos estavam estudando, mas esse percentual caía conforme aumentava a idade: 46,9% entre os(as) de 18 a 20 anos e apenas 24% entre os(as) jovens de 21 a 24 anos.

A maioria teve sua vida escolar concentrada na escola pública – 77,6%. Quanto ao nível de instrução ou nível de escolaridade, entre os(as) 1.400 jovens entrevistados(as), 30,5% não chegaram a completar o Ensino Fundamental [e, destes(as), 57 jovens estudaram até a 4ª série]. Outros 40% terminaram este ciclo escolar (de 1ª a 8ª série), porém não terminaram o Ensino Médio. Por fim, 29,5% têm o Ensino Médio completo ou mais.

Quanto à inserção dos(as) jovens no mercado de trabalho, à época da pesquisa a maioria (57,4%) não estava exercendo qualquer atividade pela qual recebesse remuneração. Quando considerados em separado, percebemos que é maior a taxa de moças (65,2% das entrevistadas) que não estava no mercado de trabalho, nem formal, nem informal. Observando as diferentes faixas etárias, um quarto dos(as) jovens (24,9%) de 15 a 17 anos estava inserido no mercado de trabalho. Na faixa entre 18 e 20 anos, 41,5% dos(as) jovens estavam obtendo algum rendimento; e, por fim, entre os(as) jovens entre 21 e 24 anos, a maioria (57,2%) está sendo remunerada. O ingresso no mercado de trabalho também é determinado pela situação social dos(as) jovens: nas classes A/B não estavam trabalhando 62,1% dos(as) jovens; na classe C, 54%, e nas classes D/E, 56,1%.

No que diz respeito ao acesso aos bens culturais, ao lazer e à informação, três quartos dos(as) jovens da RMRJ freqüentam shopping centers (74,9%) em seu tempo livre, e pouco mais da metade (55,0%) costuma ir ao cinema. As praças e parques vêm em terceiro lugar como espaços de sociabilidade e lazer, freqüentadas por 48,1% dos(as) jovens. Bem abaixo vêm espaços onde os(as) jovens podem ter acesso a outros tipos de bens culturais: 14,3% vão a teatros, 13,3% a museus e 13,1% a centros culturais, e isso numa Região Metropolitana que dispõe de um grande número desses equipamentos, se bem que eles estejam concentrados nas áreas nobres da metrópole. Chama a atenção o fato de que 9,5% dos(as) jovens entrevistados(as) não freqüentavam nenhum desses espaços. Todos esses espaços culturais são mais freqüentados pelos(as) jovens que ainda se encontram na escola. O grau de escolaridade é outro fator determinante na fruição desses bens culturais: quanto mais escolarizados(as), mais os(as) jovens os freqüentam. Os únicos espaços em que não há esta relação direta são as praças e parques. A maioria

8 Segundo o Censo 2000, a população do RJ era constituída por 56,9% de católicos(as), 21,0% evangélicos(as)/protestantes, 2,8% espíritas, 0,3% pertencente às religiões orientais, 1,3% às afro-brasileiras e 0,3% vinculados(as) à religião judaica. 1,1% afirmou ter uma “outra religião”. Os(as) que disseram não ter religião foram 15,5%, mas entre esses(as) não é possível distinguir os que são ateus(atéias)/agnósticos(as) daqueles(as) que acreditam em Deus, mas não professam nenhum credo religioso.

significativa declarou que costuma se informar (86,4%) e para isso usam como fonte principal a televisão [81,7% dos(as) que buscam informação].

Esse breve perfil poderá ajudar a compreender alguns elementos dos itens que se seguem: as condições em que essa metodologia foi aplicada e adaptada à situação dos(as) jovens da RMRJ e os resultados dos seus diálogos sobre a participação juvenil e seu impacto no aprofundamento da democracia em nosso país.

3 – A metodologia

3.1 – A composição dos Grupos de Diálogo

A convocação dos(as) jovens para os GDs foi feita a partir de uma listagem organizada pelo Instituto Focus, responsável pela Pesquisa de Opinião. A organização desta listagem teve como referência a resposta dos(as) jovens entrevistados(as) à pergunta “*Você tem interesse e poderia participar de um encontro de jovens para discutir alguns temas relativos aos(às) jovens brasileiros(as)?*”, na primeira fase da pesquisa. Aqueles(as) que deram resposta afirmativa tiveram endereço e telefone anotados para contato posterior. Na RMRJ, 697 jovens (49,8%) se dispuseram a participar. A preparação da listagem utilizou como filtros as variáveis: sexo, faixa etária e classe social. Desse modo, para a convocação dos GDs na RMRJ partimos de um universo de 659 jovens⁹, sendo 355 moças (53,9%) e 304 rapazes (46,1%).

A distribuição desses(as) jovens por classe social resultou na seguinte configuração: 171 (26,0%) na classe A/B; 329 na classe C (49,9%) e 159 na classe D/E (24,1%). Esses resultados são bastante aproximados aos da pesquisa de opinião¹⁰. Porém, chama atenção se relacionamos sexo com classe social, pois são mais moças na classe D/E do que rapazes: 103 moças e 46 rapazes. E, ao contrário, são mais rapazes na classe A/B do que moças (96 rapazes e 75 moças). A pobreza, além de cor/raça, teria também sexo?

Outro filtro utilizado nessa listagem que foi considerado para organização de um dos GDs, era o da “experiência prévia de participação” dos(as) jovens. Na pesquisa de opinião, 29,5% informaram que participavam de algum tipo de grupo, como os de atividades esportivas, grupos religiosos, culturais, políticos etc. Se por um lado, como visto acima, foram as moças que se mostraram mais dispostas a participar dessa segunda etapa da pesquisa, por outro, foram os rapazes que figuraram como maioria entre os(as) jovens com “experiência prévia de participação”: 102 moças e 115 rapazes. Essa predominância masculina provavelmente se deve à participação em grupos que desenvolvem atividades esportivas¹¹.

9 Este número menor que o total de jovens que se propuseram a participar dos GDs possivelmente se deve ao fato de uma parte deles(as) (6,9% da amostra) não pode ser identificada no que diz respeito à classe social.

10 Quando se excluem da amostra os(as) que não tiveram seu pertencimento de classe identificado: classe A/B = 27,3%; classe C = 49,6%; classe D/E = 23,1%.

11 Esses grupos tinham o mais alto índice de participação juvenil [dos(as) 413 jovens participantes de grupos, 37,5% declararam que seu grupo realizava atividades esportivas]. Mas entre os rapazes participantes de grupos, 53,0% afirmaram que seus grupos realizam esse tipo de atividade, e entre as moças, apenas 20,4% fazem parte de grupos com essa característica.

Na RMRJ, os GDs foram realizados segundo o cronograma abaixo:

Tabela 1 – Cronograma dos GDs da RMRJ

GD	DATA	PARTICIPANTES
GD1	12/03/2005	Jovens com experiência prévia de participação
GD2	19/03/2005	Jovens de 15 a 17 anos
GD3	02/04/2005	Jovens de 18 a 24 anos
GD4	09/04/2005	Jovens de 15 a 24 anos
GD5	30/04/2005	Jovens de 15 a 24 anos

3.2 – O processo de convocação

A convocação dos(as) jovens se deu a partir do envio de uma carta-padrão disponibilizada pela coordenação nacional a todas equipes regionais, seguindo a indicação das Tabelas de Distribuição por Sexo e Classe para cada GD¹² e a recomendação de convidar 10% a mais de jovens além dos(as) 40 que deveriam compor cada GD, conforme previa a metodologia. No momento da convocação, foram constatados diversos problemas referentes aos dados de endereçamento, o que exigiu, na maioria dos casos, um contato telefônico antes do envio da carta.

Nesse primeiro contato dos(as) pesquisadores(as) com os(as) jovens, foi possível perceber duas coisas. A primeira é que para os(as) que já haviam recebido a carta, somente a sua leitura não se mostrava suficiente para motivar o(a) jovem a participar do encontro. Afinal, para qualquer pessoa é surpreendente e, de certa forma, inédito, o recebimento de uma correspondência dessa natureza. E, para aqueles(as) que não haviam recebido a carta, essa conversa-convite inicial pareceu despertar mais curiosidade e interesse do(a) jovem.

Muitas vezes, não foi possível falar com os(as) jovens, porque estavam na escola, trabalhando ou dormindo, obrigando, assim, uma nova ligação, às vezes, tarde da noite ou nos finais de semana. Nesses casos, o contato se dava com alguns(mas) familiares, que antes de ouvirem todas as explicações, perguntavam se era algum emprego, e já comentavam sobre a necessidade do(a) jovem trabalhar. De um modo geral, o clima das conversas foi agradável, tanto com familiares como com os(as) jovens.

Uma vez enviada a carta, a equipe aguardava cerca de cinco dias (nem sempre suficientes para o recebimento da carta) para, então, telefonar e confirmar a participação dos(as) jovens. E, nesse segundo contato, quando foi possível falar diretamente com o(a) convidado(a), alguns(mas) jovens, de imediato, agradeciam o convite, mas declinavam alegando que estudavam ou trabalhavam aos sábados ou que já tinham compromisso; outros(as), porque não tinham dinheiro para se deslocarem; outros ainda, porque não tinham

¹² Essas tabelas precediam a listagem com os nomes e endereços dos(as) jovens, preparada pelo Instituto Focus.

quem os levassem; uma jovem disse que não tinha com quem deixar o filho, e alguns rapazes porque estavam servindo o Exército. Apenas uma jovem disse que não tinha interesse em participar. Essas podem ser explicações para o não comparecimento de 40 jovens em nenhum dos GDs da RMRJ. Com o reduzido comparecimento no “GD piloto” (organizado pela equipe técnica no Rio de Janeiro) e nos primeiros GDs realizados nas RMs de Recife e do Rio de Janeiro em 12 de março, a equipe técnica definiu que os convites deveriam ser enviados a um número maior de jovens [40% a mais que os(as) 40 esperados para cada GD].

Segue a tabela que mostra o número de convites enviados por carta e demais indicadores para realização dos GDs, na qual se pode verificar que das 151 pessoas confirmadas, compareceram 103. E se ainda somarmos aos(às) confirmados(as) os que disseram que “talvez” viriam, menos de 50% dos(as) convidados(as) compareceu.

Tabela 2 – Convocação para os GDs da RMRJ

GD	Convidados(as)	Confirmados(as)	Talvez	Comparecimento ¹³	TOTAL
1	44	18	07	13 ¹⁴	14
2	58	31	12	(19) + (1)	20
3	57	38	08	(19) + (3)	22
4	63	36	17	(26) + (3)	29
5	58	28	17	(18)	18
TOTAL	280	151	61		103

3.3 – Os(as) jovens participantes dos Diálogos no Rio de Janeiro

Quem são os(as) 103 jovens que participaram desses GDs? A seguir apresentamos uma breve caracterização deles(as), considerando sexo, faixa etária, classe social, local de moradia, escolaridade e inserção no mercado de trabalho.

a) Sexo

Se os resultados da pesquisa de opinião em relação ao sexo dos(as) respondentes apontaram para uma pequeníssima maioria de rapazes (apenas quatro a mais), nos GDs, essa tendência aumenta significativamente: foram 59 rapazes e 44 moças, o que representa mais de 15% de rapazes presentes. Eles foram maioria em todos os GDs, exceto no grupo de “participação prévia”, em que o número de moças e rapazes coincidiu.

Tabela 3 – Jovens participantes dos GDs da RMRJ, segundo o sexo

13 O primeiro número entre parênteses indica os(as) jovens que confirmaram e compareceram; e o segundo, os(as) que disseram que “talvez” viessem e compareceram.

14 O(a) 14^{o(a)} jovem não havia sequer sido contatado(a) por telefone.

GD	Feminino	Masculino	Total por grupo
1° (participação prévia)	07	07	14
2° (15 a 17 anos)	09	11	20
3° (18 a 24 anos)	10	12	22
4° (15 a 24 anos)	10	19	29
5° (15 a 24 anos)	08	10	18
TOTAL	44	59	103

E isso foi surpreendente, na medida em que as moças estavam em maior proporção (53,9%) entre os(as) jovens dispostos(as) a participar dos GDs. Poder-se-ia pensar em maior cuidado, o que implicaria, menos liberdade para as moças? Parece que sim, porque foram, principalmente, as moças que levaram acompanhantes e, algumas vezes, foram elas que, ao declinarem do convite, alegaram que não tinham com quem deixar o(a) filho(a), ou que estavam grávidas, uma delas em adiantado estado de gestação. Também se pode imaginar que a obrigação de cumprir tarefas domésticas, geralmente colocadas sob a responsabilidade feminina, restringiu a sua participação, especialmente das estudantes e trabalhadoras que, quando têm folga aos sábados, dia em que foram realizados os GDs, aproveitam o dia para intensificar os afazeres domésticos.

b) Faixa etária

A maioria dos(as) jovens presentes, cerca de 60%, se encontrava na faixa etária de 18 a 24 anos. Como esse intervalo reúne jovens com sete idades diferentes, e a outra faixa (15 a 17 anos) refere-se a jovens com três idades, se tivesse sido mantida a proporcionalidade da amostra da pesquisa de opinião, esperaríamos ter nos GDs 70% de jovens entre 18 e 24 anos.

Tabela 4 – Jovens participantes dos GDs da RMRJ, segundo sexo e faixas etárias

GD	15 a 17 anos		18 a 24		Total	
	Fem.	Masc.	Fem.	masc.	Fem.	masc.
1° (participação prévia)	03	04	04	03	07	07
2° (15 a 17 anos)	09	11	-	-	09	11
3° (18 a 24 anos)	-	-	10	12	10	12
4° (15 a 24 anos)	05	05	05	14	10	19
5° (15 a 24 anos)	02	02	06	08	08	10
Total por faixa etária/sexo	19	22	25	37	44	59
Total por faixa etária	41		62		103	
%	39,8%		60,2%		100%	

Mesmo considerando que os(as) mais velhos possam ter maior autonomia para circular pela cidade, esse número indica que os(as) mais novos(as) estiveram mais presentes. Talvez porque mais liberados(as) de atividades de trabalho remunerado e/ou domésticas e também porque alguns(mas) tiveram acompanhantes.

c) Classe social

Em relação à classe social dos(as) jovens presentes nos encontros, da mesma forma que na pesquisa de opinião, a maioria está localizada na classe C (54,4%).

Tabela 5 – Jovens participantes dos GDs da RMRJ, segundo classe social

	A/B		C		D/E	
	Número	%	número	%	número	%
1° (partic. prévia)	07	50%	07	50%	-	-
2° (15 a 17 anos)	07	35%	09	45%	04	20%
3° (18 a 24 anos)	05	22,7%	14	63,7%	03	13,6%
4° (15 a 24 anos)	08	27,6%	17	58,6%	04	13,8%
5° (15 a 24 anos)	04	22,2%	09	50%	05	27,8%
TOTAL	31	30,1%	56	54,4%	16	15,5%

Entretanto, tivemos uma presença mais significativa de jovens das classes A/B em relação aos(as) das classes D/E. Na pesquisa de opinião, após o ajuste descontando os(as) jovens que não tiveram sua classe social identificada, a diferença era de 4,2%, e nos GDs ela foi de quase o dobro.

Quando se relaciona sexo e classe social, são os rapazes que estão mais representados entre os(as) jovens das classes A/B. As moças, ao contrário, estão mais presentes entre os(as) jovens mais pobres, ou seja, nas classes D/E.

Tabela 6 – Jovens participantes dos GDs da RMRJ, segundo classe social e sexo

Classe	Feminino	%	Masculino	%	TOTAL	%
A/B	08	25,8	23	74,2	31	100%
C	23	41,1	33	58,9	56	100%
D/E	13	81,2%	03	18,8	16	100%

d) Local de moradia

Ao definir o perfil dos(as) jovens participantes dos GDs com relação ao local de moradia, assinalamos que, diferentemente de outras Regiões Metropolitanas, em que a pobreza é mais nitidamente territorializada, na RMRJ, há uma estreita proximidade geográfica entre as diferentes classes sociais. No entanto, isso não quer dizer que a matriz “cidade partida”, que se estende por toda a RMRJ, não esteja presente nas relações que marcam o convívio entre as classes. Moradores(as) de regiões tidas como pobres podem pertencer às classes média ou

alta, do mesmo modo como em bairros ditos nobres existem representantes das classes mais empobrecidas. Um jovem que participou dos GDs vive no Morro do Vidigal, por exemplo, e pertence às classes A/B, enquanto, outros(as) que moram no “asfalto”, são das classes D/E. Na Baixada Fluminense, região considerada periférica em relação à cidade do Rio, também há jovens das classes A/B.

Dos 20 municípios que compõem a RMRJ, 12 foram representados pelos(as) jovens que vieram de cada um deles:

Tabela 7 – Local de moradia dos(as) jovens participantes dos GDs da RMRJ

Local de Moradia	Total	%
Municípios da Baixada Fluminense	37	35,9%
Belford Roxo	7	
Duque de Caxias	6	
Itaguaí	1	
Magé	4	
Nova Iguaçu	6	
Nilópolis	4	
Queimados	1	
São João de Meriti	8	
Demais municípios	10	9,7%
Niterói	3	
São Gonçalo	5	
Itaboraí	2	
Município do Rio de Janeiro	56	54,4%
Zonas Norte e Sul	9	
Bairros periféricos	12	
Subúrbios	29	
Áreas centrais e adjacências	06	
Total de jovens	103	100%

Vê-se, então, que mais da metade dos(as) jovens vieram do município do Rio de Janeiro, totalizando 54,4%; dos municípios da Baixada Fluminense vieram 38 jovens, somando, 35,9%; do conjunto “demais municípios” – Niterói, São Gonçalo e Itaboraí – vieram cerca de 9%.

As categorias utilizadas na tabela acima para o município do Rio de Janeiro demonstram a variedade de situações sociogeográficas existente na cidade.

- Zona Norte – Maracanã, Tijuca, Vila Isabel;
- Zona Sul – Barra da Tijuca, Copacabana, Vidigal;
- Bairros periféricos – Bangu, Campo Grande, Paciência, Santa Cruz. Santíssimo e Senador Camará;

- Subúrbios – Brás de Pina, Cachambi. Colégio, Cordovil, Engenho Novo, Galeão, Irajá, Jacarepaguá, Lins de Vasconcelos, Madureira, Maré, Olaria, Penha, Rocha, Vigário Geral e Vila Valqueire;
- Áreas centrais e adjacências – Caju, Manguinhos e Rio Comprido.

Se considerarmos a distância de mais de 30 quilômetros do centro da cidade do Rio como parâmetro para definir periferia, é possível somar os 38 jovens da Baixada, os(as) 12 jovens que vieram de bairros mais distantes que Bangu e os(as) sete que vieram de São Gonçalo e Itaboraí, totalizando 57 pessoas. Se o número total de jovens é de 103, pode-se dizer que a maioria dos(as) jovens participantes dos GDs vieram das áreas periféricas e nem por isso fazem parte das classes menos favorecidas. Mas a distância se constituiu em um desafio adicional para a realização dos GDs, porque muitos(as) desses(as) jovens não conheciam bem o centro da cidade, ou não tinham o hábito de transitar por essa região, onde os encontros foram realizados.

e) Escolaridade

O nível de escolaridade dos(as) jovens participantes dos GDs foi verificado através do instrumento de pesquisa “ficha Pós-Diálogo”. Sua apuração resultou em:

Tabela 8 – Escolaridade dos(as) jovens participantes dos GDs na RMRJ

Não freqüentou escola	Completo a 4ª série do Ensino Fundamental	Completo a 8ª série do Ensino Fundamental	Completo o Ensino Médio	Está cursando ou completou o Ensino Superior
02	02	47	39	13
1,9%	1,9%	45,7%	37,9%	12,6%

Comparando esses dados com os obtidos na pesquisa de opinião, percebemos que o percentual de jovens que concluíram o Ensino Fundamental é semelhante entre os(as) participantes dos GDs (45,7%) e na amostra representativa dos(as) jovens da RMRJ (40,0%). No entanto, há diferenças significativas nos demais níveis de escolaridade. Segundo os dados da pesquisa de opinião, 30,5% dos(as) jovens não chegaram a completar o Ensino Fundamental, mas entre os(as) jovens participantes dos Diálogos esse percentual não chegou a 4%. E, no outro extremo, na RMRJ, 29,5% dos(as) jovens declararam ter concluído ao menos o Ensino Médio, enquanto que metade (50,5%) dos(as) jovens que participaram dos GDs tinham esse grau de escolaridade. A hipótese que levantamos é que os(as) jovens mais escolarizados(as) tiveram maior interesse e/ou disponibilidade para aceitar o convite para os Diálogos¹⁵.

15 De fato, alguns(mas) jovens, ao serem convidados(as), disseram que participar da pesquisa poderia lhes ajudar na preparação para os exames do vestibular. Por outro lado, assinalamos que a pergunta foi formulada de modo diferente no questionário aplicado aos 1400 jovens e na ficha Pós-Diálogo, o que dificulta a comparação entre os resultados.

Duas outras questões merecem destaque: uma diz respeito ao resultado da primeira coluna da tabela anterior, que não corresponde à realidade. É provável que os(as) dois(duas) jovens que marcaram essa opção entenderam a formulação da pergunta no tempo presente, e não no tempo pretérito, conforme formulado na ficha. Observamos que todos os(as) jovens puderam utilizar a leitura e a escrita, mesmo que em graus muito diferenciados de fluência. A outra se relaciona ao fato de que, para eles(as), ter ingressado no Ensino Médio representa muito mais do que simplesmente ter completado o Ensino Fundamental. Tanto é que, parte daqueles(as) que cursava o Ensino Médio, e, como uma espécie de protesto, marcou a opção “até o Ensino Médio”, completando ao lado com a série que estava cursando. Para que o resultado da apuração fosse compatível com a formulação da questão, assinalamos, nesses casos, “Ensino Fundamental”, ou seja, o último nível concluído pelos(as) jovens.

Dada a ausência de uma questão relativa à permanência do(a) jovem participante dos GDs na escola, é provável que uma parte dos(as) jovens que completaram o Ensino Fundamental estivesse cursando o Ensino Médio, mas não foi possível estabelecer uma comparação com os resultados da pesquisa de opinião.

f) Situação no mercado de trabalho

A maioria dos(as) jovens participantes dos GDs (61%) não estava trabalhando à época em que os encontros foram realizados. Trata-se de um percentual semelhante ao encontrado na pesquisa de opinião: 57,4% dos(as) jovens da RMRJ não exerciam qualquer atividade remunerada.

Tabela 9 – Situação frente ao mercado de trabalho dos(as) jovens participantes dos GDs na RMRJ

GD	Trabalham		Não trabalham		Total por grupo %	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº	%
1º (participação prévia)	7	50%	7	50%	14	100%
2º (15 a 17 anos)	3	15%	17	85%	20	100%
3º (18 a 24 anos)	13	59%	9	41%	22	100%
4º (15 a 24 anos)	9	31%	20	69%	29	100%
5º (15 a 24 anos)	8	44%	10	56%	18	100%
TOTAL	40	39%	63	61%	103	100%

Quando consideramos em separado, percebemos que 31,8% das moças estavam trabalhando, enquanto que entre os rapazes o índice de ocupação era de 44,0%. Isso reproduz a tendência observada na pesquisa de opinião: apenas 34,8% das moças da RMRJ tinham alguma atividade remunerada, ao passo que 49,6% dos rapazes estavam trabalhando.

Cerca da quinta parte dos(as) jovens de 15 a 17 anos que participaram dos GDs estava trabalhando (21,1%). Na faixa de 18 a 24 anos, este índice se eleva a 49,2%, níveis semelhantes aos encontrados na pesquisa de opinião, segundo a qual 24,9% dos(as) jovens de 15 a 17 anos e 50,4% dos(as) jovens de 18 e 24 anos estavam inseridos no mercado de trabalho.

3.4 – Local de realização dos Grupos, surpresas e casos interessantes

Os GDs da RMRJ se realizaram no prédio do Clube de Engenharia, localizado à Avenida Rio Branco, 124/24º andar, no centro da cidade. O local, de fácil acesso, foi pensado devido a grande quantidade de meios de transporte disponíveis (ônibus, trem, metrô, barcas) para todas as áreas do Rio de Janeiro.

O local era composto por duas amplas salas, onde eram realizadas as diferentes atividades, tais como, plenárias, subgrupos de trabalho, almoço e lanches.

Para os(as) acompanhantes dos(as) jovens, foi reservada a área do hall de entrada, onde havia revistas e jornais. A presença desses(as) acompanhantes se deu, principalmente, no GD2 formado por jovens da faixa etária de 15 a 17 anos.

Nos momentos de intervalos, a música se mostrou um excelente instrumento de descontração, animação e integração.

Quanto às surpresas e casos interessantes que marcaram os GDs, chama atenção o fato de a grande maioria dos(as) jovens ter chegado ao local de trabalho com mais de uma hora de antecedência do horário marcado. Apenas um jovem chegou com o trabalho já iniciado. As justificativas dadas eram ou por morarem em locais distantes ou por receio de não encontrarem o local a tempo. Um dos rapazes, morador de Queimados, chegou às seis horas da manhã, encontrando o prédio ainda fechado.

No último GD, um dos(as) jovens contou que havia saído do trabalho noturno (era metalúrgico) vindo direto para o encontro por acreditar na importância deste para sua formação.

3.5 – O Dia de Diálogo passo a passo

a) O Guia do(a) Facilitador(a)

A equipe técnica preparou um Guia do(a) Facilitador(a) com o objetivo de fornecer uma orientação unificada para os(as) pesquisadores que seriam responsáveis pela realização dos Diálogos nas diferentes RMs. No Rio de Janeiro, o Guia foi seguido com fidelidade no que se refere ao acompanhamento da seqüência das diferentes etapas do Dia de Diálogo. No entanto, sofreu algumas modificações no que tange, principalmente, à distribuição do tempo destinado a cada uma das atividades. Por exemplo, o número menor de jovens por GD possibilitou um maior tempo dedicado a determinadas partes do Dia, como a apresentação dos relatos dos subgrupos, ou a atividades mais complexas, como a produção de consensos em plenária. Cabe ressaltar que os primeiros GDs, realizados no Rio de Janeiro e em Recife, funcionaram de fato como “grupos-piloto” para as demais RMs, sugerindo adaptações na metodologia seguidas posteriormente por todas as equipes. Isso aconteceu também na forma de utilização de alguns dos instrumentos de pesquisa, como veremos mais adiante.

Na RMRJ, os(as) próprios(as) jovens criaram também um tipo de adaptação à proposta metodológica, na medida em que todos os subgrupos fizeram a opção por realizar uma apresentação coletiva, em plenária, ao contrário da orientação de escolher apenas um(a) relator(a) por subgrupo.

O Guia do(a) Facilitador(a) permitiu também à equipe manter-se fiel aos princípios da metodologia e aos propósitos da pesquisa já que, a todo momento, os(as) jovens traziam inúmeras questões e demandas que fugiam do foco das questões a serem investigadas.

b) Equipe de trabalho

A equipe de pesquisadores(as) composta por três pessoas se revezava no papel de facilitador(a) ao longo do Dia. A realização de dinâmicas, a explicação de conteúdos, as respostas aos questionamentos acerca desses mesmos conteúdos, o estímulo à reflexão e a fala dos(as) jovens, a preocupação pela compreensão exata sobre o que o(a) jovem estava falando, entre outras atividades, foram algumas das responsabilidades da equipe. Além disso, a equipe também foi responsável por toda a pré-produção, desde telefonemas, envio de convite, organização do espaço, até detalhes relativos à alimentação, sonorização, e coordenação das atividades da secretaria.

Além disso, cinco pesquisadoras bolsistas acompanhavam os trabalhos nos subgrupos. Podemos dizer que o papel dessas profissionais foi crescendo ao longo da realização dos GDs. Elas deixaram de exercer somente a função de observação e anotação das dinâmicas nos subgrupos e passaram a ler o Roteiro para o Diálogo e a desempenhar o papel de mediação, esclarecendo possíveis dúvidas sobre o significado de palavras e expressões, e interferindo em ocasiões de monopólio da fala e/ou discussões mais acentuadas. O fato das pesquisadoras bolsistas serem jovens e, em sua maioria, estudantes, provocou um efeito de identificação entre elas e os(as) jovens participantes do Diálogo, que aceitaram bem sua presença e mediação nos subgrupos.

Vale lembrar que, para elas, esse foi o maior desafio e, ao mesmo tempo, um grande aprendizado. Qual o momento necessário para intervir? Quais os limites? Como se colocar sem influenciar ou induzir a opinião do Grupo? Eram algumas das questões discutidas por toda a equipe após a realização de cada GD.

Esse coletivo de pesquisadores(as) e bolsistas contou ainda com o trabalho de outros(as) profissionais, responsáveis pelo apoio logístico e secretaria, sonorização e alimentação.

c) Instrumentos do Diálogo

Para a realização dos GDs foram preparados diversos instrumentos:

- Roteiro para o Diálogo
- Estandartes (*banners*)
- CD-ROM
- Fichas Pré e Pós-Diálogo

Uma das premissas dessa metodologia é que a informação qualificada deve subsidiar o diálogo entre as pessoas e a tomada de decisões políticas. Os três primeiros instrumentos visavam fornecer essas informações aos(as) jovens.

Cadernos (Roteiros para o Diálogo):

A elaboração desse instrumento de trabalho foi assumida pela equipe técnica, que contou com a colaboração, os comentários e sugestões das equipes regionais de pesquisadores(as). O resultado final foi um caderno caracterizado por um esmero na apresentação gráfica. O cronograma apertado da pesquisa não possibilitou que uma primeira versão desse instrumento fosse testada com jovens de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade. Mesmo tendo passado por uma revisão feita por profissionais da área de comunicação, a linguagem foi considerada extremamente sofisticada, o que pode ter contribuído para dificultar o pleno entendimento de seu conteúdo pelos(as) jovens. Por outro lado, os(as) jovens apreciaram saber que o Caderno lhes pertencia e alguns(mas) disseram que queriam mostrá-lo a outras pessoas de suas relações.

Estandartes:

Tiveram mais a função de criar uma ambientação, se apresentando ainda como recurso de identificação visual para aproximar os(as) jovens dos personagens que os(as) acompanhariam ao longo do Dia.

CD ROM:

Foi, sem dúvida, sua exibição que mais despertou a atenção dos(as) jovens, o que reforça uma das marcas geracionais da juventude atual, qual seja, a predominância da linguagem audiovisual. A utilização desta linguagem contribuiu para o envolvimento dos(as) jovens com o conteúdo ali apresentado. Tanto é que, ao destacarem na rodada em plenária o que mais chamou atenção na exibição do CD, os(as) jovens faziam referência a diferentes informações e dados: os altos índices de morte entre jovens negros(as), o maior acesso a computadores por jovens das classes A/B, pessoas vivendo com apenas R\$ 2,00 por dia. E, por outro lado, quase não foram comentadas informações sobre os Caminhos Participativos, o que pode indicar pouca familiaridade dos(as) jovens com o que ali estava sendo proposto.

Uma das adaptações metodológicas introduzidas foi a reapresentação de uma parte do CD no início das atividades da tarde, para melhor fixação do conteúdo relativo aos Caminhos Participativos propostos pela pesquisa.

Fichas pré e pós-Diálogo:

Esses instrumentos, cujo objetivo era medir o nível de adesão aos Caminhos Participativos, ao serem apresentados na forma de uma régua de gradação extensa (de 1 a 7) causaram uma certa dificuldade no seu preenchimento. No caso da ficha Pré-Diálogo, essa dificuldade foi ainda maior pela pouca proximidade, no início do Dia, com o conteúdo dos Caminhos Participativos, que acabara de ser apresentado através do CD ROM e era o tema de um dos standartes expostos. E, na ficha Pós-Diálogo, o que dificultou foi a indicação para que os(as) jovens determinassem seu nível de adesão a partir do comando “*sob a condição de*”, que se mostrou ininteligível para uma boa parte dos(as) jovens.

Ainda na ficha Pós-Diálogo, que também reunia questões com o propósito de traçar o perfil do(a) participante quanto à escolaridade e trabalho, uma relevante questão a ser considerada pelas políticas públicas não foi incorporada, que é a de revelar se o(a) jovem estava ou não freqüentando a escola, já que, segundo a pesquisa de opinião, menos da metade dos(as) jovens estava estudando. A preocupação com que os(as) jovens não gastassem muito tempo no preenchimento dessa ficha fez com que não tivéssemos acesso a outras informações importantes sobre o perfil dos(as) jovens participantes dos Diálogos, como a situação de conjugalidade ou a posse de filhos(as).

No momento do preenchimento das fichas, os(as) jovens revelaram um forte traço que marca as tarefas escolares, que é o de buscar a “reposta certa” ou a confirmação de sua resposta junto ao(à) colega ao lado.

A quantidade de informações contidas nestes instrumentos, aliada à já referida sofisticação da linguagem utilizada, exigiu da equipe de pesquisadores(as) constantes intervenções, na tentativa de contribuir para uma melhor compreensão dos conteúdos por parte dos(as) jovens. Por outro lado, algumas informações aparecem repetidas em diferentes instrumentos, o que, sem dúvida, facilitou sua assimilação. Entretanto, os(as) facilitadores(as) ficaram com a sensação de que essas intervenções reduziram o tempo dos(as) jovens expressarem suas opiniões e colocá-las em diálogo com as de outros(as).

3.6. Análise sobre a organização da pesquisa em rede

A organização da pesquisa, através da implantação de uma rede de parceiros localizados nas oito Regiões Metropolitanas investigadas, proporcionou mais do que uma rica troca de experiências, tendo sido fundamental para o aperfeiçoamento da metodologia e sua adaptação à realidade brasileira.

A troca de informações e notícias sobre cada um dos GDs que iam se realizando nas diferentes RMs, através da internet, suscitou um espírito de colaboração entre as equipes do Brasil, que se expressou, ora nas mensagens de incentivo frente a obstáculos enfrentados, ora na troca e circulação de informações em torno de questões que exigiam das equipes alguma reflexão.

Tal espírito de colaboração, que se inicia na realização dos seminários que contaram com a participação das equipes de pesquisadores(as) das diferentes Regiões Metropolitanas, foi também enriquecido pelo intercâmbio com as pesquisadoras canadenses do CPRN. Naqueles seminários, a metodologia proposta foi discutida em seus pormenores e foram apresentadas e aperfeiçoadas as primeiras versões dos instrumentos de pesquisa (Questionário, Roteiro para o Diálogo etc.).

A rede assim criada garantiu a realização simultânea da pesquisa em regiões espalhadas por esse país continental, segundo padrões que possibilitaram a agregação e a comparação dos resultados regionais.

Todos esses encontros (presenciais e virtuais) foram extremamente importantes para uma verdadeira produção coletiva do conhecimento e da aplicação da metodologia.

A relação das diferentes equipes de pesquisadores(as) com a equipe técnica, sempre pronta a esclarecer dúvidas relativas à aplicação da metodologia da pesquisa, é também um ponto que merece destaque por ter contribuído enormemente para o fortalecimento dos laços de parceria que caracterizaram esta pesquisa.

Para além da própria execução da pesquisa, a rede criada possibilita que os(as) pesquisadores(as) envolvidos(as) compartilhem idéias, construam ou reforcem identidades. A aproximação entre entidades com perfis institucionais diferenciados (grupos de pesquisa sediados em universidades, organizações não-governamentais, observatórios de políticas públicas) também abre perspectivas tanto para desdobramentos desse projeto, ou para a realização de novas pesquisas, ou ainda para ações coletivas e articuladas que busquem ampliar e efetivar os direitos dos(as) jovens brasileiros(as).

4– O conteúdo das discussões

4.1 – Comentários iniciais: o que preocupa os(as) jovens?

Iniciado o Dia de Diálogo, após as saudações iniciais e a apresentação dos objetivos da pesquisa, os(as) jovens eram convidados(as) a se apresentar, dizendo nome, idade, local de moradia e respondendo à questão: *“O que mais preocupa você hoje no Brasil?”*. Nessa atividade, eles(as) eram convocados(as), pela primeira vez, a se mostrarem, a falarem de si e, de certa forma, a perceberem a importância de sua presença e a centralidade de suas opiniões. Percebemos que os(as) jovens não se inibiram diante do sistema de gravação, talvez porque se trate de um mecanismo muito presente na vida cotidiana, através dos meios de comunicação, e que se sentiam valorizados(as) ao terem sua opinião registrada.

Quanto às questões que mais preocupavam os(as) jovens, ganham destaque as que os(as) atingem mais de perto, como a violência que foi citada por 55 jovens dos(as) 103 participantes dos GDs; o desemprego (34 referências); a educação (15); a saúde (12); a falta de oportunidades (nove) e as desigualdades sociais (oito). No anexo 1, podem ser encontrados exemplos de como os(as) jovens se referiram a esses temas. A tabela 10 apresenta os temas que preocupam os(as) jovens, e a frequência com que eles foram mencionados em cada GD.

Com relação à “violência”, que aparece como a questão que mais preocupa os(as) jovens, pode-se dizer que esta não é uma preocupação apenas deles(as), mas de toda a sociedade. Além disso, pode-se dizer também que, o modo como a violência é vista e sentida pela população de um modo geral, e amplamente propagada pela mídia, tem servido para desfocar o lugar efetivo de produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais, econômicas e culturais. Assim, quando falamos de violência, pensamos apenas naquela perpetrada pelos(as) “criminosos(as)” e “marginais”.

Portanto, tratar-se-ia apenas de uma violência territorializada que, de um modo geral, penaliza duplamente as populações mais pobres. Primeiro porque são elas as mais vulneráveis diante de políticas de insegurança nos seus vários aspectos – alimentar, educacional, na saúde, transporte, habitação etc.; segundo, porque são comumente vistas como responsáveis pela violência. Mas, no caso da cidade do Rio de Janeiro, como esta territorialização não é bem definida, a mesma sensação de insegurança é compartilhada pelas diferentes classes sociais. Isso fica evidente no depoimento de um jovem, morador de uma das zonas mais nobres da cidade do Rio que afirma o seguinte: *“(…) tenho 19 anos, moro na Barra, mas me preocupo com a violência”* (GD2).

Tabela 10 – Comentários iniciais

Comentários iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 15-18 19/03/05	Grupo de Diálogo 18-24 02/04/05	1º Grupo de Diálogo 15-24 09/04/05	2º Grupo de Diálogo 15-24 30/04/05	Grupo de Diálogo Exp. Participativa 12/03/05	TOTAIS
Violência	8/20	11/22	18/29	9/18	9/14	55/103
Segurança	1	1	0	1	1	4
Polícia	0	2	0	0	0	2
Criminalidade	1	0	0	0	0	1
Morte dos(as) jovens	0	1	0	0	0	1
Desigualdade social	1	2	2	2	1	8
Desemprego	5	8	11	8	2	34
Primeiro emprego	0	4	0	0	0	4
Educação	1	4	4	3	3	15
Falta de acesso à educação e à cultura	1	0	0	0	0	1
Falta de oportunidades	1	3	5	0	0	9
Drogas	1	1	0	0	1	3
Saúde	1	2	8	0	1	12
Miséria	1	0	1	0	0	2
Fome	0	0	1	0	0	1
Pobreza	0	0	0	0	1	1
Abandono	0	1	0	0	0	1
Alienação da juventude	0	1	0	0	0	1
Corrupção	0	0	1	0	0	1
Política	0	0	1	0	0	1
Discriminação	0	1	0	0	0	1
Racismo	0	2	0	0	0	2

E mais, em se tratando de uma cidade que tem exercido o papel de pólo irradiador de comportamentos, atitudes e valores para o país, o Rio de Janeiro tem servido hoje para propagar o que se poderia denominar de “cultura da violência”. Uma recente pesquisa realizada pelo *rapper* MV Bill revela que os “*meninos do tráfico*” nas diferentes capitais do Brasil têm como modelo de organização e comportamento o tráfico de armas e drogas dos morros cariocas¹⁶.

É interessante notar que alguns(mas) jovens dão pistas da relação existente entre a violência propagada e a violência estrutural. Isso pode ser percebido no modo como associam violência a outros temas como desemprego, má distribuição de renda, desigualdade social, falta de oportunidades e educação: “*E a minha maior preocupação é a violência, que eu acho que é a causa, pelo fato do desemprego*”. (GD5).

O “desemprego” aparece como o segundo tema que mais preocupa aos(às) jovens, e confirma o que vem se caracterizando como marcas geracionais da juventude brasileira na atualidade, que são a “violência” e o “desemprego”¹⁷. E é esse desemprego estrutural, produzido pelas profundas transformações por que tem passado o mundo do trabalho, que os(as) jovens desta geração vivenciam mais intensamente e prematuramente, já que encontram esta barreira ao buscar suas primeiras inserções profissionais. Alguns(mas) participantes, jocosamente, apelidaram esta situação de “efeito Tostines”.

(...) o que me preocupa mais, assim, no momento em relação ao jovem é falta de oportunidade que ele tem, a questão do primeiro emprego, porque muitas vezes as pessoas não querem dar o emprego porque querem experiência do jovem, mas como que o jovem vai ter experiência se não dão oportunidade de conseguir o primeiro emprego? (GD3)

A “educação” aparece em terceiro lugar e os(as) jovens podem estar fazendo coro com um disseminado senso comum que a vê como saída para todos os problemas sociais brasileiros, e, também, como estratégia de inserção do Brasil no “mundo globalizado”.

(...) eu acho que o que mais me preocupa é educação, porque se você consertar a educação, o resto você conserta por tabela. Vai consertar a parte de violência, de racismo, de tudo, porque os países desenvolvidos, eles investem muito em educação, por isso que eles estão lá no alto. (GD3)

Pelo modo como esse tema aparece ao longo do Dia, vê-se, também, que ele está, principalmente, restrito ao espaço escolar. E quando há alguma voz dissonante, o papel da escola é dividido com a “família”, considerada também espaço de aprendizagem.

(...) porque não basta só a escola, há também a família, a questão do lar. Então, a criança vai formar sua personalidade vindo também do lar, não somente da escola. (GD1)

16 Pesquisa a partir da qual foi produzido o documentário “Os Falcões”, ainda inédito, e que também está divulgada em Soares e Atháide (2005).

17 Esse dois aspectos (que se traduzem nos “medos de morrer e de sobrar”, segundo as palavras de Regina Novaes), ao lado da comunicação virtual, constituiriam os elementos da experiência geracional comum aos(às) jovens brasileiros(as) deste início de século (Cf. Novaes, 2001).

A “saúde” ficou em quarto lugar no ranking das preocupações, mas este tema está praticamente concentrado no GD3, em que ele foi mencionado oito vezes, num total de 12 citações. Isso talvez tenha ocorrido porque, na ocasião, os hospitais administrados pela prefeitura do Rio de Janeiro encontravam-se sob intervenção federal e os meios de comunicação divulgavam amplamente o estado “precário” do sistema de saúde pública.

O mesmo grau de influência da conjuntura imediata, na opinião dos(as) jovens, pode ser notado no item violência nos GDs 3 e 4, realizados logo após a “chacina da Baixada Fluminense”, em que 29 pessoas foram assassinadas na noite de 31 de março, e que obteve ampla divulgação nos meios de comunicação. O destaque dado ao fato de que esse crime tinha sido perpetrado por policiais influenciou também o aparecimento do tema “polícia” como uma das preocupações no mesmo GD3, realizado dois dias após a chacina: “(...) *tenho 20 anos, moro em Nilópolis, e o que mais me preocupa é a incompetência da polícia hoje em dia*”.

Outros dois itens que merecem destaque pela quantidade de vezes em que aparecem são a “falta de oportunidade” e a “desigualdade social”, percebidas como relacionadas entre si, como vemos no depoimento a seguir:

(...) a desigualdade social entre os jovens, que não têm muita oportunidade, tem muitos jovens, assim... – como é que eu posso dizer? – assim, que não têm oportunidade de estudar, se metem no caminho da violência, das drogas, então eu acho que tinha que ter mais oportunidade pros jovens (...). (GD3)

4.2 – Educação, trabalho, cultura e lazer: o que precisa melhorar?

As plenárias do final da manhã, em que foram apresentados os resultados dos trabalhos dos subgrupos em torno da questão “*Pensando na vida que você leva como jovem brasileiro(a), o que pode melhorar na educação, trabalho e nas atividades de cultura e lazer?*”, eram muito ricas, pois os(as) jovens falavam a partir de suas experiências pessoais. E essa vivência, algumas vezes, pode ter reforçado a relação de interdependência entre os três aspectos da vida.

(...) porque pra você trabalhar, você precisa ter... você tem que ter a educação. Pra você ter... pra você ir para um teatro, você precisa conhecer um pouco dessa cultura. Para você se divertir, você precisa trabalhar pra ter o seu dinheiro. Uma coisa leva à outra. (GD2)

No entanto, na atividade seguinte, visando o cumprimento da orientação metodológica – construção de consensos a partir dos relatos dos subgrupos por meio da produção do quadro “Semelhanças e Diferenças” –, as formulações finais tornaram-se resumidas e empobrecidas, conforme ilustra o anexo 2.

A seguir, apresentamos comentários sobre os consensos a que os(as) jovens chegaram após a discussão dos temas da educação, do trabalho e da cultura e lazer. Ao final, listamos outros assuntos a que eles(as) se referiram nessa atividade.

a) Educação

Observa-se que, nos cinco GDs, os(as) jovens tendem a apresentar a “educação” como uma porta de entrada para o mundo, ou até como solução de todos os problemas, tornando-a parte de uma estratégia de inclusão social, mesmo reconhecendo a situação “crítica” em que se encontra:

(...) acreditamos que a educação seja o principal, seja a base de todos, porque com a educação, a gente vai melhorar, tanto o trabalho quanto a cultura e o lazer. Então, a gente colocou aqui em vermelho pra dizer que está em crise, que está no vermelho mesmo. (GD3)

Cabe ressaltar que a educação a que se referem os(as) jovens é, de um modo geral, a educação escolar em seus níveis Fundamental e Médio, descartando o Ensino Superior percebido como elitizado e, portanto, fora do alcance da maioria dos(as) participantes dos GDs:

Complementando o que eles falaram, eu creio que todos nós queremos ter um Ensino Superior, mas é muito difícil, como ela falou, é uma escada e você tem que superar o Ensino Médio e, hoje em dia, está difícil você ter um bom Ensino Médio para entrar em uma faculdade, porque... fora o desemprego. Se você não está trabalhando, você não tem o dinheiro de uma passagem para freqüentar uma faculdade, fora o que ele falou também, como as xerox, livros. Então é difícil, principalmente para o negro e o pobre também. (GD3)

De fato, como vimos, cerca de metade dos(as) jovens participantes dos GDs havia concluído o Ensino Médio (50,5%). No entanto, apenas 12,6% ingressaram na universidade. E, quando consideramos os dados da pesquisa de opinião, essa exclusão é ainda maior, pois apenas 6,3% dos(as) 1.400 jovens iniciaram estudos universitários.

E mesmo programas de inclusão dos(as) mais pobres na universidade, como por exemplo, o sistema de cotas, é visto como insuficiente para a permanência do(a) jovem na universidade:

A gente chegou até a citar a questão das cotas, que não adiantava apenas proporcionar cotas para alunos carentes e negros, já que os alunos carentes não teriam condições de arcar com os gastos que uma universidade gera como, por exemplo, os livros e os materiais didáticos, as ‘famosas xerox’ que os alunos de universidades conhecem como funcionam, a alimentação e o transporte. (GD3)

Entretanto, o tema do acesso à universidade através das cotas raciais foi bastante polêmico. Em um dos GDs, chegou-se ao consenso de que o melhor sistema é o que beneficia os(as) estudantes oriundos(as) das escolas públicas porque, como argumentou um jovem, “*se for ver bem, esses estudantes são, na maioria, negros*”.

Ainda que para alguns(mas) a “crise” por que passa a escola reside na “*falta de interesse dos próprios jovens em estudar*”, a maioria vê na qualidade da “*formação dos professores*” e nas “*condições de funcionamento da escola*” os principais problemas a serem

superados para atingir a escola almejada. Esses problemas são percebidos como sendo de ordem estrutural o que dificultaria sua resolução.

Outra coisa é investir na qualificação dos professores; porque tem muito professor que entra e que não consegue trabalhar muito com material didático e tem dificuldade de passar o conhecimento para os estudantes, então, a gente acha que os professores também têm que fazer cursos e receber incentivos do Estado pra que possam melhorar cada vez mais o ensino e a didática. (GD3)

A forma como eles são especializados... tem que haver mais diálogo entre aluno e professor. A forma como que eles lidam com os alunos... (GD1)

Por outro lado, reconhecem e valorizam a importância deste(a) profissional nas suas vidas, no seu processo de amadurecimento e crescimento, comprovando assim o que já foi apontado por outras pesquisas.

O professor tem uma parcela muito importante, assim, na vida de qualquer pessoa; a questão da educação, e de tudo mais, né? (GD3)

Os problemas relacionados às “condições de funcionamento da escola” se dirigem à escola pública, provavelmente por ser a escola da maioria dos(as) jovens participantes: 77,6% dos(as) jovens da RMRJ estudaram a maior parte de suas vidas em escolas públicas. Além disso, elas estão mais expostas que as escolas privadas às observações e críticas. Foram listados como problemas a falta de professores(as), de material didático, de bibliotecas, enfim de materiais e equipamentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem.

(...) de repente o aluno tem capacidade de aprender, mas ele não tem os equipamentos adequados. Quem estuda em colégio público pode dizer. Eu, por exemplo, lembro de algumas vezes ter entrado num laboratório químico, é verdade ou não? Quem entrou se deparou com algumas teias de aranha, uns pós. E por que não funciona? Porque o professor químico só sabe escrever na lousa, só que na teoria o lugar dele é no laboratório. (GD4)

A escola pública de tempo integral é apontada por muitos(as) como uma alternativa, apesar da maioria não ter vivido a chamada era dos “Brizolões”¹⁸. Mas, pelo que ouviram dizer de seus pais, esse tipo de escola tinha outras atribuições além da formação acadêmica, como esporte, saúde e cultura. Um dos jovens avalia de modo mais elaborado a escola de horário integral oferecida hoje em dia, que pretende apenas “tirar o jovem da rua e ocupar seu tempo livre”. Para ele, simplesmente estender o tempo de permanência na escola sem que esta ofereça uma educação diversificada, torna-se ainda mais enfadonho ir à escola.

18 Cieps – Centros Integrados de Educação Pública, escolas de tempo integral criadas no primeiro governo de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro (1983-1986).

Eu acho até um ponto legal, mas tendo várias atividades recreativas, porque senão fica muito cansativo para ficar de manhã até quase de noite, estudando só. (GD1)

A questão do Ensino Profissional apareceu muito mais na discussão sobre o tema trabalho, mas também foi apontada por dois dos cinco GDs como uma demanda na área da educação.

Na parte de educação, a gente queria mais cursos profissionalizantes em escolas de Ensino Médio. (GD2)

Já que não têm acesso a essa oportunidade durante as aulas regulares, os(as) jovens da RMRJ procuram outras alternativas: cerca de 70% já fizeram algum tipo de curso como os de informática, profissionalizantes, de língua estrangeira, ou mesmo ligados a modalidades esportivas e de atividades culturais. A grande maioria dessas iniciativas procura responder às novas exigências de qualificação para o mercado de trabalho.

b) Trabalho

A ampliação do mercado de trabalho voltado especificamente para os(as) jovens foi o tema priorizado no conjunto das demandas apresentadas durante o debate desse tema. Isso é compatível com os dados da pesquisa de opinião: dos(as) 803 jovens que não estavam trabalhando, mais da metade (56,8%) declarou que estava à procura de emprego. Os(as) jovens deixaram explícitas suas dificuldades na busca da primeira inserção profissional:

É a oportunidade de trabalho pros jovens que é o primeiro emprego, que é o primeiro passo; hoje em dia, todas as empresas, elas fazem questão de que as pessoas tenham experiência, só que um jovem que está entrando no mercado de trabalho agora, ele provavelmente não vai ter essa experiência, ele precisa ter a primeira oportunidade. (GD3)

Tal relevância, provavelmente, informou o Programa Primeiro Emprego lançado há cerca de dois anos pelo Governo Federal, que é do conhecimento e faz parte da experiência de alguns(mas) jovens. Assim, o programa está sendo considerado como restrito, mas, por outro lado, visto como em processo de aperfeiçoamento, talvez, motivado até por certo sentimento, próprio da juventude, de expectativa de futuro.

A questão do primeiro emprego é interessante, já existe isso, mas será que é suficiente? Será que todo mundo teve oportunidade de primeiro emprego? Eu tenho por experiência própria que... uma vez eu fui ver serviço, tem inclusive na minha carteira lá, assinado, a oportunidade de primeiro emprego; até hoje não me foi ligado, não me foi comentado isso, e essa oportunidade, eu tive no início de 2003, de ir até o negócio do governo e fazer inscrição e até hoje não me ligaram, eu já voltei lá, inclusive, uma segunda vez. Então, a questão do primeiro emprego é de fato muito

importante (...), a tendência é o governo melhorar essa história de primeiro emprego, porque não está legal. (GD3)

Ou visto também como uma resposta apenas emergencial ao problema:

(...) Quando existe, existe um só, aí, não adianta, o povo mesmo quer e não tem. Eles fazem um para dizer que tem, mas quando a gente procura, a gente não encontra. (GD1)

Mas enquanto o primeiro emprego não vem, os(as) jovens propõem outras estratégias de sobrevivência imediata e, como tentativa de superar as exigências do mercado de trabalho:

Se você tem que trabalhar pra ajudar a sua família, ou pra pagar um curso ou uma faculdade, eu acho que um estágio remunerado ajudaria nesse sentido. Você está ganhando experiência e você está sendo pago. (GD2)

Se bem que isso nem sempre funciona a contento porque, se, por um lado, os(as) empregadore(as)s também têm lá suas estratégias:

O que você falou é verdade, sendo que nem todo mundo, as empresas não aceitam estágio como experiência. Você faz... fica lá trabalhando com aquilo que você estudou durante um ano e elas não aceitam isso como experiência, é como se fosse uma forma de aprendizado. (GD2)

Por outro lado, alguns programas oficiais baseados em parceria com possíveis empregadores(as) restringem, também, as oportunidades:

É que alguns estágios, algumas... tipo a Central de Estágios, por exemplo, elas aceitam pessoas que estejam estudando. Então, ou você está no Ensino Médio ou você está no Ensino Superior. Mas eu, por exemplo, eu não estou... eu já terminei há três anos atrás o Ensino Médio e não estou fazendo faculdade. Então, eu não tenho oportunidade de fazer estágio. Então, eu sou impedida. Então, tem vários critérios pra pessoa ser excluída, então fica quase um grupinho. Aquele grupinho, aquela panela mesmo. (GD1)

E, quando, afortunadamente, o(a) jovem consegue um estágio remunerado na sua área de estudos, são outras as decepções:

Eu queria comentar sobre o estágio também. Bem, na escola que eu estudo é junto com a faculdade. É o CAP Unigranrio, que é junto com a faculdade. Lá você, fazendo estágio, eles exploram mais do que eles podem explorar. Eu faço informática, no caso, os meus amigos vão lá fazer informática e recebem pouco e fazem coisas fora da área deles. Eu acho que é uma coisa que tem que ser abordada. (GD1)

Mas ainda não é tudo. A saga continua. E, essa busca, quase sempre frustrada, por trabalho, e os obstáculos a serem superados pelos(as) jovens – consequência do chamado “desemprego estrutural” –, por mais que seja uma “marca geracional”, estão concentrados, tal como a violência, em determinados segmentos da população: os(as) mais pobres, os(as) negros(as) e os(as) moradores(as) de favelas e periferias urbanas:

E no trabalho, dar mais chance de emprego para qualquer profissional competente, não por raça ou classe social... porque isso é o que mais a gente vê no Brasil, que, às vezes, um negro não consegue um trabalho porque ele é negro, mas, aí, o branco que não é nem competente... Às vezes, o negro é mais competente que o branco, o branco consegue mais por ser branco... A gente vê muito isso. (GD2)

Eu queria colocar também o preconceito geográfico, porque tem muita gente que não diz que mora em uma favela, ou essa mesma questão de morar longe, porque sabe que as empresas dão preferência para quem mora mais próximo. E tem também esse problema de morar em favela porque ele pode pensar que a pessoa vai querer assaltar, ou que tem contato com traficantes, ou que usa drogas, eu acho que isso também é outro ponto. (GD3)

O índice de desemprego, de fato, é mais elevado nos segmentos populares: se 56,8% dos(as) jovens sem remuneração entrevistados(as) na pesquisa de opinião estavam em busca de trabalho, nas classes D/E esse percentual chegava a 71%. E entre os(as) jovens pretos(as) e pardos(as) – 69,7% e 60,5% respectivamente –, estavam em busca de trabalho, enquanto menos da metade dos(as) jovens brancos(as) estavam procurando trabalho.

Além de todas essas barreiras, ainda há uma outra bem característica, que estrutura as relações de trabalho, e outras tantas, a partir de certa cultura da personalidade no Brasil:

(...) o diretor, o presidente da empresa está indicando um parente, um sobrinho, um primo, entendeu? E aquele funcionário que é qualificado pro setor está ficando excluído. Ele não está tendo aquele valor que seria necessário pra ele. (GD5)

Chama atenção o fato de que o Grupo dos(as) jovens mais novos(as) – de 15 a 17 anos – tenha priorizado, dentre os problemas mais graves do Brasil, a falta de trabalho¹⁹, o que sinaliza a necessidade da entrada no mercado de trabalho precocemente. É como se as conquistas sociais, que permitiram às crianças e adolescentes um maior tempo para os estudos, estivessem se desmanchando. E, contraditoriamente, o mercado de trabalho exige cada vez mais qualificação. E isso é percebido pelos(as) jovens que apontam para cursos de especialização no Ensino Médio como forma de se adequar a essa realidade:

19 A educação, nesse Grupo, sequer foi mencionada como problema, talvez porque a grande maioria tenha acesso à escola, ainda que com restrições à sua “qualidade”. Parafraseando a Eliane Ribeiro, a escola é a única política que se tornou pública.

Nós escrevemos o seguinte, cursos profissionalizantes para comunidades carentes, porque todo mundo vê que não tem. Foi o que o menino falou: a desigualdade é muito grande, então nós colocamos esse ponto que eu acho que tem alguma coisa a ver, entendeu? (GD1)

As possibilidades de freqüentar cursos profissionalizantes, de informática, de língua estrangeira, para além das aulas regulares na escola, são determinadas pela condição social do(a) jovem. A pesquisa de opinião mostrou que, quanto mais pobre, menor a probabilidade do(a) jovem de ter este tipo de capacitação: enquanto 34,3% dos(as) jovens das classes A/B estudam ou estudaram alguma língua estrangeira, apenas 3,7% dos(as) jovens das classes D/E têm ou tiveram essa oportunidade. Do total de jovens entrevistados(as), 29,4% não estiveram envolvidos(as) em nenhuma atividade de formação além das aulas regulares, mas considerando apenas os(as) jovens mais pobres, das classes D/E, aproximadamente metade (50,2%), não teve acesso a nenhum tipo de curso.

Mas, mesmo sendo vista como fundamental para a entrada no mercado de trabalho, parece que a educação que está aí posta, ao não propiciar a esperada qualificação acaba levando os(as) jovens para postos de trabalho socialmente vistos como subalternos:

Olha só, a gente queria falar que a falta de oportunidade pra trabalho, porque hoje em dia você... com o estudo, você não consegue, sem o estudo, menos ainda. Então, a falta de oportunidade é porque as pessoas, hoje em dia, não têm um ensino completo, entendeu? Então, vai trabalhar... a maioria das mulheres em casa de família. Aí, não conseguem um emprego melhor por falta de oportunidade. (GD2)

E, uma vez no mercado de trabalho, se torna difícil a continuidade dos estudos:

(...) e a carga horária compatível com os estudos, a gente pode também usar o jargão popular do 'McEscravo Feliz', que trabalha horas e horas e horas.... A empresa pede que essa pessoa esteja cursando um curso superior ou o Ensino Médio, mas ele só vai conseguir cursar essa escolaridade se ele for Deus e tiver o dom da onipresença, que é impossível praticamente conciliar os dois. (GD3)

Isso pode ser verificado quando relacionamos a situação escolar com a inserção no mundo do trabalho: dentre os(as) jovens entrevistados(as) na pesquisa de opinião, 34,1% dos(as) jovens apenas se dedicavam ao estudo; 27,9% apenas exerciam algum tipo de atividade remunerada; e a minoria, 14,8%, associava estudo e trabalho. E uma parcela significativa dos(as) jovens não trabalhava nem estudava (23,1%).

Outra dificuldade dos(as) jovens que trabalham é o descumprimento da legislação trabalhista:

Foi colocado também, menos exploração nas horas de trabalho, não são todos os empregos, mas tem alguns empregos que tem uma certa exploração, por exemplo, a pessoa trabalha, aí trabalha fora do seu horário normal, e ela não recebe por isso, a

chamada hora-extra, trabalha e não recebe, e nós achamos que isso deveria acabar que é uma certa exploração, de uma certa forma, com o trabalhador. (GD3).

De fato, a maioria dos(as) jovens tem uma situação precária no mercado de trabalho. A pesquisa de opinião mostrou que 28,1% eram trabalhadores(as) por conta própria/autônomos(as), sem INSS; 27,8% estavam empregados(as) sem carteira assinada e apenas 23,3% eram empregados(as) com carteira assinada. E as moças, os(as) mais jovens (de 15 a 17 anos), os(as) menos escolarizados e os(as) mais pobres estavam em situação de maior vulnerabilidade.

As discussões realizadas na parte da manhã nos subgrupos e em plenária revelaram a expectativa dos(as) jovens em relação aos postos de trabalho acessíveis. Era muito comum observar-se nas ilustrações dos cartazes que traziam o conteúdo das discussões sobre trabalho desenhos de profissões como varredor de rua ou trabalhador da construção civil.

Por fim, uma das jovens, ao dar sentido ao trabalho, relacionado à própria sobrevivência, aponta-o como eixo pelo qual os demais aspectos da vida poderiam ser satisfeitos:

Você, trabalhando, você tem uma renda, não tem? Com uma renda, você pode frequentar um teatro, cinema, ir numa praça, comer um cachorro-quente que, às vezes, você não tem nem R\$ 2,00 para comer um cachorro-quente. É mesmo, estou falando a verdade. (GD1)

c) Cultura e lazer

O período da juventude é associado muitas vezes à possibilidade de aproveitar o tempo livre ao lazer. Observando o conjunto de demandas que os(as) jovens apresentaram nesse campo, percebemos que a maioria diz respeito à ampliação do acesso aos bens culturais e à implantação (ou conservação) de equipamentos públicos, onde possam usufruir o tempo livre. Os(as) jovens identificam diversos entraves ao acesso aos bens culturais.

O primeiro deles relaciona-se ao custo envolvido na frequência às salas de cinema, teatros, casas de espetáculos musicais. Tanto que, de acordo com a pesquisa de opinião, os shoppings centers e as praças ou parques (onde não é necessário pagar para entrar) estão entre os espaços mais frequentados pelos(as) jovens em seu tempo livre. O segundo entrave é o custo do deslocamento até o local onde está sendo realizado o espetáculo. E um terceiro entrave é identificado nos casos em que, mesmo havendo a facilidade de acesso, não há divulgação suficiente.

Eu já fui na Uerj ver dança contemporânea... Eu gosto, mas eu não tenho tanto acesso. Eu não tenho nem conhecimento. Eu acho que não chega nem à população de algumas facilidades que às vezes surgem, não chega ao conhecimento do pobre. (GD1)

Todas essas demandas deixam evidente que os(as) jovens percebem a existência de uma desigualdade no acesso aos bens culturais, derivada da situação de classe e também da distribuição desigual pelo Poder Público dos equipamentos culturais na metrópole, que penaliza os(as) moradores(as) dos bairros populares, subúrbios e municípios periféricos. No Rio de Janeiro, os centros culturais, teatros, cinemas, museus etc. estão concentrados no centro e na Zona Sul da cidade. Mesmo os espetáculos ao ar livre são realizados, principalmente, nessas regiões.

Tem vários eventos, assim, eventos sobre o aniversário da cidade do Rio de Janeiro. E trazendo um cantor para cá. Mas eu acho que da mesma forma que investiu o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, no caso, o centro, deveria ser investido (...) pra outros pólos fazerem alguns eventos para o interior mesmo do estado do Rio de Janeiro, pra Duque de Caxias... pra parte do pessoal mais carente. Não só pro Rio, para o centro, porque o show, por exemplo, é na praia de Copacabana. Então quer dizer só... elitizou meio a comemoração. (GD1)

Os debates nos GDs deixaram transparecer duas perspectivas: de um lado, a demanda por descentralização da oferta de oportunidades de fruição cultural. Uma sugestão apresentada foi a disseminação da experiência das lonas culturais, que constituem um bem-sucedido programa da prefeitura municipal do Rio de Janeiro existente há mais de uma década. As lonas, instaladas em alguns subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, são espaços multifuncionais fixos, semelhantes a um circo, em que podem ser realizados diferentes tipos de espetáculos: “*É importante em cada bairro uma lona cultural para o aprendizado da cultura*” (GD4).

Por outro lado, uma segunda sugestão foi a extensão do passe-livre para que os(as) estudantes possam circular pela cidade, em direção aos espaços em que esses bens estão disponíveis. Nesse debate, está subjacente a questão do exercício do direito à cidade, em especial para os(as) jovens das classes populares.

Foi também lembrado o papel da escola na promoção e incentivo a atividades de cultura e lazer²⁰, principalmente para os(as) jovens das classes populares:

Eu acho que cultura e lazer tinham que começar direto na escola, sem o aprendizado na escola não tem como ter, porque, por exemplo, eu acho que aula de teatro tinha que ser em todas as escolas e não tem, sem teatro a pessoa não consegue falar assim em público, eu acho que isso melhora muito, eu acho que isso tinha que ser em todos os colégios, tinha que ser obrigatório. (GD4)

20 O papel da família também foi destacado entre as semelhanças no GD4: “Aí, no caso incentivo, também tinha que ser da família, começando, por exemplo, pelos pais. Os pais têm que incentivar a pessoa (...) Sendo que a família é a base de tudo e, às vezes, é por isso que a pessoa deixa de procurar alguma atividade cultural, algum lazer que possa trazer algum benefício, não só divertimento, mas alguma coisa que a pessoa possa aprender. E, às vezes, a família não coloca isso na criação da pessoa e acaba influenciando no futuro”.

E de fato, na pesquisa de opinião ficou patente que, para muitos(as) jovens das classes populares, a escola é o principal meio de acesso às atividades culturais. Metade (50,1%) dos(as) jovens estudantes entrevistados na RMRJ informou que suas escolas promoveram no ano de 2004 apresentações de teatro/dança/música/festivais culturais, e a cerca de um quarto deles(as) (27,4%) foi dada a oportunidade de visitar museus e exposições, ampliando os horizontes dos(as) jovens no campo artístico-cultural e possibilitando aos(às) jovens o trânsito por espaços da cidade onde não costumam circular. São, portanto, atividades que ampliam o universo de referência dessa juventude.

E nessa relação entre escola e cultura/lazer, presenciemos uma interpretação interessante sobre a concessão de meia-entrada para estudantes nos espetáculos:

... eu acho que eles dão meio ingresso para quem é estudante, por causa que é uma forma de incentivar... assim: 'eu vou estudar porque, pô, traz várias vantagens, inclusive ter meia entrada'. Eu acho que eles fazem isso na intenção de fazer a pessoa estudar, entendeu? (GD1)

Os(as) jovens criticaram a oferta de espetáculos gratuitos apenas no "tempo da política":

Acontece muito quando a pessoa vai se eleger. O político chega: ah, vai ter show lá não sei onde, aí vai toda a comunidade. Toda a comunidade daquela região vai pros shows. Aí depois que ele é eleito, ele esquece o povo e só quer saber dele. Aí o povo fica sem uma cultura, fica sem lazer. Na época que estava se elegendo tinha tudo isso, porque ele estava fazendo a propaganda dele, aí depois que ele se elege não tem mais isso. (GD5)

E alguns(mas) jovens lembraram que não querem ficar restritos(as) a determinados tipos de programas, mas desejam ampliar suas possibilidades de acesso a bens culturais:

Eu vou sempre, mas você fica limitado a um estilo de música a uma parcela. Hoje eu quero escutar MPB, hoje eu quero dançar, eu quero ir num show de pagode, eu fico limitada aos programas populares. De repente, se eu não gosto de funk e gosto de rock? Mas eu não posso assistir uma banda de rock que vem lá de fora porque é R\$ 200,00 o ingresso. (GD1)

Vemos aí uma crítica à tendência dos(as) promotores(as) de espetáculos (públicos e privados) de homogeneizar a oferta de oportunidades de fruição cultural, a partir de uma classificação preconceituosa dos gostos das classes populares.

Interessante também notar também que os(as) jovens se percebem mais como consumidores(as) de cultura do que como produtores(as). Pouco se discutiu sobre a produção de cultura pelos(as) próprios(as) jovens. Algumas sugestões estavam associadas a uma perspectiva instrumental da cultura, como, por exemplo, o incentivo pela escola de cursos de artesanato, que poderiam servir como alternativa de geração de renda, e aulas de teatro, como vimos, para ajudar os(as) jovens a falar em público. Uma moça mudou o enfoque, ressaltando

a importância de produções culturais realizadas pelos(as) jovens, e direcionadas a eles(as), acionando, assim, identidades compartilhadas:

Bom, vou falar da cultura, vou falar como jovem e cidadã. Eu comentei no grupo que eu participei de um congresso que falava sobre as drogas, quer dizer nós chegamos lá e um cara especializado falou, falou e falou e, na conclusão, tudo que ele falou a gente já sabia, e ficou uma coisa cansativa. E outra vez, a escola fez um projeto de ir ao Teatro Vanucci, acho que é em Botafogo, uma coisa assim. E a peça chamava “*Esquina de Prazer*”, falava de drogas e sexualidade e a turma gostou de ver... um jovem passando para outro jovem, entendeu? (GD1)

d) Outros assuntos

Os(as) jovens não se restringiram aos temas propostos pela pesquisa (educação, trabalho e cultura/lazer) quando falavam sobre o que deveria melhorar na vida dos(as) jovens brasileiros(as). Assim, falaram sobre os meios de comunicação, sobre a situação dos(as) presidiários(as), sobre gravidez na adolescência.

Os(as) jovens demonstraram perceber com precisão o papel dos meios de comunicação como formadores(as) de opinião e como retroalimentadores(as) de comportamentos preconceituosos.

Eu queria comentar sobre isso também porque a mídia influencia muito na atitude dos jovens. Por mais que a gente diga que não, influencia muito na vida dos jovens não só em todo Brasil, mas no mundo todo. Eu não estou fazendo uma crítica ao filme do Cazuza, eu gosto muito do Cazuza e gosto muito de rock, o filme é bom, mostra a vida dele, mas mostra como se ele fosse um herói, ele fez tudo o que quis e morreu como um herói, ele fez tudo que quis e morreu feliz. E eu acho que deveria mostrar de outra forma o final, mostrando como ele terminou, ele sofreu muito por ter usado drogas. Já sabe que a mídia tem uma influência grande entre os jovens deveria passar uma mensagem positiva, ao invés de negativa. O filme mostra um monte de coisa, ele branco, ele fez um monte de coisas erradas, não estou falando de racismo, não tenho racismo contra brancos, mas se ele fosse negro e pobre, ele seria preso e como ele era branco e rico e não ficou preso e usava drogas e fazia coisas erradas... é isso que eu queria colocar. (GD1)

Apontaram, ainda, o impacto social e político do que é veiculado:

Algum tempo atrás, quando o Roberto Marinho morreu, a manchete de uma revista conhecida falou assim: o presidente do Brasil morreu. Porque, no caso, como dono, ele detinha a opinião, ele influenciava e muitas vezes a mídia ajuda e incentiva a pessoa ficar sem cultura, não estou dizendo só a Globo, ela é a maior, mas simbolizando todas elas, e os políticos usam isso como meio. (GD1)

Um outro tema que provocou uma ampla discussão no GD2 foi a situação dos(as) presidiários(as). Os(as) jovens deram muitas sugestões para que os(as) presos(as) tivessem acesso a trabalho, tanto durante o período de cumprimento da pena quanto depois de egressos(as) do sistema penitenciário. E também lembraram que é necessário o acesso à educação durante o período de encarceramento. Alguns(mas) jovens pareciam conhecer de perto essa situação, o que possivelmente se deve ao fato de uma parcela significativa da população carcerária ter entre 18 e 30 anos de idade, sendo, portanto, da mesma geração dos(as) participantes dos GDs.

A gente está falando não em colocar os presos para trabalhar, para só fazer progresso pra gente, mas para eles mesmos. Porque eles trabalhando, três, quatro dias, reduzindo um dia de pena deles, eles já vão mudar o pensamento deles. Já vão ter força de vontade em trabalhar, sabendo que trabalhando, ele está ganhando alguma coisa. E além de estar ganhando alguma coisa também e está ajudando pessoas. Os ex-presidiários, quando cumprem suas penas e são soltos e querem reconstruir suas vidas, trabalhar... E muitos que roubam para dar de comer para seus filhos. Aí sai e não arruma emprego para sustentar a família, o que vai fazer? Vai roubar de novo, porque é a coisa mais fácil que tem, mesmo que não dê certo, e já que não tem oportunidade de serviço, vão fazer o errado. (GD2)

O tema da gravidez na adolescência também foi lembrado pelos(as) jovens e aparece fortemente marcado pelos preconceitos que normalmente caracterizam o senso comum. O primeiro deles refere-se a uma postura de antemão condenativa, principalmente quando se trata da gravidez na vida de uma jovem pobre, pois esta é vista sempre como fruto da desinformação e da ignorância, quando na verdade, existem estudos que mostram que, no caso das jovens de camadas populares, a experiência de ser mãe pode estar associada a uma das poucas experiências de valorização vividas por elas nessa fase da vida, uma vez que é comum serem merecedoras de uma maior atenção por parte de familiares e da comunidade. Outro preconceito forte que está presente nas posturas contrárias à “gravidez na adolescência” é aquele que parece ignorar por completo a paternidade, responsabilizando unicamente as moças pela gestação, considerada como precoce, e pela criação e educação dos(as) filhos(as).

Muitas amigas ou colegas que têm 18, 17 anos e têm um ou dois filhos. É tudo nova. Tudo sem instrução, sem uma pessoa pra orientar. Tinha que ter dentro da comunidade um psicólogo, uma pessoa pra estar conversando com a família carente.

4.3 – Caminhos participativos

Ao contrário da parte da manhã, quando os(as) jovens discutiam a partir de suas próprias vivências, esta atividade estava centrada em três Caminhos Participativos apresentados nos instrumentos de diálogo (Roteiro para o Diálogo, CD-ROM e estandarte). O resumo de cada um deles é:

Caminho 1: “Eu me engajo e tenho uma bandeira de luta”

A participação política da juventude ocorre por meios que vão além do voto. Esse engajamento também se dá na atuação firme e direta em partidos políticos, organizações estudantis, conselhos, ONGs e movimentos sociais, ou seja, em instituições que organizam a sociedade e controlam a atuação dos governos.

Caminho 2: “Eu sou voluntário(a) e faço a diferença”

Jovens voluntários(as) ajudam a diminuir os problemas sociais. Realizam diferentes atividades, tais como manutenção de escolas, recreação com crianças pobres ou hospitalizadas, campanhas de doação de alimentos e diversas outras ações desse tipo.

Caminho 3: “Eu e meu grupo: nós damos o recado”

Nesse Caminho, os(as) jovens praticam e fortalecem o direito à livre organização. Eles(as) formam grupos culturais (esportivos, artísticos, musicais etc.), religiosos, de comunicação (jornal, página na Internet, fanzine etc.), entre outros, compartilhando idéias com outros(as) jovens.²¹

Esses Caminhos pareciam não fazer parte da experiência cotidiana da maioria dos(as) jovens presentes. De fato, o perfil obtido através da pesquisa de opinião mostra que são reduzidos os níveis de participação dos(as) jovens da RMRJ em organizações ou atividades relacionadas aos três Caminhos. Cerca de 2/3 (68,4%) possuem título de eleitor(a) e estão habilitados(as) a votar²². Na tabela 11 encontram-se os níveis de participação atual e anterior dos(as) jovens da RMRJ em alguns tipos de entidades e movimentos:

Tabela 11 – Participação dos(as) jovens da RMRJ em entidades e movimentos

Entidade ou Movimento	Participa atualmente	Já participou
Associações estudantis, grêmios, centros acadêmicos	2,9%	20,3%
Partidos políticos	0,7%	2,2%
Sindicatos e associações profissionais	1,1%	2,0%
Movimentos negro, indígena e por liberdade de opção sexual	0,4%	2,7%
Entidades de defesa do meio ambiente	1,6%	5,8%
Associação comunitária, de moradores ou de sociedade de amigos(as) de bairro	1,5%	8,1%
Movimentos por bens e equipamentos coletivos (educação, moradia, saúde)	1,2%	6,4%
ONGs	0,7%	2,2%
Entidades e grupos que realizam trabalhos voluntários	2,8%	10,5%
Grupos (que realizam atividades culturais, religiosas, esportivas etc.)	29,5%	-

21 A formulação dos Caminhos encontra-se em Ibase e Pólis (2005: 24).

22 Como o voto no Brasil é obrigatório para quem tem 18 anos ou mais, e facultativo para os(as) que têm 16 e 17 anos, é preciso observar o grau de alistamento eleitoral em cada faixa etária: 21,8% dos(as) jovens de 15 a 17 anos; 80,1% dos(as) jovens entre 18 e 20 anos; e 94,9% dos(as) que têm 21 a 24 anos de idade. Isso mostra que, mesmo sendo obrigada por lei, uma parcela dos(as) jovens está alheia a este forma de participação cidadã.

Como podemos perceber, em geral, o nível de participação juvenil é reduzido (29,5%). Chama atenção o maior engajamento atual em grupos que realizam atividades esportivas, religiosas, culturais etc. Quanto a associações estudantis e trabalhos voluntários, apesar dos baixos graus de participação atual (2,9 e 2,8%, respectivamente), estes(as) jovens em outros momentos já estiveram envolvidos(as) em experiências semelhantes: 20,3% em entidades estudantis e 10,5% em algum trabalho voluntário.

E os(as) jovens têm consciência desse baixo grau de participação cidadã. Na pesquisa de opinião, indagados(as) sobre a maneira como percebem sua própria participação política, a grande maioria (65,2%) disse que procura se “*informar sobre a política, mas sem participar pessoalmente*”. Outro grupo significativo (25,4%) afirmou que “*não procura se informar sobre política e nem participa pessoalmente*”. Uma minoria, 8,1% dos(as) jovens entrevistados(as) considera-se “*politicamente participante*” (113 jovens).

A discussão sobre os Caminhos Participativos era, portanto, mais abstrata, tendo como suporte principal as informações contidas nos instrumentos de Diálogo, as notícias obtidas pelos meios de comunicação e a observação dos(as) jovens da realidade à sua volta. Isso por si só já constituía um desafio, que era o de aproximar a discussão da experiência vivida pelos(as) jovens à proposta metodológica.

a) As palavras-chave

A análise das discussões feitas pelos(as) jovens nos subgrupos permite a apreensão de uma série de palavras-chave e expressões que revelam o que os(as) jovens assimilaram sobre cada Caminho proposto no Roteiro para o Diálogo, em confronto com suas percepção e vivência sobre política, voluntariado ou atividades de mobilização juvenil em torno da cultura, esporte e lazer²³. O anexo 3 reúne essas palavras e expressões.

Sobre o **Caminho 1**, fica bastante evidente que os(as) jovens entendem que esse é, por excelência, o Caminho da *política*, como se os demais Caminhos propostos fossem totalmente isentos de qualquer ação ou força política. Para a maioria dos(as) jovens, o Caminho 1 é o que detém o *poder e a força*. Por outro lado, é também o mais sujeito a *burocracias* e à *corrupção*. Daí o fato de os(as) jovens se referirem a esse Caminho apontando também para necessidade de *fiscalizar, controlar* e de *cobrar as ações dos(as) políticos(as)*. Quanto às posições contrárias a esse Caminho, em consonância com as apresentadas no Roteiro para o Diálogo, os(as) jovens demonstraram concordar com as críticas que se referem *ao papel reduzido dos(as) jovens nas esferas de decisão* e ao risco de *manipulação* dos(as) mais velhos(as) sobre os(as) mais jovens.

Essa percepção está em sintonia com os resultados da pesquisa de opinião, em que os(as) jovens da RMRJ expressaram uma percepção bastante negativa sobre os(as) que exercem a atividade política. Cerca de 82% dos(as) jovens concordam que “*A maioria dos*

23 As palavras-chaves foram listadas a partir dos relatórios feitos pelas pesquisadoras bolsistas. Embora as discussões nos subgrupos tenham sido gravadas, elas não foram integralmente transcritas e os relatórios não trazem exatamente as palavras ditas pelos(as) próprios(as) jovens sendo, portanto, uma primeira interpretação.

políticos não representa os interesses da população”, sendo que 65,9% estão totalmente de acordo e 15,9% concordam parcialmente com essa avaliação. Esses índices são bastante semelhantes aos que acreditam que “*A maioria dos políticos só defende seus interesses pessoais*”: 68,5% dos(as) jovens estão totalmente de acordo e 15,3% concordam em parte (80,8% de anuência).

Aqui cabe destacar que, frente à inexperiência dos(as) jovens em movimentos sociais, sindicais, ONGs etc., e da falta de informação sobre os mecanismos de controle social, como os conselhos de direitos²⁴, sua percepção do Caminho 1 ficou restrita à atuação dos(as) políticos(as), tanto os(as) que exercem atividade no executivo, como os(as) parlamentares.

Quanto ao **Caminho 2**, a percepção da maioria dos(as) jovens a seu respeito é, principalmente, a de que esse é o Caminho da *ajuda aos(às) pobres* e da *ação que produz resultados imediatos*. Se, por um lado eles(as) reforçam nesse Caminho do voluntariado o risco de *isentar o Poder Público de suas obrigações*, por outro, sustentam a possibilidade de fazer algo de forma *independente do governo*: “*não basta cobrar, é preciso fazer*”. Ainda com relação a esse Caminho, alguns(mas) jovens deram uma interpretação que contradiz a perspectiva contida no Roteiro para o Diálogo, segundo a qual a ação voluntária é apresentada como individual. Para estes(as) jovens, a ação voluntária pode também ser fruto de uma ação coletiva.

O **Caminho 3** é apontado como o que possibilita aos(às) jovens o *poder da palavra* e a conquista do *respeito junto aos(às) adultos(as)*. Ao mesmo tempo, ele é interpretado por alguns(mas) como um Caminho que *não muda nada, que não tem futuro*, porque está relacionado *apenas ao lazer* ou porque, apesar de, muitas vezes, *atender às necessidades das comunidades* não possui *força política*.

Por outro lado, muitas vezes, a proposta de *reunir um grupo* para levar reivindicações às esferas institucionais foi associada a esse Caminho. O que pode estar vinculado a um dado da pesquisa de opinião: os(as) jovens da RMRJ manifestaram um alto grau de concordância (97,1%) com a idéia de que “*É preciso que as pessoas se juntem para defender seus interesses*” (90,8% concordam totalmente e 6,3% concordam parcialmente). E essa perspectiva está relacionada às interpretações que deram ao Caminho 3 e à ação coletiva que introduziram no Caminho 2.

Um outro caso emblemático mostra o processo de elaboração que os(as) jovens fizeram, confrontando as informações recebidas com suas experiências. Foi recorrente nos GDs a resignificação dos grêmios estudantis, identificados no Roteiro para o Diálogo com o Caminho 1. No entendimento dos(as) jovens, muitas vezes, eles eram interpretados como fazendo parte do Caminho 3, na medida em que reúnem grupos de jovens em torno dos seus interesses, promovendo práticas esportivas e culturais.

24 Ainda na pesquisa de opinião, os(as) jovens declararam um alto grau de adesão à idéia de que “*É preciso abrir canais de diálogo entre os cidadãos e o governo*” (94,5% concordam total ou parcialmente). Por trás desse alto índice pode estar o desconhecimento da existência desses canais ou a percepção de que estão bloqueados, ou, ainda, que seus resultados não são percebidos pela população.

b) Escolhendo e associando Caminhos, com criatividade

Diante dos três Caminhos Participativos apresentados, muitas vezes os(as) jovens deixavam transparecer não uma escolha para si, mas para um outro(a) indefinido(a), como “eles(as)”, “os(as) políticos(as)” etc. Em função disso, a equipe de pesquisadores(as) problematizava essa perspectiva, lembrando a necessidade da escolha considerar a adesão pessoal aos Caminhos. Nesse momento, os(as) jovens reformulavam suas argumentações e passavam a se incluir em suas escolhas:

Os três Caminhos, eu acho que têm um grau de comprometimento. Então, nós, jovens, eu estou me incluindo nisso, nós temos pouco comprometimento com esse trabalho, esse trabalho jovem de voluntariado, dessa parte política. (...) E começar a se comprometer mais, porque é fácil ficar sentado e esperando que os outros façam pela gente. (GD1)

Usando criatividade, e compreendendo os Caminhos originais a partir de suas diferentes maneiras de estar no mundo, os(as) jovens deram novos sentidos a esses Caminhos, propuseram novos arranjos às maneiras de participação apresentadas, e não se intimidaram frente a alguns conteúdos, por vezes, incompreensíveis para eles(as).

Para sistematizar o resultado das escolhas feitas pelos subgrupos, construímos a tabela que se segue.

Tabela 11 – Participação dos(as) jovens da RMRJ em entidades e movimentos

GD	Amarelo	Laranja	Verde	Vermelho
1	O Grupo propõe um quarto Caminho contendo elementos de cada um dos três Caminhos e cria o Movimento a Favor da Juventude. Busca soluções para os “contra” de cada um deles. 1 - 2 - 3	O Grupo toma as semelhanças da manhã e aponta qual dos três Caminhos poderia solucionar cada uma delas. 1 - 2 - 3	Não teve este Grupo neste dia.	Cria um organismo (“grêmio”) e mostra como ele pode atuar nos três Caminhos. Diz que é um Caminho com um pouco de cada um dos propostos. 1 - 2 - 3
2	Necessidade de todos os Caminhos para resolver os problemas. Cada jovem escolhe onde atuar para, então haver “a mudança”. E mostram soluções para as semelhanças. Caminhos 1-2-3	Com base nas leituras dos relatórios dos subgrupos, pudemos observar a forte influência de uma jovem filha de assistente social para a escolha do Caminho. Caminho 2	Grupo pouco cooperativo, mas deu exemplos de como esse Caminho poderia resolver alguns problemas apontados nas semelhanças. Caminho 3	Escolhem a junção dos três Caminhos – “um levava ao outro”. Mas na apresentação em plenária, alguns(mas) integrantes do Grupo revelaram a preferência pelo Caminho 2. 1-2-3
3	<i>“O trabalho voluntário pode ajudar com campanhas solidárias e a participação direta na política ajuda a reforçar a luta”</i> Caminhos 1 e 2.	Diz que os três Caminhos são complementares. E que a mesma pessoa pode estar nos três, porque o que importa “é o objetivo”. 1-2-3	Um Caminho não exclui o outro, eles se complementam. Optam pelo trabalho nas “bases”. Dizem que é importante a participação em todas as frentes. Tomam os grandes temas (educação, trabalho...) e mostram o que pode ser feito em cada um. 1-2-3	Chamam de quarto Caminho. Usam mais elementos do Caminho 3. Os(as) jovens estariam no 3, mas percebem a necessidade do 1 para resolver algumas das semelhanças. Rejeitam o 2 por ser individual. 1 e 3
4	“Conscientização”: 4º Caminho. Cada pessoa pode ajudar da sua maneira. O Grupo mostra exemplos de como cada Caminho pode solucionar problemas nas áreas de educação, trabalho e lazer. 1-2-3	Sugerem a formação de um Grupo e cada um dos seus membros poderia atuar no Caminho que preferisse. 1-2-3	Citam o grupo AfroReggae como exemplo de organização dos jovens. E outros exemplos no campo da comunicação, internet que estaria divulgando as reivindicações e monitorando as ações dos(as) políticos(as). Caminho 3	Propõem a criação do Partido Moderado Reacionário, a partir dos pontos importantes dos três Caminhos. Mas, em plenária, eliminam o Caminho 2. Caminhos 1 e 3
5	Escolhem o 3, mas dizem que não houve consenso. E o Grupo mostra como esse Caminho pode ajudar nas mudanças na educação, trabalho e cultura/lazer. Caminho 3	Não teve este Grupo neste dia.	Formam um grupo (Força e Ação), com elementos do 3. Com um trabalho mais na comunidade. Propõem apoio a grupos (Arco-Íris), falam em grafite, em campanhas de doação de sangue. Caminho 3	Forma um 4º Caminho, dá exemplos de como as semelhanças podem ser resolvidas com pontos dos três Caminhos. 1-2-3

Como podemos observar, a opção mais freqüente em todos os GDs foi reunir os diferentes Caminhos. Dentre os 18 subgrupos, 13 fizeram algum tipo de associação: dez subgrupos articularam os três Caminhos e três juntaram dois Caminhos (um deles reuniu os Caminhos 1 e 2 e os outros dois escolheram a reunião entre os Caminhos 1 e 3).

Na compreensão dos(as) jovens, um só Caminho parecia insuficiente para dar conta da complexidade dos problemas a serem superados e dos objetivos a serem alcançados. Além disso, a construção de um quarto Caminho, com elementos retirados de mais de um dos Caminhos propostos, parece indicar a compreensão de que se cada um seguir o Caminho com o qual mais se identificar, as mudanças acontecem.

(...) Na nossa opinião, não há um Caminho que possa resolver os problemas que nós mesmos apontamos. Não há um Caminho exato [mas] todos eles. E cada um poderia escolher um, e juntos, poderia haver essa mudança, Aí, a gente fez isso daqui de acordo com os problemas apresentados. Cada um vai seguir o seu Caminho, sendo que para se ter um resultado melhor, um Caminho precisa ajudar o outro, vai ter que se unir ao outro. Se a gente tem um objetivo, que é transformar um Brasil melhor, respeitando as vontades de cada um, e tentando torná-las realidade, cada um fazendo o seu, vai juntando [e] tudo vai dar uma coisa só. É isso, então a conclusão é essa: não tem como resolver todos esses problemas que nós apontamos só com um Caminho, e sim com os três Caminhos, cada um ingressando em um, e o conjunto final disso resultaria na solução dos problemas. (GD2)

Assim, a tendência pela união dos três Caminhos, por um lado, pode significar o reconhecimento de que os Caminhos se complementam, sendo formas válidas de participação; por outro lado, demonstra também o respeito à escolha de cada um(a) dos(as) componentes diante da dificuldade de se conseguir chegar a consensos no interior dos subgrupos.

Foram vários os processos através dos quais os(as) jovens construíram esses Caminhos sínteses. Uma forma de construção adotada algumas vezes foi tomar cada um dos objetivos a serem alcançados [os consensos em torno do que devia melhorar na vida dos(as) jovens, da parte da manhã] e verificar que Caminhos seriam mais apropriados para atingir esses objetivos. Dessa forma, apresentaram como resultado de suas reflexões uma lista na qual cada objetivo correspondia a um ou mais Caminhos e explicavam o porquê da escolha. Por exemplo, se os(as) jovens reivindicam *“maior especialização durante o Ensino Médio”*, a opção seria pelo Caminho 1 porque *“com ele, você poderia, estando em um partido político, em um movimento estudantil, fazer com que se criasse uma lei para aumentar a carga horária, incluir certas matérias que não existem”*.

Nem sempre os Caminhos eram explicitamente nomeados, mas as argumentações apontavam algumas características de cada um deles, o que pode demonstrar que os(as) jovens possuíam referências sobre as diversas formas de organização da sociedade: *“sobre*

trabalhar muitas horas... Então, seria recorrer a direitos, lutar pelos seus direitos. Ir a sindicatos, procurar saber qual o seu horário certo de trabalho, a sua função (...).”

No GD1, um dos subgrupos encontrou outra maneira para construir um quarto Caminho, que denominaram de Movimento a Favor da Juventude. Eles(as) utilizaram elementos dos três Caminhos, mas suas propostas não eram dirigidas diretamente à concretização dos objetivos da manhã, mas buscaram a superação de alguns dos pontos contrários a cada um dos Caminhos apresentados no Roteiro para o Diálogo. Assim relataram sua escolha:

Como acabar com a corrupção? Então, a gente entendeu que o primeiro Caminho estava dizendo a parte da política, então, a corrupção, a gente entende que teria que ser uma comissão ou um grupo de pessoas do nosso conhecimento que irá buscar os nossos direitos, mas sem perder os ideais. Quando está dentro do poder, não esquecer as suas idéias iniciais. E o povo, nós, como jovens e cidadãos, a gente tem que cobrar, então ficar junto deles cobrando junto, entendeu? Fiscalizando...
E o segundo tópico a gente colocou o Trabalho voluntário. Como assim? Ajudar não só na forma individual, tem que ter assim um grupo dentro da área política, do âmbito da política, mas os jovens têm que se unir também de outras formas. Onde o governo não está chegando, os jovens têm que fazer sua parte sim. Como pré-vestibulares comunitários, a ajuda mesmo de mão-de-obra na construção de escolas, de praças. Botar a mão na massa mesmo. Tanto os jovens quanto o resto da população.
Bom, e o terceiro tópico seriam os Movimentos culturais. Como? Grupos de dança, grupos de artes cênicas e outros grupos. Até quem tem conhecimento como os jovens que já se formaram em Administração, em Contabilidade começar a promover cursos para divulgar, tipo a contabilidade... assistente de departamento pessoal. Quem já é mecânico profissional, começar a dar cursos. Então é começar a se movimentar em prol. Não só esperar também do governo” (GD1).

A partir do terceiro Grupo de Diálogo, para evitar essa tendência de justaposição de Caminhos para solucionar cada um dos problemas levantados na parte da manhã, os(as) facilitadores(as) passaram a desafiar os subgrupos a escolher ou inventar um único Caminho através do qual pudessem alcançar as melhorias desejadas para a vida dos(as) jovens.

Um exemplo de síntese original foi elaborado por um dos subgrupos do GD4, que apresentou como quarto Caminho um partido político diferente:

Esse é o PMR – Partido Moderado Reacionário. Nós lemos os três pontos e os três Caminhos e, como eles tinham, feito nós usamos alguns pontos importantes e fizemos um só partido. Então, pegamos o primeiro Caminho, onde a inclusão num grupo social ou partido, mas com a ausência de um líder, em que todos têm a mesma autonomia para debater certos assuntos.(...) A atuação junto aos partidos políticos,

então a gente vai servir de ligação entre a sociedade junto com os partidos políticos, isso se não fizermos parte do próprio governo e da própria política, que ficaria melhor ainda. Se não acontecer isso, estaríamos fiscalizando junto ao governo verbas que estão sendo implantadas na comunidade. Nós teríamos assim o nosso lado moderado, que é o lado mais burocrático do partido. E os reacionários estarão fazendo [outras coisas] em lugares distintos da cidade. E como eles estarão fazendo? Não é fazendo baderna, eles podem estar reivindicando de uma forma cultural, fazendo teatro, se divertindo, batendo uma bola e conversando com a galera. E ainda, reivindicando de uma maneira mais dura. Isso não quer dizer que vai sair quebrando tudo, mas simplesmente fechar uma rua e dizer que não passa nada. O [lado] reacionário estaria justamente em pontos estratégicos para estar trazendo à sociedade discussões e quando houvesse alguma reivindicação quem estaria fazendo isso seriam os reacionários. (GD4)

Nesse partido, os(as) jovens buscaram resolver o problema da concentração do poder nas lideranças e o perigo de desvinculação das necessidades da população. Por isso, associaram o lado “moderado”, da ação institucional, com o “reacionário”, segundo eles responsável pela reivindicação, pela mobilização, pela reação, que pode incluir elementos do Caminho 3 (através de expressões culturais, esportivas).

Isso pode demonstrar que, apesar de serem resistentes ao modelo de política institucional que aí está – conforme argumentos apresentados em plenária, e que também estão presentes em certo senso comum, que diz que o(a) jovem de hoje não se interessa por política –, eles(as) reconhecem a importância do modelo clássico de participação representado pelos partidos políticos, sindicatos e movimentos estudantis. O argumento de uma das jovens chama atenção:

(...) essa parte política, nós, jovens, a gente acha meio chato, a maior parte dos jovens... Nós, como jovens, como população, a gente tem culpa também. Não é só ficar falando: ‘ah, os governantes...’, mas quem foi que colocou eles lá? Fomos nós. Então, a gente tem que chegar junto e querer cobrar o que eles falaram pra gente. Eles prometeram e têm que cumprir de alguma forma, entendeu? (GD1)

Ainda de acordo com a tabela 11, podemos perceber uma maior identificação dos(as) jovens da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com o Caminho 3 (*Eu e meu grupo: nós damos o recado*), que aparece sozinho ou associado a outros Caminhos nas escolhas de 16 dos 18 subgrupos; enquanto que o Caminho 1 está presente em todas as escolhas que reuniram mais de um Caminho (13 subgrupos); e o Caminho 2 fez parte da opção de 12 subgrupos. E dos cinco subgrupos que escolheram um único Caminho, quatro escolheram o Caminho 3 e um optou pelo Caminho 2.

A identificação com o Caminho 3 pode revelar a busca de reconhecimento do valor dos(as) jovens e do potencial de sua atuação em grupos, que reúnem jovens em torno de

diferentes identidades e tornam-se canais de expressão, formas singulares de presença juvenil na esfera pública. Além desse importante caráter de expressão de identidades, as sínteses construídas indicavam outros aspectos dos grupos juvenis: a atitude de solidariedade; a promoção de atividades artísticas e culturais, inclusive envolvendo uma mudança de enfoque, podendo torná-las meios de profissionalização:

(...) nós formaríamos um grupo que daria assistência a diversas outras entidades, dando assistência a entidades não-governamentais... Vamos citar o grupo Arco-Íris, dando apoio a eles, na luta deles... Estaríamos dispostos a ajudá-los, não apenas eles, mas também a outros grupos...; (...) que em um uma favela ou em uma escola há muitos talentos. Por exemplo, na minha escola existem muitos jovens que gostam de grafitar, e ao invés deles fazerem isso isoladamente ou de uma maneira errada, eles poderiam se organizar e formar um grupo que está fazendo um quadro ou uma arte que poderia estar rendendo dinheiro e uma profissão, porque grafite é uma arte. Existe grafite em parede, quadro, em roupas e uma coisa que também seria diversão se tornaria uma profissão (...) Com certeza, além da força, a gente tem que ter ação, porque todo jovem sabe que o futuro da nação depende dele, só que não basta apenas força, tem que agir também, não adianta ter pique ou idéia e ficar apenas no papel, como os políticos fazem, é necessário que isso se torne realidade, por isso chamamos nosso lema de Força e Ação. (GD5)

Para os(as) jovens, esses grupos também poderiam realizar algum tipo de ação voluntária nas comunidades locais e ter impacto no campo da política. No entanto, apesar de perceberem a importância da política institucional e seus mecanismos, os(as) jovens parecem procurar manter uma certa autonomia frente a essas instâncias, delegando seu exercício a outros(as) agentes:

Nós não fizemos o grupo ligado ao mundo da política, a gente fez o seguinte, junto com o representante daquela comunidade, ele tendo o valor dele político, estaríamos auxiliando ele, mas ele mesmo iria conversar com o prefeito ou com o governador da área, reivindicando aquilo. A gente não tem nenhuma ligação política, nós temos o nosso grupo que age independente da política ou de ONGs, a gente age por conta própria podendo mostrar o nosso ideal. O representante da comunidade, vamos dizer, a associação de moradores do bairro. Eles precisam colocar um show no bairro e não estão conseguindo, então nós, do grupo, iríamos auxiliá-los para poder conseguir isso. (GD5)

4.4 – Comentários finais

Quase chegando ao fim do Dia de Diálogo, todos(as) os(as) jovens presentes eram convidados(as) a tomar o microfone e falar na grande plenária, respondendo a duas questões:

“Que recado você mandaria para as pessoas que tomam decisão em nosso país?” e “O que aconteceu de mais importante aqui hoje?”.

a) Recados para os(as) tomadores(as) de decisões:

Nos “Recados para os(as) tomadores(as) de decisões no Brasil”, os(as) jovens orientaram suas mensagens em dois grandes eixos: “Demandas por direitos” e “Percepções da política”. A tabela 12 traz a freqüência com que esses temas apareceram nos recados.

Demandas por Direitos

Por um lado, no eixo das demandas, os recados consideraram duas versões de democracia – a representativa, mais tradicional, e a participativa, mais recente no país, podendo ser localizada a partir da promulgação da Constituição de 1988. Assim, na perspectiva da primeira versão, os(as) jovens se dirigem aos(às) tomadores(as) de decisões, aqui vistos(as), principalmente, como governantes da esfera executiva – municipal, estadual e federal –, apelando para “obrigação” de seus(suas) representantes em fazer valer os direitos sociais percebidos e, na maioria das vezes, vividos, como ausentes e/ou desigualmente distribuídos. As citações relativas a esses direitos foram ordenadas conforme a seguinte escala: trabalho (15 citações); educação (14); assistência aos desamparados²⁵ (14); saúde (dez); segurança (oito).

Tabela 12 - Comentários finais: Recado para os(as) tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo 15-17 (19/03) 20	Grupo de Diálogo 18-24 (02/04) 22	1º Grupo de Diálogo 15-24 (09/04) 29	2º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04) 18	Grupo de Diálogo Exp. Participativa (12/03) 14
DEMANDAS (total = 79)					
Por “ajuda” e “cuidado” em geral (total = 14)	6	2	4	1	1
Por mais emprego/trabalho (total = 15)	4	2	5	4	0
Por mais segurança/atenção com as drogas/ criminalidade (total = 8)	4	0	1	1	2
Por mais cuidado com a saúde/ hospitais (total = 10)	0	2	3	2	3
Por mais educação (total =14)	0	2	4	3	5
Por reforma agrária (total = 1)	0	0	1	0	0
Por infra-estrutura urbana (total = 1)	0	0	0	1	0

25 Esta é a nomenclatura usada na Constituição de 1988.

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo 15-17 (19/03) 20	Grupo de Diálogo 18-24 (02/04) 22	1º Grupo de Diálogo 15-24 (09/04) 29	2º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04) 18	Grupo de Diálogo Exp. Participativa (12/03) 14
Por mais oportunidade, de um modo geral (total = 2)	0	2	0	0	0
Por ouvir a população e, principalmente, os(as) jovens (total = 18)	3	4	5	5	1
PERCEPÇÕES (total = 57)					
Dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, corrupção (total = 22)	5	3	6	3	5
Da política (total = 16)	0	3	8	4	1
Auto percepção (total = 9)	1	4	0	2	2
Consciência de eleitor(a)/ cidadão(ã) (total = 6)	0	3	1	1	1
Ações individuais (total = 4)	0	1	3	0	0

O direito negado ao trabalho, para além da constatação expressa no desabafo de um dos jovens – *“é que o presidente tomasse vergonha na cara e acabasse com o desemprego”*, nessa faixa etária, se agrava frente às exigências para o ingresso no mercado de trabalho: *“dêem mais oportunidade de trabalho para quem não tem experiência”*.

Ou quem já conseguiu ultrapassar essa barreira, aponta outras precariedades a serem vencidas: *“nem trabalho..., mas aumentar o salário, na moral”*.

Em relação ao direito à educação, vista como fundamental, pois *“sem educação não tem solução”* ou *“dando educação para os jovens, formamos belos profissionais do futuro”*, as queixas se localizam mais na “qualidade” da educação do que, ao que parece, na necessidade de mais escolas: *“Melhorar a educação porque hoje em dia está horrível, está bem precária”*.

A insistência do apelo ao direito à “assistência aos(às) desamparados(as)” que mereceu o mesmo número de citações referentes ao direito à educação revela a permanência da face mais bruta da desigualdade social no Brasil: *“(...) muitos mendigos andando na rua, têm que cuidar da miséria”*.

Para entender o número de citações relativas ao direito à saúde (dez), mais até do que o de direito à segurança (oito), deve-se levar em conta o momento da realização da pesquisa que coincide com a intervenção oficial do Ministério da Saúde em alguns hospitais públicos do Rio de Janeiro. A repercussão nos meios de comunicação das condições “precárias” da saúde na cidade alimentou o debate nas plenárias:

Não é para o presidente, mas é para o nosso excelentíssimo prefeito, né? Que é algo que está chamando muita atenção na mídia. Pro doutor César Maia: que pare de pensar tanto no Pan-Americano e pense um pouco no povo que está lá no hospital ou nos hospitais.

Nos recados dos(as) jovens, o direito à segurança se restringe ao combate à criminalidade, às drogas e à violência, com um fim em si mesmo, ou seja, sem relação com as causas que promovem essas tantas violências. Talvez, pela convivência cotidiana da violência tanto imaginada como real, e alimentada pelo modo como o tema da segurança é apresentado nos diferentes meios de comunicação: *“Desse mais atenção à questão da violência, porque senão iremos entrar em uma guerra civil, se os governantes não abrirem os olhos com a criminalidade hoje no RJ”*.

O depoimento a seguir ilustra bem o que vem sendo demonstrado em pesquisas sobre juventude hoje, que apontam a proximidade do risco à violência entre os diferentes segmentos sociais, apesar dos números enfocarem uma certa concentração dessa mesma violência quando se utilizam determinados recortes, principalmente, o de cor, o de faixa etária e o de local de moradia.

(...) que eles não se esqueçam que eles também moram no mesmo país, têm filhos que moram no mesmo país. Se eles não tomarem conta do país da maneira certa, eles mesmos podem se prejudicar, porque eles têm filhos que moram aqui. Em relação à segurança..., se eles não derem crédito à segurança, aos jovens, um monte deles vão se perder, vão traficar, vão roubar e provavelmente os filhos deles poderão ser assaltados e poderão ser mortos.

Já na versão de democracia participativa, os(as) jovens entendem que uma escuta qualificada das reivindicações da sociedade seja necessária antes da tomada de decisões pelos(as) governantes. Os(as) jovens ainda não especificam uma forma institucionalizada por meio da qual poderiam ser ouvidos(as), como, por exemplo, por meio dos conselhos de direitos. Mas mencionam determinadas práticas que, hoje em dia, inclusive, vêm sendo adotadas por gestores(as) públicos(as), qual seja, informar políticas públicas por meio de pesquisas científicas. Daí a relevância dada à pesquisa em pauta: *“é que o governo... pro presidente, é que fizesse mais, assim, tipo, reuniões iguais a essa, com jovens, e intitulasse uma pessoa jovem pra falar das condições dos jovens no país”*.

Percepções da política

O segundo grande eixo denominado aqui de Percepções da Política, pode ser lido também como um grande desabafo dos(as) jovens, que aproveitaram esse momento para expressar seu descontentamento com os(as) políticos(as) e com a política. Dentre os comportamentos mais desabonadores apontados pelos(as) jovens estão:

- o egoísmo: “eu acho que eles pensam só neles, por causa que se eles não pensassem só neles, o mundo não estaria do jeito que está”;
- a corrupção: “se essas pessoas que tomam decisão forem as pessoas certas, que cassem o mandato desses corruptos porque senão nunca vai acabar”;
- e, principalmente, a falta de reflexão na condução da política, o que estaria reforçando a importância do conhecimento sistematizado para um bom termo da coisa pública: “é que na hora de tomar as decisões, que o governo tenha mais consciência, que eles possam realmente pensar, parar para refletir”.

Por outro lado, é possível encontrar nessas mesmas percepções determinada visão da política como lugar do exercício da democracia, ao ser ressaltada, por exemplo, a interdependência entre governantes e governados(as):

A mensagem que eu vou deixar não vai ser para o político eleito, e sim pra aqueles que vão eleger os políticos. Que na hora do voto, lembrem de tudo isso que estudamos aqui hoje, que debatemos hoje. Vamos ver as melhores propostas, as pessoas que têm dignidade, lealdade, que têm competência, acima de tudo, pra governar. E não trocamos nosso voto por favores ou por acharmos o candidato apenas bonitinho. *(palmas)*

Neste mesmo eixo das percepções, chamou nossa atenção a forma como os(as) jovens se apresentam aos(às) “tomadores(as) de decisão” para, assim, se incluírem no jogo político: “(...) porque eles podem até achar que o jovem não tem opinião própria, que o jovem só quer bagunça. Mas, não. Os jovens têm idéias muito boas (...)”.

No conjunto dos depoimentos, diferentes tons, nuances expressas pelos(as) jovens ao se dirigirem aos(às) “tomadores(as) de decisão”, se tornaram perceptíveis por nós, pesquisadores(as), por meio da experiência vivida no ato da pesquisa:

- desespero: “e que arrume mais emprego para esse país, pelo amor de Deus”;
- afronta: “pro sem-vergonha do Lula ... pra ele parar de viajar pra lá e pra cá e ver que os jovens estão todos desempregados e a maioria dos jovens são pais de família e têm que sustentar seus filhos, têm seu filho, sua esposa, sua família. E pra eles verem que a gente quer um emprego, a gente quer trabalhar e quer ter experiência em alguma coisa”;
- ameaça: “é que eles tomem cuidado porque o jovem é revolucionário... e a gente vai mudar este país”;
- desprezo: “e a mensagem... não tem nenhuma, não”;
- desafio: “experimenta passar o que a gente está passando, procurando emprego”;
- revolta: “fala para essa máfia aí para devolver o dinheiro, porque é covardia o que eles estão fazendo”.

Por fim, segue o depoimento de um jovem que, articulando os dois eixos (Demandas por Direitos e Percepções da Política), resume bem o sentido de aperfeiçoamento da democracia no Brasil: *“Eu deixo, assim, uma coisa: sem justiça não tem democracia, né? Então, cabe a gente também fazer a nossa parte”*.

b) O que aconteceu de mais importante aqui hoje

Os(as) pesquisadores(as) aguardavam ansiosos(as) as respostas dos(as) jovens sobre o que havia acontecido de mais importante durante o Dia, tanto porque era a oportunidade para saber a avaliação que os(as) jovens faziam sobre aquela experiência, o que eles(as) mais valorizaram no Dia de Diálogo, quanto pelo inesperado das respostas. E isso aguçava nossa curiosidade e, muitas vezes, essas opiniões nos surpreenderam e mesmo emocionaram.

Reunimos as respostas em torno de alguns temas e subtemas. A frequência com que esses temas apareceram nos comentários dos(as) jovens encontra-se na tabela 13. O primeiro conjunto temático que teve 51 referências, diz respeito à possibilidade de os(as) jovens **tomarem a palavra** e as repercussões disso: eles(as) destacaram a oportunidade de expressão de suas opiniões; que levou ao estabelecimento de uma interlocução; e assinalaram a importância de terem suas idéias ouvidas e consideradas. Um segundo grupo temático está relacionado ao campo da **sociabilidade**, e obteve 16 respostas: os(as) jovens ressaltaram a oportunidade de conhecer pessoas, que possibilitou o reconhecimento de uma identidade compartilhada. O terceiro conjunto de questões gira em torno do processo de **aprendizagem** desencadeado durante o Dia, e teve 45 referências. Outro destaque foi dado ao fato de que os(as) jovens participantes puderam **pensar sobre o Brasil**, sobre seus problemas, e as formas de superá-los, o que constitui o quarto grupo temático, com oito referências. Ainda nessa rodada de avaliação do Dia, alguns(mas) jovens aproveitaram para dizer que tinham gostado da experiência e para agradecer por terem sido convidados(as) a participar da pesquisa²⁶. Vejamos, a seguir, cada um desses grupos de respostas.

26 Apenas um jovem não respondeu a essa questão, restringindo seu comentário final ao recado aos(às) tomadores(as) de decisão.

Tabela 13 – Comentários finais – o que aconteceu de mais importante

Comentários Finais O que aconteceu de mais importante (temas/questions)	Grupo de Diálogo 15-17 GD2 (19-03)	Grupo de Diálogo 18-24 GD3 (02-04)	1º Grupo de Diálogo 15-24 GD4 (09-04)	2º Grupo de Diálogo 15-24 GD5 (30-04)	Grupo de Diálogo Exp. Participativa GD1 (12-03)	TOTAL
1. O poder da palavra						
Expressão	1	3	1	0	0	5
Interlocução	7	10	8	11	1	37
Escutar os(as) jovens/ Registrar suas opiniões	1	4	1	0	3	9
2. Sociabilidade						
Conhecer novas pessoas	3	1	5	1	1	11
Identidade	0	4	0	0	1	5
3. Aprendizagem						
Aprendizado (sem especificar)	1	2	9	0	7	19
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	0	4	1	4	2	11
Aprendizado através da interlocução	5	0	6	2	2	15
4. Pensar sobre o Brasil	3	3	0	1	1	8
5. Gostei	0	2	7	2	1	12
6. Agradecimento	0	1	9	0	0	10
7. Outras repostas	0	2	0	3	1	6
8. Não declarou	0	0	0	1	0	1
Total de referências à aprendizagem	6	6	16	6	11	45
Total de referências à interlocução	12	10	14	13	3	52

O “poder da palavra”

Para os(as) jovens, o Dia de Diálogo foi considerado importante porque lhes *deu a palavra*, possibilitando a expressão tanto individual como coletiva. Era a oportunidade de falar sobre o que pensam e desejam, sabendo que havia outras pessoas interessadas em conhecer suas opiniões. Os depoimentos sugerem que, em geral, a opinião dos(as) jovens não é considerada. Poderíamos nos perguntar em que medida eles(as) estariam sendo ouvidos(as) nos espaços

sociais como a família, a escola, no ambiente de trabalho, ou mesmo em grupos e entidades dos quais participam. Por isso se surpreenderam que houvesse pessoas, instituições, e mesmo organismos do governo dispostos a escutá-los(as) e, desse modo, assinalaram a importância da pesquisa que lhes propiciou a experiência da *centralidade da palavra*.

O mais importante é que eu hoje eu debati e foi gravado, e agora 'eles' vão ouvir. Porque eu sempre debato, debato, e nunca foi gravado. Agora eles vão ouvir a mim. Cada debate que a gente faz, a gente conhece pessoas. Mas aí ninguém ouve a gente, né? E agora 'eles' vão ouvir, vão ser obrigados a ouvir a nossa opinião. (GD1)

Os(as) jovens destacaram a experiência de conviver com opiniões diferentes, com pessoas de situações sociais distintas e que é possível confrontar idéias, sem "brigas", respeitando as opiniões. Isso fica claro nos acordos realizados para a escolha do Caminho síntese de cada subgrupo. Podemos sintetizar essas situações em torno da categoria *interlocução*:

Eu acho que o que de mais importante aconteceu aqui hoje foi escutar mesmo os pontos de vista diferentes, foi escutar os desejos de outros jovens e, principalmente, escutar a realidade de cada um aqui, da história de vida. Eu acho que é tão diferente da minha. E eu acho que isso pra mim, pessoalmente, foi muito importante. (GD3)

Sociabilidade

Outro destaque diz respeito à possibilidade dada ao(à) jovem de experimentar outras dimensões do convívio social. Sair do círculo mais restrito, do bairro, do município, do trajeto cotidiano para a escola e/ou trabalho, atravessar a Região Metropolitana e, com isso, conhecer pessoas vindas de outros lugares e descobrir identidades compartilhadas conformando, assim, certa sociabilidade juvenil.

Eu acho que pra mim... eu estava em casa e, sinceramente, eu não estava muito a fim de vir não, né?, mas como eu vou prestar vestibular esse ano, eu achei muito importante saber isso, saber mais sobre o país, política e essas coisas assim. E eu me interessei pra caramba. Eu fiquei muito feliz em ver que tem jovens que se interessam, igual a mim... Pelo menos agora, né? (GD3)

Bom, o que eu destaquei de mais importante foi o aprendizado que eu tive hoje, principalmente com amigo Douglas, que a gente confabulou muito aqui e o 'maluco' sabe pra caramba, queria dar meus parabéns aqui pra ele. (GD4)

Aprendizagem

Outra parte significativa dos(as) jovens destacou a dimensão do *aprendizado* que pode se traduzir numa nova forma de observar certas questões ou mudar opiniões cristalizadas.

Na primeira vez das exaustivas vezes que eu peguei nesse microfone, eu acho que fui um dos que mais falei aqui hoje, vão todos sonhar com a minha voz..., eu falei que achava que o jovem estava alienado (...) e o que aconteceu de bom foi que eu percebi que eu estava enganado. Então eu me sinto muito contente por isso. Por ver que mesmo, às vezes, escondido, adormecido, o jovem, principalmente os jovens, aqui e hoje, têm uma consciência política, sabem o que querem, principalmente. (GD3)

Pensar sobre o Brasil

E esse aprendizado pode motivar a ação dos(as) jovens para transformar o país. Ao terem sido convidados(as) a falar sobre suas próprias vidas, como jovens brasileiros(as), alguns(mas) deles(as) assinalaram que no Dia de Diálogo puderam analisar a situação do nosso país, destacando a necessidade de implementação de mudanças:

O que aconteceu de mais importante pra mim aqui hoje foi esse movimento, essa reunião pra tentar reverter esse quadro lamentável que a sociedade está atravessando. (GD3)

No entanto, a ênfase colocada pelos(as) jovens na aprendizagem nos surpreendeu [42% dos(as) jovens participantes dos GDs se referiram a isso], porque a formação não era o objetivo primeiro do encontro. Por um lado, isso pode revelar que os(as) próprios(as) jovens foram surpreendidos(as), porque tiveram acesso a alguma forma de conhecimento, numa situação social em que não esperavam por isso, já que haviam sido convidados(as) para algo diferente de uma aula, curso ou palestra.

Por outro lado, queremos explicitar que essa dimensão do aprendizado ficou muito marcada, a ponto de, várias vezes, os(as) jovens mudarem a formulação da questão que lhes havia sido proposta e que estava escrita no cartaz. Ao invés de responder sobre “*O que aconteceu de mais importante aqui hoje?*”, muitos(as) jovens começavam dizendo “*O que eu aprendi de mais importante aqui hoje foi...*”. Ora, isso pode mostrar que alguns(mas) se inspiravam nas intervenções anteriores: depois de um(a) ou dois(duas) jovens dizerem que “*O que aconteceu de mais importante é que eu aprendi muito*”, o(a) terceiro(a) dizia “*O que eu aprendi de mais importante foi...*”. Algumas vezes, os(as) facilitadores(as) recolocavam a pergunta original, mas os(as) jovens continuavam falando sobre seus aprendizados.

4.5 – Fichas pré e pós-Diálogo

As fichas Pré e Pós-Diálogo constituem um instrumento importante na metodologia utilizada nesta pesquisa, porque buscam mapear a adesão e a resistência iniciais dos(as)

participantes frente aos Caminhos propostos, bem como se este posicionamento sofreu alteração após o Dia de Diálogo.

Além disso, o cruzamento dessas informações com os dados de perfil (sexo, idade, escolaridade, situação frente ao trabalho) revela se determinados grupos foram mais favoráveis que outros a algum dos Caminhos, ou se tendem a uma maior mudança de avaliação após o Diálogo.

Na RMRJ, observamos que o conjunto dos(as) jovens avaliou os três Caminhos de forma muito semelhante, sendo que o Caminho 3 foi o que recebeu a menor média inicial:

Tabela 14 – Posição inicial e final dos(as) jovens da RMRJ frente aos Caminhos Participativos

Caminho	Posição inicial	Posição final
1	6,1	6,1
2	6,2	6,3
3	5,9	6,2

Expressando suas opiniões numa escala de 1 a 7, essas médias – em torno de 6,0 – mostram que a tendência foi mais à adesão que à resistência aos três Caminhos. E como não havia uma clara resistência a nenhum deles, os(as) jovens puderam combiná-los sem restrições, como vimos anteriormente, e tenderam a organizar suas escolhas reunindo elementos dos três. Apenas o Caminho 3 teve um ligeiro crescimento na adesão dos(as) jovens: de 5,9 a 6,2.

O anexo 6 é constituído por tabelas que mostram a variação das notas dadas aos Caminhos segundo as variáveis sexo, idade, escolaridade e situação no mercado de trabalho. A seguir, uma síntese dos deslocamentos efetuados ao longo do Diálogo.

Caminho 1:

- maior adesão das moças (6,0 para 6,2) e os rapazes não mudam sua avaliação (6,0);
- a aceitação dos(as) jovens de 18 a 24 anos foi bastante reduzida (6,6 a 6,0);
- nos Grupos com jovens entre 15 a 24 anos, houve um aumento significativo da adesão (5,7 a 6,2);
 - a adesão inicial é ligeiramente maior entre os(as) jovens que trabalham (6,2) do que entre os(as) que não trabalham (5,9) e não há variações significativas após o Diálogo: para os(as) que trabalham, a média passa a 6,3, e para os(as) que não trabalham, 6,0;
 - a maior resistência inicial é de quem concluiu até a 4ª série do Ensino Fundamental (5,5)²⁷;
 - os(as) jovens mais escolarizados(as) (estudantes do Ensino Superior) aumentaram sua adesão (de 6,0 a 6,4).

27 Mas havia apenas dois(duas) jovens nessa condição, e a mudança de posição de um(a) deles(as) teve como resultado uma grande variação na média.

Caminho 2:

- a maior diferença na posição inicial entre rapazes (5,9) e moças (6,5);
- há uma convergência na posição final, porque a aceitação dos rapazes cresce ao longo do Dia de Diálogo (6,2), e a das moças é reduzida para 6,3;
- o Caminho 2 foi o que obteve maior adesão entre os(as) jovens com experiência prévia (6,8), e essa posição não é alterada ao longo do Dia de Diálogo;
- quando consideradas escolaridade e situação no mercado de trabalho, as variações das médias de adesão não ultrapassam $\pm 0,2$.

Caminho 3:

- cresce a adesão das moças (5,9 para 6,4) enquanto os rapazes praticamente não mudam sua opinião (6,0 a 6,1);
- os(as) jovens de 15 a 17 anos reduzem a adesão (6,2 a 5,8);
- os(as) jovens de 18 a 24 anos têm a menor adesão, antes e após o Diálogo (5,4 a 5,5);
- nos Grupos de 15 a 24 anos, houve a maior variação positiva (6,0 a 6,7);
- o mesmo ocorre com jovens dessa faixa etária com experiência prévia de participação (6,1 a 6,8);
- tem a menor avaliação inicial entre os(as) jovens que trabalham (5,8);
- tanto os(as) jovens trabalhadores(as) quanto os(as) que não trabalham aumentaram sua avaliação na mesma intensidade (de 5,8 a 6,1 e de 6,0 a 6,3, respectivamente);
- a resistência é diretamente proporcional ao aumento da escolaridade, tanto na posição inicial quanto na final;
- o Diálogo aumentou a adesão a esse Caminho para jovens em todos os níveis de escolaridade, exceto os(as) que têm até 4ª série;
- os(as) estudantes do Ensino Superior tiveram a maior variação positiva (5,2 a 5,8), mas sua avaliação final ainda é menor que a média da avaliação final dada a esse Caminho por todos os(as) jovens que participaram da pesquisa (6,2).

Análise qualitativa

Na ficha Pós-Diálogo, além de assinalar o grau de sua adesão aos Caminhos, os(as) jovens poderiam estabelecer condições para suas escolhas. Uma parcela não se pronunciou (para o Caminho 1, 19 jovens – 18%; Caminho 2, 18 jovens – 17%; e Caminho 3, 28 jovens – 27%).

E, dentre os(as) que responderam, alguns(mas) jovens justificaram suas escolhas e outros(as) condicionaram suas opções, algumas vezes lançando mão dos próprios argumentos contrários a cada Caminho encontrados no Caderno de Diálogo²⁸.

No que diz respeito ao **Caminho 1**, percebemos que muitos(as) jovens percebem a importância da participação nos espaços institucionais, mas querem garantir que “os jovens

28 Alguns(mas) jovens copiaram as repostas dos(as) colegas.

tenham de fato espaço para opinar e defender seus interesses”, e dizem “que nossas opiniões sejam ouvidas” e querem que “haja debate amplo sobre os rumos tomados pela organização”.

Alguns(mas) jovens deram pistas de como deveria ser essa ação: *“as instituições organizem a sociedade e possam controlar as ações dos governantes”*; *“eu priorizaria as organizações estudantis para tentar solucionar os problemas”*. E buscaram responder aos argumentos contrários a esse Caminho contidos no Roteiro para o Diálogo: *“o jovem represente totalmente os jovens, sem se corromper com os políticos antigos que não fazem nada pelo povo”*; *“desde que não tenha corrupção nem manipulação”*.

No entanto, alguns(mas) jovens continuaram dirigindo sua atenção à ação de outros(as), sem se incluir no Caminho: *“essas pessoas coloquem em prática a vontade da maioria, sem pensar no individual, no que você lucraria com isso”*; *“esses jovens sejam capazes de lutar pelos nossos direitos”*; *“eu não tenha que participar de partidos políticos”*. Mas também houve quem mostrasse exatamente o contrário: *“não basta apenas uma parte dos jovens tentarem lutar para melhorar a qualidade de vida, exigindo dos políticos, cada um de nós devemos fazer a nossa parte”*. E a participação nesse Caminho tem um objetivo preciso: que *“os jovens lutem contra a desigualdade social”*.

As condições apresentadas à participação através do **Caminho 2** mostram que os(as) jovens reconhecem que a ação voluntária pode contribuir para melhorar a situação de extrema precariedade em que se encontra uma parte da população. Por isso, eles(as) impõem como condição que se consiga *“ajudar muitas famílias que passam fome e que não conseguem emprego”*, e percebem que é preciso que *“haja fiscalização para que não haja desvio de alimentos e de materiais de construção”*. Por outro lado, não querem que este tipo de resposta se perpetue: *“as pessoas que estão sendo ajudadas tenham consciência que a ajuda não é para sempre”*.

Também com relação a esse Caminho, os(as) jovens procuraram responder às críticas apresentadas no Roteiro para o Diálogo. A maior preocupação era que, com a ação voluntária, *“o governo não deixe de fazer a sua parte com relação aos problemas sociais”*. Por isso, insistem que *“as pessoas que participam destes trabalhos não tomem para si as responsabilidades que não são delas e sim dos governantes”* e *“não haja o esquecimento da cobrança, ou seja, não fazer tudo, sem que possamos cobrar dos nossos governantes que possam mudar o país”*. Outro argumento contrário foi respondido com a condição de que *“o voluntário exerça a solidariedade sob supervisão de um especialista”*.

Os(as) jovens também expressaram nas condições a capacidade de reinterpretar os Caminhos propostos. Para eles(as), o voluntariado não deve se restringir a uma ação individual, e afirmam estar dispostos(as) a praticá-lo desde que *“eu nunca tenha que trabalhar sozinha”* ou, como escreveu um rapaz, que *“eu não participe sozinho, mas tenha apoio de um grupo”*. Em todo caso, os(as) jovens percebem que com a magnitude dos problemas sociais existentes em nosso país, a ação voluntária não dispensa a *“participação em organismos com atuação mais ampla na sociedade”*.

As condições impostas à participação no **Caminho 3** mostram que os(as) jovens o compreenderam como uma poderosa forma de expressão. Isso foi explicitado por um dos jovens que escreveu: *“concordo totalmente, pois os jovens podem criticar e expor suas idéias através desses grupos”*. Por isso desejam que *“os jovens se organizem livremente”*, e que *“esses grupos tenham representatividade e tenham suas opiniões respeitadas e consideradas”*.

Eles(as) sabem que esses grupos juvenis têm potencial e podem oferecer à sociedade *“soluções inteligentes, interessantes e dinâmicas”*. Assim, uma das condições apresentadas era que os grupos juvenis *“comprometam-se com a integração social, formando grupos abertos, e explorando ao máximo a arte como forma de reivindicação”*. E desejam que os grupos *“ajudem a pressionar os órgãos competentes a solucionar os problemas”*.

Outra jovem impôs como condição que as atividades promovidas pelos grupos *“venham trazer melhorias no seu município”*. E, mais uma vez, os(as) jovens apresentaram uma reinterpretação do Caminho, manifestando seu apoio à organização de grupos juvenis desde que eles *“realmente lutem por direitos, e não apenas para levarem na ‘brincadeira’ os direitos da juventude”*, e que *“haja um compromisso sério, não seja tratado como brincadeira”*.

Os(as) jovens estavam atentos(as) ao risco de isolamento a que os grupos podem estar sujeitos, referidos no Roteiro para o Diálogo. Por isso, sua adesão está condicionada ao fato de que *“o grupo não se isole, acabando por discutir temas que afetam apenas a seus componentes”*. Outras respostas seguiram a mesma direção: *“os grupos não se fechem, e sejam ligados a grupos maiores para conseguirem com mais facilidade os seus objetivos”* ou *“não se fechem para si mesmos e não se tornem preconceituosos ou incapazes de se relacionar”*, e percebem que *“necessita de uma orientação para não cair em questões como xenofobia”*.

Muito pertinente foi a preocupação de que o grupo não sufoque as individualidades: *“trabalhar no coletivo, mas respeitar o individual”*; *“cada um respeite a opinião do outro, mas que no final estejam todos juntos, para fazer o melhor para o país”*. De fato, os(as) jovens acreditam que a ação coletiva pode ter impacto sobre a realidade social: *“os grupos realmente trabalhem para inverter a situação do país, com união e força de vontade”*.

Houve opiniões divergentes acerca de um ponto: ter ou não apoio de políticos(as) para as atividades dos grupos juvenis? Alguns(mas) jovens pretendem que *“os grupos sejam ajudados pelo governo ou por ONGs”*, que *“os políticos patrocinem os jovens para divulgar a mensagem”*. Outros(as), no entanto, desejam que *“nós compartilhem nossas idéias sem ajuda dos governantes”*, procurando garantir autonomia. Para além da discussão sobre a pertinência ou não do apoio, merece destaque a dimensão política expressa na condição imposta por um jovem: que *“o governo abra mais as portas da cultura, dando oportunidades aos líderes desses grupos a ensinar a verdadeira cultura dos guetos, vielas, favelas, mostrando ao Brasil a verdadeira cultura dos brasileiros”*.

5 – Considerações finais

O Projeto *Juventude Brasileira e Democracia* investigou as formas, conteúdos e sentidos da participação dos(as) jovens entre 15 e 24 anos nas esferas públicas e políticas. A partir dele, foi possível traçar o perfil dos(as) jovens da RMRJ e de suas formas de participação social. Essas informações e, especialmente, a experiência vivida com os(as) jovens nos Grupos de Diálogo e as reflexões que daí decorreram, permitem que a equipe de pesquisadores(as) faça as seguintes considerações:

- esta pesquisa proporcionou aos(às) 103 jovens que participaram dos encontros nos Dias de Diálogo um espaço de escuta qualificada e respeitosa. Mesmo se, para alguns(mas), não tenha sido a única experiência deste tipo, para a grande maioria, esse momento, representou uma oportunidade de expressão, talvez, não encontrada por eles(as), seja na escola, em casa ou em instituições que atuam junto a grupos juvenis, nas quais o seu lugar é sempre o de receptor(a) do discurso do outro e de pouca valorização da sua condição de autor(a) da palavra;

- de posse do direito à palavra, e colocados(as) em situação de diálogo, os(as) jovens revelaram, a partir de suas vivências, um profundo conhecimento das marcas da desigualdade social que estruturam a sociedade brasileira. Ainda que seja desigual o acesso à educação, ao trabalho, à cultura e lazer, o tema da desigualdade esteve presente não somente nos depoimentos dos(as) jovens mais pobres, mas foi a tônica nos Grupos de Diálogo, mostrando uma crítica incisiva ao contexto socioeconômico e cultural que restringe as perspectivas de inserção social para os(as) jovens de hoje, principalmente os(as) negros(as) e pobres;

- esse quadro, se, por um lado, pode inibir uma participação mais efetiva na esfera pública, como mostrou a pesquisa de opinião, por outro, não anula o desejo de atuar para resolver os problemas que os(as) atingem. Os(as) jovens da RMRJ, uma vez convidados(as) a pensar “Que Brasil desejam e como chegar lá”, aceitaram jogar o jogo proposto pelos(as) pesquisadores(as) diante das três opções de Caminhos Participativos apresentadas. Usando sua criatividade, reelaboraram os Caminhos, a partir de suas diferentes maneiras de estar no mundo, dando-lhes novos sentidos e costurando novos arranjos às maneiras de participação propostas;

- a grande maioria das ações propostas por eles(as), resultantes dos consensos obtidos ao longo dos Diálogos, falava em cobrar dos(as) políticos(as), “fiscalizar”, mas não diziam de que forma isso poderia ser feito. Entretanto, alguns Grupos apresentaram maneiras de chegar às autoridades, como, por exemplo, organizando grupos juvenis, articulando um movimento em favor da juventude, ou até criando um partido político para fazer frente ao sistema político-partidário que aí está, visto como inoperante e sem compromisso com os interesses da coletividade;

- algumas vezes, suas propostas para chegar ao “Brasil que queremos” passavam por práticas tradicionais da cultura política nacional, como acionar diretamente o Executivo ou

buscar a intermediação de um(a) parlamentar com base política local para o atendimento de alguma reivindicação. Mas fizeram muitas críticas ao modelo da democracia representativa, indicando que não basta somente votar. Assim, algumas vezes, as alternativas apresentadas pelos(as) jovens se referiam aos princípios da democracia participativa, muito embora desconhecem os mecanismos de controle social através dos quais poderiam exercê-la, como os movimentos sociais e conselhos de direitos;

- é importante assinalar que a participação em grupos juvenis se configurou como a forma de presença na esfera pública que mais recebeu adesão dos(as) jovens da RMRJ durante o Diálogo, privilegiando a promoção de atividades artísticas e culturais; nos locais de moradia; e em atividades solidárias ou voluntárias;

- para nós, a compreensão e o desejo de participação que os(as) jovens apresentaram é premissa para a assunção da noção e da prática de cidadania ativa, e pode ser a base da participação popular na formulação, acompanhamento e avaliação de políticas públicas. Reforçar essa concepção entre os(as) jovens, viabilizando-lhes o acesso a informações que acentuem esse conteúdo e impulsionem sua prática cidadã, pode ter um impacto positivo no aprofundamento da democracia em nosso país;

- quanto à adaptação da metodologia dos Grupos de Diálogo à realidade brasileira, percebemos que, para os(as) jovens, um dia intensivo de conversa e de aprendizado – quando emitiram opiniões e colocaram-nas em diálogo com as opiniões dos(as) outros(as) – produziu um deslocamento do eixo da reflexão, do âmbito privado ao público, lhes possibilitando a expressão de uma análise crítica e a valorização da ação coletiva, colocando-se como sujeitos da reflexão e da ação. O Dia de Diálogo despertou para a importância de refletir e posicionar-se frente à situação brasileira. Alguns(mas) jovens inclusive buscaram informações junto aos(as) pesquisadores(as) sobre possibilidades de atuação nos seus municípios;

- os(as) jovens demonstraram uma ampla capacidade de diálogo e de negociação para chegar a consensos, indicando o reconhecimento de que os Caminhos Participativos propostos se complementam, sendo formas válidas de participação; e, por outro lado, demonstrando o respeito à escolha de cada um(a);

- desse modo, podemos dizer que o uso da metodologia foi um empreendimento bem-sucedido, atingindo o duplo objetivo do projeto, pois se constituiu em um método de investigação e um processo educativo ampliado, se bem que em outras oportunidades será necessário um maior cuidado com a convocação, buscando meios de garantir a participação de Grupos menos representados, como as jovens mulheres, e os(as) jovens com menor escolaridade e os(as) mais pobres, além de efetuar uma melhor adaptação dos instrumentos de Diálogo ao perfil desse público;

- para nós, pesquisadores(as), o projeto despertou a necessidade de, cada vez mais, abrir canais para participação juvenil. E também de estreitar a aproximação entre diferentes entidades para fortalecer ações articuladas que busquem ampliar e efetivar os direitos dos(as) jovens brasileiros(as). Estamos de acordo que esses sujeitos e essa participação são estratégicos na consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira;

- entendemos que as informações reunidas através da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia podem contribuir para a formulação de políticas públicas destinadas ao universo juvenil, tendo como base a consulta direta aos(às) próprios(as) jovens, que desejam dar suas opiniões e participar;

- por isso, defendemos que o projeto Juventude Brasileira e Democracia proporcione aos(às) jovens que dele participaram a oportunidade de receber e discutir coletivamente os resultados dessa investigação. E que, em cada Região Metropolitana, as instituições responsáveis pela realização da pesquisa retomem o contato com esses(as) jovens, convidando-os(as) para suas atividades, e/ou promovam atividades específicas para eles(as);

- desejamos que nossa análise possa contribuir com todos aqueles(as) que têm o compromisso com a defesa e ampliação dos direitos dos(as) jovens brasileiros(as), mas sabemos que esse objetivo se situa no processo amplo de luta pela superação das profundas desigualdades sociais e econômicas que marcam o nosso país e na possibilidade de garantir o caráter verdadeiramente público das políticas governamentais.

6 – Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania / Fundação Perseu Abramo, 2005.
- AGUIAR, Alexandre, BRANDÃO, Bianca, CUNHA, Marilena e RODRIGUES, Solange. *Relatório Preliminar da Pesquisa Qualitativa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Projeto Juventude Brasileira e Democracia. Rio de Janeiro: Ibase, Pólis, Iser/Assessoria e Observatório Jovem da UFF, julho de 2005, 158p. (documento digitalizado).
- ANDRADE, Eliane Ribeiro. *A Educação de Jovens e Adultos e os jovens do “último turno”: produzindo outsiders*. Tese de doutoramento. Niterói: UFF, 2004.
- IBASE, PÓLIS. *Que Brasil queremos? Como chegar lá? Roteiro para diálogo de pesquisa Juventude Brasileira e Democracia*. Rio de Janeiro: IBase e Polis, 2005.
- NOVAES, Regina. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: Pierre Sanchis (org.). *Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. Rio de Janeiro, 2004 (artigo inédito).
- NOVAES, Regina e MELLO, Cecília. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2002 (Comunicações do Iser, 57).
- NOVAES, Regina, PORTO, Marta e HENRIQUES, Ricardo (orgs.). *Juventude, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2002 (Comunicações do Iser, edição especial).
- NOVAES, Regina e VANUCCI, Paulo (orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto da Cidadania / Fundação Perseu Abramo, 2004.
- PROJETO JUVENTUDE. *Perfil da juventude brasileira*. São Paulo: Instituto da Cidadania / Criterium Assessoria em Pesquisas / Instituto de Hospitalidade / Sebrae, junho 2004 (www.projetojuventude.org.br).
- RODRIGUES, Solange e CUNHA, Marilena. *Relatório da Pesquisa Quantitativa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Projeto Juventude Brasileira e Democracia. Rio de Janeiro: Ibase, Pólis e Iser/Assessoria, maio de 2005, 63 pp. (documento digitalizado).
- SOARES, Luiz Eduardo e ATHAÍDE, Celso. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência III: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça / SEDH, 2002.

7 – Anexos

ANEXO 1 – COMENTÁRIOS INICIAIS

Tabela A1a – Comentários iniciais: exemplos

Comentários iniciais (temas questões)	Grupo de Diálogo 15-17 anos 19/03/05
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência	<p>JF (...) eu tenho quinze anos, moro no Caramujo, Niterói. E o que me preocupa no país, no Brasil é a violência.</p> <p>JF (...) tenho dezesseis anos, moro no Engenho Novo. E o que procuro no Brasil é menos violência.</p> <p>JM (...) tenho dezesseis anos, moro em São Gonçalo. E o que me preocupa no Brasil é a violência.</p> <p>JM (...) tenho dezesseis anos, moro em Irajá. E o que me preocupa no Brasil é a violência.</p> <p>JF (...) tenho dezessete anos, moro em Belford Roxo. E o que mais me preocupa no Brasil é a violência.</p>
Segurança	JM (...) tenho dezesseis anos, moro em Itaboraí. E o que mais me preocupa no Brasil é falta de segurança e desemprego.
Criminalidade	<i>Eu tenho dezesseis anos, moro em Caxias. E o que me preocupa assim no Brasil hoje em dia é a criminalidade, que está uma coisa muito séria. Não está dando pra gente sair e passear, ir para alguns lugares legais. Isso é o que me preocupa no Brasil.</i>
Desigualdade social	JM (...) tenho dezessete anos e o que me preocupa no Brasil é a falta de desigualdade... quer dizer, é a falta de igualdade. É isso que me preocupa... moro em Madureira.
Desemprego	JM (...) tenho dezessete anos, moro em Caxias. E o que me preocupa no Brasil é o desemprego.
Desemprego	<p>JM (...) tenho dezessete anos, moro em Olaria. E o que mais me preocupa no Brasil é a falta de emprego.</p> <p>JM (...) tenho dezesseis anos, moro no Jardim América. E o que eu procuro no Brasil é mais oportunidade de trabalho.</p> <p>(Já citado com Segurança)</p>
Trabalho e educação	JF (...) eu tenho quinze anos, moro no Jardim América e o que me preocupa no Brasil é a falta assim... de possibilidades de trabalho... de educação, de uma educação melhor ...
Falta de acesso à educação e à cultura	JM (...) tenho dezessete anos, venho do Camorim, em Jacarepaguá. E o que mais me preocupa é a falta de acesso à educação e à cultura.
Falta de oportunidade	JM (...) a minha idade é dezessete anos e eu moro em Campo Grande. O que me preocupa no Brasil é da falta de oportunidade
Drogas	<i>JF (...) tenho quinze anos, moro em Belford Roxo. E o que mais me preocupa no Brasil é a questão das drogas.</i>
Saúde	<i>JF (...) tenho dezessete anos, moro em São João de Meriti. E o que me preocupa no Brasil é a saúde.</i>
Miséria	JF (...) tenho dezesseis anos, moro em Campo Grande. E o que me preocupa no Brasil é a miséria.

Tabela A1b – Comentários iniciais: exemplos

Comentários iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 18-24 anos 02/04/05
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência	JF (...) <i>eu tenho 21 anos, moro no bairro Lins de Vasconcelos e o que me preocupa hoje é a violência.</i>
Violência e...	<p>JM (...) <i>tenho 20 anos, moro em São João de Meriti e pelo menos pra mim, assim, o que mais me preocupa no sentido de problema no Brasil é principalmente a desigualdade social no sentido geral; tipo violência, desemprego, talvez desemprego, claro, violência conta bastante, mas talvez desemprego no sentido da juventude é bem forte.</i></p> <p>JF (...) <i>moro em Bangu, o que me preocupa muito é violência também, a desigualdade social entre os jovens, não tem muita oportunidade, tem muitos jovens, assim... como é que eu posso dizer, assim, que não têm oportunidade de estudar, se metem no caminho da violência, das drogas, então eu acho que tinha que ter mais oportunidade pros jovens, obrigada. 23 anos.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 19 anos, moro na Barra, mas me preocupo com a violência, e o desemprego, o primeiro emprego no caso.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 21 anos, moro aqui no Estácio, o que mais me preocupa é o que todo mundo já disse: é a violência, e a saúde também preocupa bastante porque hoje em dia é difícil tu ter um atendimento digno nesses hospitais de hoje em dia, e a violência também me preocupa bastante.</i></p> <p>JF (...) <i>tenho 20 anos, moro em Manguinhos, a minha grande preocupação é a discriminação, a violência e o desemprego.</i></p>
Segurança	JM (...) tenho 23 anos, moro em Santíssimo, o que me preocupa também é a segurança, entendeu, pra todos nós, e uma coisa que aqui está sendo bem falada que é o emprego para os jovens hoje em dia.
Polícia	<p>JF (...) <i>tenho 20 anos, moro em Nilópolis e o que mais me preocupa é a incompetência da polícia hoje em dia.</i></p> <p>JM (...) tenho 23 anos, moro no bairro São Mateus em São João, o que mais me preocupa também como já falaram é a polícia.</p>
Desemprego	JM (...) tenho 24 anos, moro em Paciência, o que mais me preocupa no Brasil é o desemprego.
Primeiro Emprego	JM (...) tenho 18 anos, moro em Itaboraí e o que me preocupa mais, assim, no momento, em relação ao jovem é falta de oportunidade que ele tem, a questão do primeiro emprego, porque muitas vezes as pessoas não querem dar o emprego porque querem experiência do jovem, mas como que o jovem vai ter experiência se não dão oportunidade de conseguir o primeiro emprego?
Educação	<p>JM (...) tenho 22 anos, moro em Nilópolis, eu acho que o que mais me preocupa é educação, porque se você consertar a educação o resto você conserta por tabela. Vai consertar a parte de violência, de racismo, de tudo, porque os países desenvolvidos, eles investem muito em educação, por isso que eles estão lá no alto.</p> <p>JF (...) tenho 19 anos, moro em São Gonçalo, e o que me preocupa no Brasil é educação, como ele falou ali também que... você vê que colégio público dificilmente entra pra uma faculdade, mas tem a oportunidade da particular que tem melhor ensino, então eu acho que trabalhando na educação é fundamental no Brasil, e mais oportunidades para os jovens no emprego.</p>
Falta de Oportunidade	JM (...) tenho 19 anos, moro em Madureira, o que me preocupa mais é falta de oportunidade que falta pros jovens.

Comentários iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 18-24 anos 02/04/05
Abandono	JM (...) <i>moro em Queimados, o que está me preocupando mais no Brasil é o abandono</i>
Drogas	JF (...) <i>moro em Nilópolis e o que mais me preocupa é a morte dos jovens e as drogas que estão virando moda. Tenho 18 anos.</i>
Saúde	JF (...) <i>tenho 22 anos, moro em Belford Roxo, e o que mais me preocupa já foi colocado aqui entre todos os colegas, que é a violência, que está terrível, o desemprego que é o maior número e também a saúde, a questão da saúde está muito precária e gente vê todo dia na televisão falar sobre a saúde, então você olhar pra aquilo você vê que é triste, é uma tristeza, porque se você vai pra porta de um hospital, você não sabe se você sai dali morto ou vivo. É uma situação muito triste mesmo.</i>
Alienação da Juventude	JM (...) <i>tenho 22 anos, moro no Cachambi e uma grande preocupação que eu tenho no momento sobre a juventude são as políticas de alienação da juventude e por meio da mídia também, uma mídia de massas, onde também vem proporcionando essa alienação política entre outras coisas.</i>
Racismo	<p>JF (...) <i>a questão que eu venho falar aqui, o que mais me preocupa é realmente o que todo mundo já falou, eu acho que é a violência, a falta de emprego, eu acho também que é um pouco do racismo aonde todo mundo vai a procura de um emprego e hoje em dia está um pouco difícil, e a questão é: o negro é muito mais, é muito mais difícil pro negro arrumar um trabalho hoje do que pra um branco, isso é o que me preocupa.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 20 anos, moro na Tijuca, e o que mais me preocupa é a violência, o desemprego, a péssima qualidade da educação básica principalmente, e muitas outras coisas aí que estão muito erradas; o racismo, como foi colocado, também é um ponto importante. Muita gente diz que não existe, isso sai no jornal com artigos de jornalistas consagrados, que têm nome, e que insistem em negar isso, que utilizam números para dizer que o racismo não existe e é só perguntar pra qualquer negro que vai num shopping, por exemplo, e sabe que tem racismo, que é difícil arrumar emprego, que quando arranja o salário deles é menor mesmo e isso é uma realidade do país.</i></p>

Tabela A1c – Comentários iniciais: exemplos

Comentários iniciais (temas/questões)	1º Grupo de Diálogo 18-24 anos (09/04/05)
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Desemprego	<p>JM (...) eu tenho 24 anos, eu moro no Rocha, eu trabalho com telemarketing já tem oito meses mais ou menos, e o que me preocupa no Brasil é o desemprego, a violência que é grande, deixa eu ver outras preocupações; futuro em casa também, que eu tenho uma irmã que está desempregada e está procurando emprego e a oportunidade é pouca pra quem não tem experiência. Bom, e é isso, eu agradeço a oportunidade de estar aqui e bom dia a todos.</p> <p>JM (...) tenho 20 anos, moro em São João de Meriti e o que me preocupa é o desemprego, a miséria.</p> <p>JF (...) tenho 17 anos, moro em Campo Grande e eu acho que o que me preocupa mais no Brasil é a desigualdade social e o desemprego pro jovem que está muito difícil.</p>
Falta de oportunidade	<p>JM (...) tenho 21 anos, moro no Rio Comprido, minha preocupação no Brasil é o desemprego, a falta de oportunidade para os jovens em faculdades, diversos outros, estudo colegial.</p> <p>JM (...) tenho 19 anos, moro em Campo Grande e que mais me preocupa aqui no Brasil é o desemprego, falta de oportunidades para os jovens concretizarem o seu futuro.</p> <p>JM (...) eu tenho 17 anos, moro em Vigário Geral, e o que mais me preocupa é a falta de oportunidades tanto na educação quanto no trabalho, violência, saúde, enfim, várias coisas que ia prolongar demais aqui.</p> <p>JM (...) tenho 19 anos, e eu moro em Paciência, perto de Santa Cruz, não sei se vocês sabem onde é, e o que me preocupa é a falta de oportunidade pro jovem, pro jovem em geral no Brasil, e a violência.</p>
Violência	<p>JM (...) tenho 17 anos, moro na Tijuca, e o que me preocupa no Brasil é a violência.</p> <p>JM (...) tenho 19 anos, eu também me preocupo muito com a violência, eu moro em Colégio, perto de Irajá.</p> <p>JM (...) tenho 16 anos, moro na Ilha do Governador, e o que mais me preocupa é a violência.</p> <p>JM (...) o que me preocupa no Brasil na realidade é tudo, mas, em primeiro lugar, a violência, que se deixar do jeito que está, o país vai ser governado por um bando de marginais e ai não vai dar, né? Tenho 21 anos.</p>

Comentários iniciais (temas/questions)	1º Grupo de Diálogo 18-24 anos (09/04/05)
Violência e...	<p>JM (...) <i>eu tenho 20 anos, eu moro no morro do Vidigal e o que me preocupa no Brasil é a violência e a educação.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 20 anos, moro na Tijuca, e o que me preocupa no Brasil é a desigualdade social, violência, miséria, não tem como conviver.</i></p> <p>JM (...) <i>eu tenho 22 anos, moro em Magé, e o que mais me preocupa aqui nessa cidade, além dela ser maravilhosa, é o desemprego, a saúde e a violência.</i></p> <p>JF (...) <i>eu tenho 15 anos, moro na Penha, na Vila Cruzeiro, e o que mais me preocupa é o desemprego e a violência.</i></p> <p>JF (...) <i>moro em Santa Cruz e o que me preocupa hoje é o desemprego e a violência. Obrigada.</i></p> <p>JF (...) <i>tenho 18 anos, moro em São Gonçalo – morro do Castro, e o que mais me preocupa é a violência, a falta emprego e, de modo geral, as coisas, que está muito difícil aí hoje em dia.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 18 anos e o que me preocupa mais seria a violência e a educação. Cachambi.</i></p> <p>JM (...) <i>tenho 19 anos, moro em Bonsucesso e o que me preocupa no Brasil é várias coisas; desigualdade social, desemprego, violência, saúde pública, muitas coisas e assim vai.</i></p>
Educação	<p>JM (...) <i>tenho 22 anos, o que me preocupa muito no Brasil é... eu acho que a base de tudo é educação, que realmente é precária, e também eu acho que parte um pouco da gente a vontade de aprender um pouco (...), eu acho que não tem que só deixar o professor dar aula, eu acho que você tem que ter vontade de aprender, eu acho que parte dai pra gente conseguir outras coisas.</i></p> <p>JF (...) <i>eu tenho 19 anos, eu acho que tudo que depende do governo está em situação precária, mas eu acho que a pior é a educação e a saúde.</i></p>
Saúde	<p>JM (...) <i>tenho 18 anos, moro em Piabetá, e o que mais me preocupa no momento é a saúde pública.</i></p>
Política	<p>JM (...) <i>eu tenho 16 anos, moro em Nova Iguaçu, e o que me preocupa no Brasil é a política.</i></p>
Corrupção	<p>JM (...) <i>tenho 18 anos, moro no Cachambi. Bom, o que me preocupa no Brasil, de certa forma, é a corrupção, porque ela é uma das principais causas de tudo que está acontecendo.</i></p>
Fome	<p>JM (...) <i>tenho 17 anos, moro em Nova Iguaçu, e o que me preocupa é a fome e outras paradas aí.</i></p>

Tabela A1d – Comentários iniciais: exemplos

Comentários iniciais (temas/questões)	2º Grupo de Diálogo 15-24 anos (30/04/05)
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Desemprego	<p>JM (...) eu tenho 22 anos e a minha preocupação aqui é a falta de emprego na cidade.</p> <p>JF (...) tenho 17 anos, moro em Brás de Pina. A minha preocupação é o desemprego.</p> <p>JF (...) eu moro em Parada Angélica. E a minha preocupação também é o desemprego. Tenho 16 anos.</p>
Educação	<p>JM (...) tenho 19 anos, moro em São Gonçalo. E a minha preocupação é a educação no Brasil.</p> <p>JM (...) tenho 20 anos, moro no bairro de São Francisco Xavier. E a minha preocupação é a educação.</p>
Violência	<p>JF (...) tenho 24 anos, moro em Piabetá. E a minha preocupação no Brasil é a violência.</p> <p>JM (...) tenho 19 anos, moro em Cordovil. E a minha preocupação também é a violência.</p> <p>JM (...) tenho 24 anos, moro em Paciência, Zona Oeste. A minha preocupação também é a violência.</p> <p>JF (...) tenho 18 anos, moro em Copacabana. E a minha preocupação também é a violência.</p>
Violência e...	<p>JF (...) tenho 21 anos, moro em Nova Iguaçu, e a minha preocupação é o desemprego e a violência, porque eu acho que uma coisa leva à outra.</p> <p>JF (...) Bom dia, tenho 21 anos, moro em Bonsucesso. Minha preocupação é violência, desemprego e educação, porque um gera o outro.</p> <p>JM (...) tenho 16 anos, moro em Parada Angélica, Duque de Caxias. E a minha maior preocupação é a violência, que eu acho que é a causa, pelo fato do desemprego.</p>
Segurança	<p>JF (...) tenho 19 anos, moro no Ambaí, minha preocupação é a segurança.</p>

Obs: Dos(as) dezoito jovens presentes, um chegou atrasado para as apresentações.

Tabela A1e – Comentários iniciais: exemplos

Comentários iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa 12/03/05
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Educação	JF (...) <i>moro no Rio Comprido, e o que me preocupa no Brasil é a educação.</i>
Violência	<p>JM (...) moro no Grajaú, e o que me preocupa muito no Brasil é a violência.</p> <p>JF (...) <i>moro em São João do Meriti, tenho 17 anos, e o que me preocupa é a violência.</i></p> <p>JM (...) tenho 21 um anos, moro no Caju, e o que me preocupa é o que a companheira citou ali, a violência.</p>
Violência e...	<p>JF (...) <i>tenho 22 anos, moro na Taquara, e o que mais me preocupa é a educação, desemprego e a violência.</i></p> <p>JM (...) <i>moro em Nova Iguaçu e o que me preocupa no Brasil é as drogas, a violência, tudo (...)</i></p> <p>JF (...) <i>eu tenho 17 anos, moro em Duque de Caxias e São João, depende, porque o endereço lá em casa vem às vezes São João ou Duque de Caxias, e o que mais me preocupa é a má distribuição de renda e a violência.</i></p>
Segurança	JF (...) tenho 19 anos, moro em Duque de Caxias, e o que me preocupa é a questão da saúde e da falta de segurança.
Pobreza	JM (...) tenho 15 anos, moro em Senador Câmara, e o que mais me preocupa é a pobreza.
Saúde	(Já citado em Segurança)

ANEXO 2 – SEMELHANÇAS

Tabela A2a – Semelhanças na educação

1. Formação de professores(as) – 4/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Melhorar a formação dos(as) professores(as)
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Qualificação de professores(as)
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/04	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Melhorar a capacitação do(a) professor(a)
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Cursos de aperfeiçoamento de professores(as)

2. Condições de funcionamento das escolas – 4/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Falta (<i>mais</i>) de material didático Políticas públicas de incentivo à educação
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Alimentação / Segurança / Investimento
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Orientação pedagógica
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Escola de período integral com recreação, esporte e lazer

3. Relação professor(a)/aluno(a) – 3/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Melhorar a relação aluno(a)/professor(a) (mais diálogo)
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Melhor vínculo entre professores(as) e alunos(as)
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Adaptação dos(as) professores(as) aos(às) alunos(as)

4. Democratizar o acesso à universidade – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Abrir a universidade para jovens de baixa renda
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Acesso ao Ensino Superior
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

5. Remuneração dos(as) professores(as) – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Professores(as) melhor remunerados(as)
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Valorização dos(as) professores(as)
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

6. Aumentar número de professores(as) – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Falta de professores(as)
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais professores(as)
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

7. Oferta de ensino profissionalizante no Ensino Médio – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Ensino/qualificação profissional
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Maior especialização dos(as) jovens durante o Ensino Médio/ Todas as escolas devem ter cursos profissionalizantes

8. Aumentar o número de escolas – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais escolas onde falta
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Distância entre trabalho e escola ou entre a casa e a escola

9. Educação para além da escola – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Educação não é só dos(as) professores(as), do governo, mas também de casa
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais educação
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

Tabela A2b – Semelhanças no trabalho

1. Ampliação do mercado de trabalho específico para jovens – 5/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Mais oportunidades de trabalho para os(as) jovens Resolver a questão da experiência (tempo de experiência) exigida para entrar no mercado de trabalho
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Falta de oportunidade para o primeiro emprego
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/04	Primeiro emprego (cursos)
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Primeiro emprego mesmo sem experiência
1ºGD (Exp. Prévia) 12/03/05	Parceria entre mais empresas e governo para os(as) jovens.

2. Oferta de cursos para o trabalho – 3/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Qualificação para conseguir emprego Facilitar acesso aos cursos (distância e custos)
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais pessoas qualificadas
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Qualificação profissional dos(as) jovens

3.Oferta de estágios remunerados – 3/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Estágios remunerados e para servir como experiência
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais estágios remunerados
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Dar oportunidade de estágios para estudantes e não estudantes

4. Superação dos preconceitos gerais para a admissão no mercado de trabalho – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Preconceitos: racial, físico, social e geográfico
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Superar os preconceito
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

5. Respeito aos direitos trabalhistas – 3/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Trabalhar muitas horas
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Valorização do trabalho humano
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Emprego com carteira assinada
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

Tabela A2c – Semelhanças em cultura e lazer

1. Criação de espaços para cultura e lazer nos bairros populares; descentralização – 4/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Mais espaços de cultura e lazer para os(as) jovens
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Falta de espaços de cultura nos subúrbios/Baixada
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Ter mais praças e áreas de lazer nos bairros
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	Área adequada para esporte e lazer próxima às casas Pólos culturais populares de conhecimento público Levar os eventos culturais para o interior do Rio de Janeiro

2. facilitar o acesso a espetáculos culturais via barateamento do preço dos ingressos – 3/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Baratear preço dos ingressos
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Ingressos mais baratos
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Preços mais acessíveis
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	Tema discutido neste GD, mas não chegou a ser apontado como semelhança

3. Segurança – 4/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	Segurança para os(as) jovens terem mais lazer
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	Falta de segurança nas praças
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Segurança
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Mais segurança
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	

4. Divulgação de eventos e espaços culturais – 2/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	<i>Necessidade de divulgação maior</i>
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	<i>Pólos culturais populares de conhecimento público (aqui pela questão da divulgação)</i>

5. Palestras explicando o que é cultura – 1/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	<i>Palestras incentivando a cultura</i>
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	

6. incentivo ao esporte – 1/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	Incentivo ao esporte
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	

7. incentivo das famílias à presença em atividades de cultura e de lazer – 1/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	<i>Incentivo da família</i>
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	
GD1 (Exp. participativa) 12/03/05	

8. Papel do Poder Público na oferta de atividades culturais – 1/5

GD2 (15 a 17 anos) 19/03/05	
GD3 (18 a 24 anos) 02/04/05	
GD4 (15 a 24 anos) 09/04/05	
GD5 (15 a 24 anos) 30/04/05	Eventos promovidos pelos governos
GD1 (Exp. Participativa) 12/03/05	

ANEXO 3 – PALAVRAS-CHAVE E CAMINHOS PARTICIPATIVOS

Tabela A3a – Relação de palavras-chaves ditas pelos(as) jovens nos subgrupos e Caminhos Participativos

GD2 – 15 a 17 anos – 19/03/05

Vermelho	Amarelo	Laranja	Verde
<p>Cobrar do governo (1)</p> <p>Atender às necessidades das comunidades (3)</p> <p>Atividades culturais (3)</p> <p>Mostrar as qualidades dos(as) jovens (3)</p>	<p>Grupos culturais (3)</p> <p>Conquista de respeito e diálogo com professores(as) (3)</p> <p>Participação de jovens em sindicatos e partidos (1)</p> <p>Lei de melhoria na remuneração de professores(as) (1)</p> <p>Jovens propondo leis de incentivo à lazer e cultura (1)</p>	<p>Combate aos problemas sociais (2)</p> <p>Ação social = Capacitação pessoal e profissional (2)</p> <p>Fragilidade das ações sociais voluntárias (2)</p>	<p>União de jovens (3)</p> <p>Reivindicações (3)</p> <p>Realização de melhorias (3)</p>

Tabela A3b – Relação de palavras-chaves ditas pelos(as) jovens nos subgrupos e Caminhos Participativos

GD3 – 18 a 24 anos – 02/04/05

Vermelho	Amarelo	Laranja	Verde
<p>ONGs (1, 3)</p> <p>Conhecimento de leis (1)</p> <p>Poder político (1)</p> <p>Política (1)</p> <p>Trabalho voluntário (2)</p> <p>Voto (1)</p> <p>Dependem de financiamento do governo (2, 3)</p> <p>Manipulação de políticos(as) (1)</p> <p>Ação individual (2)</p> <p>Força política (1)</p>	<p>Manipulação dos políticos(as) (1)</p> <p>Participação política dos(as) jovens (1)</p> <p>Política (1)</p> <p>Corrupção (1)</p> <p>Respeito ao(à) jovem (1, 2)</p> <p>Corrupção (1)</p> <p>Direitos da juventude (1)</p> <p>Responsabilidade do Poder Público (1)</p>	<p>Participação de jovens na política (1)</p> <p>Organização estudantil (1)</p> <p>Classes sociais e poder político (1)</p> <p>Alienação (1)</p> <p>Ação voluntária (2)</p> <p>Ajuda aos(às) pobres (2)</p> <p>Ação voluntária = Capacitação pessoal (2)</p> <p>Ensinar e aprender (2)</p>	<p>“Sabe com quem está falando?” (1)</p> <p>ONGs e movimentos sociais (1)</p> <p>Ajuda sem política (2)</p> <p>Ações reduzidas (3)</p> <p>ONGs (2)</p> <p>Grêmios estudantis (3)</p> <p>(Organizações Estudantis – UNE (1)</p> <p>Oportunidade do(a) jovem falar o que pensa (2)</p> <p>ONGs (1, 2, 3)</p> <p>Trabalhar sem receber (2)</p> <p>Trabalho comunitário (2)</p> <p>Mais trabalho cultural, menos trabalho social (3)</p> <p>Meios de comunicação a serviço da educação (3)</p> <p>Individualismo (2)</p> <p>Independência com relação aos(às) políticos(as) (2)</p> <p>Papel reduzido da juventude (1)</p>

**Tabela A3c – Relação de palavras-chaves ditas pelos(as) jovens nos subgrupos e Caminhos Participativos
GD4 – 15 a 24 anos – 09/04/05**

Vermelho	Amarelo	Laranja	Verde
<p>Fazer pelo governo (2)</p> <p>Exigir e fiscalizar do governo (1)</p> <p>Poder e influência (1)</p> <p>Vontade e palavra, diferente de poder (1)</p> <p>Democracia (3)</p> <p>Líder (1)</p> <p>Corrupção (1)</p>	<p>Profissionais desqualificados (2)</p> <p>Eleições (1)</p> <p>Voto (1)</p> <p>Organização e pressão política (3)</p> <p>Capacitação para o trabalho (2)</p>	<p>Voto (1)</p> <p>Aversão à política (1)</p> <p>Ajudar às pessoas (2)</p> <p>O trabalho isolado faz a diferença (2)</p> <p>Organização juvenil (3)</p> <p>Cobrança/ Reivindicação (1)</p> <p>Não basta cobrar, é preciso fazer (1,2)</p> <p>Conscientizar as pessoas (1)</p>	<p>Amigos da Escola/Amigos da Alegria (2)</p> <p>Segurança na cultura e lazer (3)</p> <p>Ingressos acessíveis para cultura (3)</p> <p>Debates/ Conversas (3)</p>

**Tabela A3d – Relação de palavras-chaves ditas pelos(as) jovens nos subgrupos e Caminhos Participativos
GD5 – 15 a 24 anos – 30/04/05**

Vermelho	Amarelo	Laranja	Verde
<p>O poder da mídia (1)</p> <p>Mobilização (3)</p> <p>A impotência dos(as) jovens (1)</p> <p>O poder político tem o poder da força (1)</p> <p>Cada um(a) faz a sua parte (2)</p> <p>Indivíduos pouco capacitados (2)</p> <p>Fragilidade do trabalho voluntário (2)</p> <p>Dificuldade de apoio financeiro (3)</p>	<p>Assumir a responsabilidade do governo (2)</p> <p>Cultura e lazer (3)</p> <p>Grupos de comunicação (3)</p> <p>Geração de trabalho e renda para jovens (3)</p>	<p><i>Não houve Grupo Laranja Neste Dia</i></p>	<p>Decisão/ Determinação (1)</p> <p>O poder da palavra (1)</p> <p>Formador(a) de opiniões (1)</p> <p>Voluntariado e emprego (2)</p> <p>Ajudar e aprender (2)</p> <p>Não tem burocracia (2)</p> <p>Grafiteiros (3)</p>

**Tabela A3e – Relação de palavras-chaves ditas pelos(as) jovens nos subgrupos e Caminhos Participativos
GD1 – Experiência prévia – 12/03/05**

Vermelho	Amarelo	Laranja	Verde
<p>Pichações de protestos nas escolas – grafite (3)</p> <p>Grêmios estudantis (1, 2, 3)</p> <p>Reivindicação (1, 2,3)</p> <p>Capacitação para o trabalho (1)</p> <p>Representação de jovens na esfera gov. (1)</p> <p>Ações individuais X Ações coletivas (2)</p>	<p>Fiscalização (2,3)</p> <p>Respeito às diferenças (3)</p> <p>Não esperar do governo (2)</p> <p>Corrupção (1)</p> <p>Trabalho voluntário (2)</p> <p>Movimentos culturais (3)</p> <p>ONGs (1)</p> <p>Apadrinhamento de crianças (2)</p> <p>Partidos (1)</p>	<p>Poder (1)</p> <p>Governo (1)</p> <p>“Panelinha” de poderosos(as) (1)</p> <p>Grêmio estudantil (1)</p> <p>Partido político (1)</p> <p>Isenção de responsabilidade do Poder Público (2)</p> <p>Grupos culturais (3)</p> <p>Dança (3)</p> <p>Lazer (3)</p> <p>Não muda nada (3)</p> <p>Caminho sem futuro (3)</p> <p>Fechar-se em grupos (3)</p> <p>Cada um(a) faz a sua parte (2)</p> <p>Profissionais voluntários(as) (2)</p>	<p><i>Não houve Grupo Verde neste Dia</i></p>

ANEXO 4 – COMENTÁRIOS FINAIS 1

Tabela A4a – Recados para tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo de 15 a 17 anos (19/03/05)
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Demanda por “ajuda” e “cuidado” de um modo geral	<p>“que ajudem a quem mais necessita”</p> <p>“que continuem ajudando a todos”</p> <p>“que nunca esqueçam dos mais necessitados”</p> <p>“(…) e que ajudem mais a gente, só isso”</p> <p>“continuem tomando conta”</p> <p>“olhasse mais pela miséria”</p>
Demanda por trabalho/ emprego (mesmo sem experiência)	<p>“(…) dar emprego às pessoas”</p> <p>“ter mais trabalho”</p> <p>“que dê oportunidade ao jovem, porque tenho certeza que vários querem trabalhar”</p> <p>“dêem mais oportunidade de trabalho para quem não tem experiência”</p>
Demanda por mais segurança	<p>“Desse mais atenção à questão da violência, porque senão iremos entrar em uma guerra civil, se os governantes não abrirem os olhos com a criminalidade hoje no RJ”</p> <p>“mais segurança na questão das drogas, porque eu acho que, aqui no RJ, as drogas conseguem prosseguir muito facilmente”</p> <p>“para diminuir a violência”</p> <p>“eles olhasse mais pela violência (…)”</p>
Levar em consideração as demandas da população em geral e, especialmente as dos(as) jovens	<p>“é que escute as outras pessoas antes de tomar decisões”</p> <p>“(…) e escutar o que estamos aqui falando”</p> <p>“é que pensem mais em nós, jovens”</p>
Percepções dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, falta de reflexão, corrupção, falta de seriedade	<p>“(…) eu acho que eles pensam só neles, por causa que, se eles não pensassem só neles, o mundo não estaria do jeito que está”</p> <p>“é que eles deixem de pensar um pouco em si e pensarem nas pessoas (…)”</p> <p>“é que eles cumprissem suas promessas”</p> <p>“é que na hora de tomar as decisões que o governo tenha mais consciência”</p> <p>“antes dos políticos falarem que pensem primeiro”</p>
Auto-percepção	<p>“que o futuro da nação são os jovens. Então, se a gente quer um país desenvolvido em todos os aspectos, acho que a gente tem que começar a trabalhar pela base, que é o jovem”</p>

Tabela A4b – Recados para tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo de 18 a 24 anos (02/04/05)
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Demanda por “ajuda”, “cuidado” de um modo geral	<p>“(…) que melhore o país para a gente”</p> <p>“pensar no próximo”</p>
Demanda por trabalho/ emprego/ programas/ aumento de salário	<p>“pro sem-vergonha do Lula ... pra ele parar de viajar pra lá e pra cá e ver que os jovens estão todos desempregados, e a maioria dos jovens são pais de família e têm que sustentar seus filhos, têm seu filho, sua esposa, sua família. E pra eles verem que a gente quer um emprego, a gente quer trabalhar e quer ter experiência em alguma coisa</p> <p>“é que o Presidente crie novas idéias, novos programas para os jovens de todo o país, né?”</p>
Levar em consideração as demandas da população em geral e, especialmente as dos jovens	<p>“(…) e que eles pudessem pelo menos tirar um pouquinho de tempo para ouvir o que os jovens têm a dizer sobre o país”</p> <p>“não é só pro prefeito ou pro presidente, mas em geral. Que analise direito a nossa proposta, o que a gente tem pra oferecer. Não só a gente, mas tem vários outros grupos que estão anônimos, querendo aparecer. Então que dêem oportunidade para os outros grupos aparecerem também”</p> <p>“para ele parar, pensar, ouvir a voz do povo primeiro pra depois tomar as decisões”</p> <p>“é que o governo... pro presidente, é que fizesse mais assim, tipo reuniões iguais a essa com jovens e intitulasse uma pessoa jovem pra falar das condições dos jovens no país”</p>
Demanda por mais cuidado com a saúde/ hospitais	<p>“não é para o presidente, mas é para o nosso excelentíssimo prefeito, né? Que é algo que está chamando muita atenção na mídia. Pro doutor César Maia: que pare de pensar tanto no Pan-Americano e pense um pouco no povo que está lá no Hospital ou nos hospitais”</p> <p>“e também a saúde porque a saúde hoje em dia... eu acho que você vai doente para um hospital, você volta pior ainda ou então até morto”</p>
Demanda por mais educação	<p>“(…) eu volto a bater na tecla, igual eu vi na figura aqui do livro: sem educação não tem solução”</p> <p>“(…) melhorar a educação porque hoje em dia está horrível, está bem precária”</p>
Percepções dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, falta de reflexão, corrupção, falta de seriedade	<p>“é que eles botem a mão na consciência e que comecem a passar a ser honestos, porque no Brasil tem muitos corruptos”</p> <p>“é que eles possam realmente pensar, parar para refletir (...)”</p> <p>“é que os políticos tenham mais seriedade com a gente”</p>
Percepção da política	<p>(com um certo ar de desprezo) “e a mensagem... não tem nenhuma, não”</p> <p>“de abrir mais oportunidade pras pessoas, para os jovens que querem ajudar, mas não têm como, porque a política não dá essa força pra gente”</p> <p>“eu deixo, assim, uma coisa: sem justiça não tem democracia, né?”</p>

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo de 18 a 24 anos (02/04/05)
	Auto-percepção
Oportunidade de um modo geral	<p>“dar uma oportunidade pra gente poder seguir em frente (...)”</p> <p>“abrir mais oportunidades para as pessoas, para os jovens que querem ajudar”</p>
Consciência de eleitor(a)/ cidadão(ã)	<p>“é que eles nos respeitassem mais, porque fomos nós que colocamos eles no poder, tanto presidente, governador, deputado, qualquer um”</p> <p>“a mensagem que eu vou deixar não vai ser para o político eleito, e sim pra aqueles que vão eleger os políticos. Que na hora do voto lembrem de tudo isso que estudamos aqui hoje, que debatemos hoje. Vamos ver as melhores propostas, as pessoas que têm dignidade, lealdade, que têm competência acima de tudo pra governar. E não trocamos nosso voto por favores ou por acharmos o candidato apenas bonitinho”. (palmas)</p>
Ações individuais	<p><i>“se unindo e respeitando um ao outro, a gente pode chegar lá”</i></p>

Tabela A4c – Recados para tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	1º Grupo de Diálogo de 15 a 24 anos (09/04/05)
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Demanda por “ajuda”, “cuidado” de um modo geral	<p><i>“Pensem no povo, que sofre tanto aqui no Brasil”</i></p> <p><i>“que eles cuidem desse país, porque não é só ele que vive aqui, tem muitas famílias. E que eles possam ajudar as pessoas que necessitam”</i></p> <p><i>“melhorassem os serviços públicos”</i></p> <p><i>“(…) muitos mendigos andando na rua, cuidar da miséria”</i></p>
Demanda por trabalho/ emprego (mesmo sem experiência)/ programas / aumento de salário	<p><i>“e que arrume mais emprego para esse país, pelo amor de Deus”</i></p> <p><i>“experimenta passar o que a gente está passando, procurando emprego”</i></p> <p><i>“melhorasse o desemprego”</i></p> <p><i>“(…) nem trabalho, mas aumentar o salário, na moral”</i></p> <p><i>“aumente a taxa de emprego”</i></p>
Demanda por mais segurança	<p><i>“que acabem com a violência”</i></p>
Levar em consideração as demandas da população em geral e, especialmente as dos(as) jovens	<p><i>“pensassem mais nos jovens”</i></p> <p><i>“analisassem bem a pesquisa e fizessem valer todas as opiniões”</i></p> <p><i>“olhasse mais para os jovens (...)”</i></p> <p><i>“abrir mais espaços para os jovens”</i></p> <p><i>“(…) que façam valer o nosso proveitoso dia”</i></p>
Demanda por mais cuidado com a saúde/ hospitais	<p><i>“(…) para olhar para os hospitais também”</i></p> <p><i>“se preocupassem com a saúde”</i></p> <p><i>“invistam nos hospitais”</i></p>
Demanda por mais educação	<p><i>“Melhorar a educação no Brasil, que eles possam melhorar os colégios públicos para as criancinhas também”</i></p> <p><i>“a educação realmente precisa ter um cuidado especial”</i></p> <p><i>“melhorasse a educação”</i></p> <p><i>“invistam na educação”</i></p>
Percepções dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, falta de reflexão, corrupção, falta de seriedade	<p><i>“é que o presidente tome conta do nosso país melhor do que ele toma da vida dele”</i></p> <p><i>“(.) que pensassem realmente no povo”</i></p> <p><i>“deixe de roubar e gaste o dinheiro como deve gastar”</i></p> <p><i>“governe o país com mais atenção”</i></p> <p><i>“que, antes de tomarem decisões, eles pensem naquilo que pode causar através da decisão”</i></p> <p><i>“fala para essa máfia aí para devolver o dinheiro, porque é covardia o que eles estão fazendo”</i></p>

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	1º Grupo de Diálogo de 15 a 24 anos (09/04/05)
Percepção da política	<p>“se essas pessoas que tomam decisão forem as pessoas certas, que cassem o mandato desses corruptos, porque senão nunca vai acabar”</p> <p>“que eles fossem mais unidos na hora de tomar decisões (...)”</p> <p>“se eles não combaterem a corrupção vai continuar”</p> <p>“só depende deles para mudar o Brasil”</p> <p>“tome decisões certas para melhorar o país, e não para piorar”</p> <p>“pensem para tomar decisões porque não é só a vida deles, é a vida do povo que eles estão escolhendo”</p> <p>“acabar com a corrupção”</p> <p>“pensassem nestas tais decisões priorizando as necessidades do povo brasileiro”</p>
Consciência de eleitor(a)/ cidadão(ã)	<p>“(...) que pensassem realmente no povo que elegeu eles para eles estarem lá”</p>
Reforma agrária	<p>“são as duas necessidades hoje que o Brasil se encontra, educação e reforma agrária”</p>
Ações individuais	<p>“(...) depende de organização e força de vontade, empenho, e se a gente quiser mudar mesmo, vai mudar, é só a gente querer”</p> <p>“faça a parte deles que eu farei a minha”</p> <p>“é que agora conhecendo o que o jovem brasileiro pensa, o que o jovem brasileiro acha... que nós estamos aqui, consiga passar isso pros nossos amigos, nossos parentes, nossos irmãos... o que nós aprendemos, passar isso adiante e fazer o que nós realmente escrevemos, fazemos, dissemos o que nós achamos do Brasil... colocar isso em prática”</p>

Tabela A4d – Recados para tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/ questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	2º Grupo de Diálogo de 15 a 24 anos (30/04/05)
Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Demanda por “ajuda” e “cuidado” de um modo geral	<i>“fazer o bem sem olhar a quem”</i>
Demanda por trabalho/ emprego (mesmo sem experiência)/ programas/ aumento de salário	<i>“que pense na possibilidade de ajudar o jovem no dilema do desemprego”</i> <i>“(incentivar) mais empregos”</i> <i>“que eles se preocupassem com o emprego (...) no caso, para todos os brasileiros”</i> <i>“é que o presidente tomasse vergonha na cara e acabasse com o desemprego”</i>
Demanda por mais segurança/ atenção com as drogas/ criminalidade	<i>“é que eles não se esqueçam que eles também moram no mesmo país, têm filhos que moram no mesmo país. Se eles não tomarem conta do país da maneira certa, eles mesmos podem se prejudicar, porque eles têm filhos que moram aqui. Em relação à segurança... se eles não derem crédito à segurança, aos jovens, um monte deles vão se perder, vão traficar, vão roubar e provavelmente os filhos deles poderão ser assaltados e poderão ser mortos”</i>
Levar em consideração as demandas da população em geral e, especialmente as dos(as) jovens	<i>“pensassem mais nos jovens”</i> <i>“analisassem bem a pesquisa e fizessem valer todas as opiniões”</i> <i>“olhasse mais para os jovens (...)”</i> <i>“abrir mais espaços para os jovens”</i> <i>“(...) que façam valer o nosso proveitoso dia”</i>
Demandas por mais cuidado com a saúde/ hospitais	<i>“(...) para olhar para os hospitais também”</i> <i>“se preocupassem com a saúde”</i>
Demanda por mais educação	<i>“(...) olhar para educação também”</i> <i>“dando educação para eles (jovens), formamos belos profissionais do futuro”</i> <i>“que venham respeitar mais os jovens, venham incentivar o estudo”</i>
Percepções dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, falta de reflexão, corrupção, falta de seriedade	<i>“e na realidade, eles não pensam na juventude, eles pensam em encher o seu bolso e dar uma boa educação, uma boa saúde pros seus filhos, só pros seus filhos. E os outros jovens que continuem na lama”</i> <i>“porque eles prometem, prometem, prometem e na hora que eles estão lá no alto, que eles conseguiram o que eles queriam, eles não fazem valer com a palavra deles”</i> <i>“que eles cumpram com a promessa deles”</i>

Comentários finais (temas/ questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	2º Grupo de Diálogo de 15 a 24 anos (30/04/05)
Percepção da política	<p>“uns meses atrás, os Senadores estavam preocupados em colocar amor na bandeira nacional. Eu acho o seguinte, que antes deles se preocuparem em colocar amor na bandeira nacional, eles deveriam se preocupar com a ordem e o progresso do nosso país e com a ordem lá dentro mesmo, porque realmente é uma verdadeira bagunça. A gente vê no jornal que quando há votação, eles vão quando querem e recebem o salário que o povo, de impostos. A pessoa se comprar uma bala está pagando imposto, se comprar uma blusa, um quilo de açúcar, um quilo de arroz, a metade daquilo ali é imposto que está enchendo o bolso deles(...)”</p> <p>“pra eles melhorarem nessa parte porque rola muitas manipulações entre eles, na Câmara ... principalmente lá, lá que é... eu acho que tinha que diminuir um pouco, porque está muito entre eles. Eles estão tomando as decisões. Eu acho que eles estão tendo mais a mesma força do que o presidente”</p> <p>“é para o presidente. Para ele analisar bem o que está fazendo pra nós, pro Rio de Janeiro, pro Brasil todo”</p> <p>“é pros governadores saberem o que eles vão fazer durante esse tempo que eles vão continuar no mandato pra depois não se arrependerem”</p>
Auto-percepção	<p><i>“olhe em geral para os jovens, porque o futuro da nação já não está nas pessoas mais velhas e sim nos jovens, que estão começando agora”</i></p> <p><i>“(...) porque aos poucos, eles (os jovens) estão se perdendo”</i></p>
Consciência de eleitor(a)/ cidadão(ã)	<p><i>“que fizessem valer os votos”</i></p>
Demanda por melhor infra-estrutura da cidade	<p><i>“é pros prefeitos também. Pra olhar pra rua, botar asfalto”</i></p>

Tabela A4e – Recados para tomadores(as) de decisão

Comentários finais (temas/questões) Recados para os(as) tomadores(as) de decisão	Grupo de Diálogo Experiência participativa (12/03/05)
Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse/a tema/ questão
Demanda por “ajuda” de um modo geral	<i>“A maior parte da população, que necessita de coisas básicas”</i>
Demanda por mais segurança/ atenção com as drogas/ criminalidade	<i>“olhem mais pra segurança”</i> <i>“melhore a nossa segurança”</i>
Levar em consideração as demandas da população em geral e, especialmente as dos(as) jovens	<i>“de eles frisarem as prioridades dos jovens que... tem um número muito grande de jovens...”</i>
Demanda por mais cuidado com a saúde/ hospitais	<i>“olhem mais para a saúde”</i> <i>“(...)a maior parte da população que necessita de saúde”</i> <i>“eu peço sobre a saúde do país”</i>
Demanda por mais educação	<i>“olhem mais para a educação”</i> <i>“a maior parte da população, que necessita de educação(...); eu peço sobre a educação”</i> <i>“investissem mais na educação”</i> <i>“melhore a nossa educação”</i>
Percepções dos(as) políticos(as): egoísmo, falta de consciência, falta de reflexão, corrupção, falta de seriedade	<i>“que não sejam muito egoístas e pensem nos outros também”</i> <i>“pensem mais na coletividade”</i> <i>“que eles façam, não só falem”</i> <i>“(...) não só ouçam, eles façam”</i> <i>“para olhar mais para o país e não pensar em si próprio”</i>
Percepção da política	<i>“se preocuparem mais com a população e menos com a política”</i>
Auto-percepção	<i>“é que as pessoas que devem e correm atrás de nossos direitos não desistam de correr atrás dos nossos direitos e continuam correndo, porque, puxa... a gente precisa muito e sem essas pessoas que não correm atrás dos nossos direitos, o que será de nós?”</i> <i>“a gente tem que correr atrás dos nossos direitos. Se a gente acha certo, se é realmente de direito, o direito é dado e a gente tem que correr atrás dele”</i>
Consciência de eleitor(a)/ cidadão(ã)	<i>“porque se eles não sabem, somos nós que pagamos os impostos, somos nós que pagamos a eles”</i>

ANEXO 5 – COMENTÁRIOS FINAIS 2

Tabela A5a – O que aconteceu de mais importante

GD2 – Grupo de Diálogo com jovens de 15 a 17 anos

19 de março de 2005 – RJ

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
1. O poder da palavra	
Expressão	<i>O que aconteceu de mais importante foi eu poder me expressar mais, porque eu sou muito tímida.</i>
Interlocução	<i>O que eu tirei de proveito aqui hoje, e acho que todo mundo, de que cada um tem a sua opinião própria, cada um tem uma opinião diferente, e podemos debater sobre isso.</i>
Interlocução	<i>O trabalho em grupo foi bem legal, várias opiniões, também foi muito legal.</i>
Interlocução	<i>Ter discutido, cada um expor sua opinião, e passou, eu mudei ao escutar outras pessoas..</i>
Interlocução	<i>O mais importante foi estar aqui e o diálogo, que foi bastante importante.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>Pra mim, o que aconteceu de mais importante foi perceber esta iniciativa do governo e de outras instituições, e perceber que há pessoas que não são consideradas jovens preocupadas em saber nossa opinião, não estou chamando ninguém de velho não, tá? E que estão preocupados em elaborar este projeto, não estou “rasgando seda”, mas o pessoal foi simpático com a gente, todo mundo aqui não impondo opiniões, mas proporcionado a gente a desenvolver nossas próprias idéias.</i>
2. Sociabilidade	
Conhecer pessoas	<i>Foi muito importante estar aqui hoje junto com vocês, conhecer pessoas diferentes.</i>
3. Aprendizagem	
Aprendizado (sem especificar)	<i>Eu aprendi muito.</i>
Aprendizado através da interlocução	<i>Eu aprendi a trabalhar em grupo.</i>
Aprendizado através da interlocução	<i>O que aconteceu de mais importante aqui hoje foi aprender a respeitar um ao outro.</i>
Aprendizado através da interlocução	<i>Eu aprendi de mais importante (não só eu) a questão do relacionamento e do diálogo, eu acho que todo mundo vai guardar isso.</i>
4. Pensar sobre o Brasil	<i>E parei para pensar sobre os problemas do Brasil.</i>
Pensar sobre o Brasil	<i>O mais importante que aconteceu aqui foi é que eu soube muitos problemas que o Brasil tem e eu não sabia.</i>
Pensar o Brasil (para mudar)	<i>O que aconteceu de mais importante foi poder debater o que o Brasil precisa e ter idéias para conseguir transformar o Brasil, porque nós somos jovens e o futuro depende de nós. Se trabalharmos agora, o futuro vai ser bom.</i>

Tabela A5b – O que aconteceu de mais importante

GD3 – Grupo de Diálogo com jovens de 18 a 24 anos

02 de abril de 2005 – RJ

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
1. O poder da palavra	
Expressão	<i>O que aconteceu de importante foi a opinião, que nós podemos se expressar, podemos dar as nossas opiniões hoje.</i>
Expressão	<i>O que aconteceu de mais importante, pra mim, foi poder expor as minhas opiniões, os meus desejos com os outros colegas aqui, né? Poder fazer os trabalhos. Foi bem interessante, de fato.</i>
Interlocução	<i>O que aconteceu de mais importante pra mim foi essa conversa entre os jovens que eu nunca participei.</i>
Interlocução	<i>Eu acho que o que de mais importante aconteceu aqui hoje foi escutar mesmo os pontos de vista diferentes, foi escutar os desejos de outros jovens e, principalmente, escutar a realidade de cada um aqui, da história de vida. Eu acho que é tão diferente da minha. E eu acho que isso pra mim, pessoalmente, foi muito importante.</i>
Interlocução	<i>O que aconteceu hoje de mais importante aqui foi o diálogo que a gente tivemos, a diferença social entre um jovem e outro, as facilidades que uma pessoa tem pra arrumar emprego e a outra já não tem...</i>
Interlocução	<i>E fazer os trabalhos, saber que ainda tem aquele espírito de amizade, de debate, sem brigas e sem discussão.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>É bom a gente estar aqui e sabendo que não vai ser em vão isso que a gente está falando, ou o que a gente escreveu, entendeu? O que a gente escreveu ou o que a gente falou.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>O que aconteceu de mais importante hoje, pra mim, foi saber que tem alguém que se preocupa com a nossa opinião de nós, jovens. Saber que a gente pode reclamar, falar o que está certo e o que está errado... dar nossa opinião, é claro.</i>
2. Sociabilidade	
Conhecer pessoas	<i>Foi muito bom participar e conhecer todos.</i>
Identidade	<i>Eu acho que pra mim... eu estava em casa e sinceramente eu não estava muito a fim de vir não, né?, mas como eu vou prestar vestibular esse ano eu achei muito importante saber isso, saber mais sobre o país, política e essas coisas assim. E eu me interessei pra caramba. Eu fiquei muito feliz em ver que tem jovens que se interessam, igual a mim... pelo menos agora, né? E eu achei que ia vir muito mesmo poucas pessoas aqui. Eu fiquei surpresa pelo número de pessoas, mas falaram que ia ser a maior quantidade, mas eu fiquei surpresa pelas pessoas que vieram.</i>
Identidade	<i>Tanto que tem pontos de que... interessantes, de pessoas aqui que eu nunca vi na minha vida, que moram bem distante de mim e que sempre têm a mesma opinião do que eu. É importante saber isso e que quer um país melhor. Tanto eu quanto outras pessoas que eu vi aqui hoje.</i>
3. Aprendizagem	
Aprendizado (sem especificar)	<i>Hoje eu aprendi várias coisas importantes.</i>
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>O que eu aprendi aqui hoje foi sinceridade, entendeu, das pessoas.</i>

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>Na primeira vez das exaustivas vezes que eu peguei nesse microfone, eu acho que fui um dos que mais falei aqui hoje, vão todos sonhar com a minha voz... eu falei que achava que o jovem estava alienado. E graças a qualquer força superior, eu... o que aconteceu de bom foi que eu percebi que eu estava enganado. Então eu me sinto muito contente por isso. Por ver que mesmo às vezes escondido, adormecido, o jovem, principalmente os jovens aqui hoje, têm uma consciência política, sabem o que querem principalmente.</i>
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>Gostaria também de agradecer aos representantes do Iser Assessoria, do Instituto Pólís e do Ibase, que foi onde eu pude aprender com essas pessoas muito que não deve desistir, deve buscar caminhos, vias de fato para o que acreditamos.</i>
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>O que eu achei de importante foi saber que tem muitos jovens que realmente se preocupam com o futuro do nosso país.</i>
4. Pensar o Brasil	<i>Se não fosse essa oportunidade aqui hoje, a gente não poderia ter expressado (...) o que está acontecendo no país, a política e muito mais.</i>
Pensar o Brasil (para mudar)	<i>Bem, o que aconteceu de mais importante pra mim aqui, hoje, foi participar dessa reunião, saber que todo mundo aqui tem idéias diferentes, idéias pra mudar o país, pra poder mudar a situação que nós vivemos. E isso pra mim foi muito significativo.</i>
Pensar o Brasil (para mudar)	<i>O que aconteceu de mais importante pra mim aqui, hoje, foi esse movimento, essa reunião pra tentar reverter esse quadro lamentável que a sociedade está atravessando.</i>
5. Gostei	<i>O que aconteceu hoje foi bom demais. Eu acho que todo mundo que está aqui gostou.</i>
6. Agradecimento	<i>Então, eu agradeço muito a oportunidade que foi dada aqui hoje.</i>
7. Outra resposta	<i>E que acredito que a partir de hoje nós, todos aqui, esse seleto grupo, que vamos lembrar daqui a trinta, quarenta, cinqüenta anos, vamos mudar a nossa maneira de agir lá fora, agir em sociedade.</i>

Tabela A5c – O que aconteceu de mais importante

GD4 – 1º Grupo de Diálogo com jovens de 15 a 24 anos

9 de abril de 2005 – RJ

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
1. O poder da palavra	
Expressão	O que aconteceu de importante foi que eu pude falar de problemas que antes eu não falava, né?
Interlocução	Bom, o que eu gostei mais foi das conversas, de poder discutir, poder dialogar, foi um debate.
Interlocução	O que aconteceu de mais importante aqui foi o agrupamento de vários jovens, e com isso teve o diálogo.
Interlocução	Era assunto que eu queria debater, coisas que eu queria passar e receber, enfim...
Interlocução	O que mais aconteceu de importante hoje... o que eu mais gostei foi dos debates, que eu ouvi novas opiniões além daquelas que eu já tinha.
Interlocução	Bem, o que me aconteceu de mais importante hoje foi o diálogo em si.
Interlocução	Bem, o que eu gostei aqui hoje foi a troca de experiências, né? Foi muito interessante, acho que pra todos nós.
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	O que eu achei mais importante foi o debate, porque nem todo mundo pára pra ouvir os jovens hoje em dia, então eu gostei muito.
2. Sociabilidade	
Conhecer pessoas	O que eu mais gostei aqui hoje foi de comparecer aqui, conhecer novas pessoas.
Conhecer pessoas	O que eu mais gostei aqui hoje foi ter conhecido todos vocês...
Conhecer pessoas	O mais importante pra mim hoje aqui foi (...) a convivência com outras pessoas.
3. Aprendizagem	
Aprendizado (sem especificar)	O que aconteceu de mais importante pra mim foi que eu pude ampliar meus conhecimentos.
Aprendizado (sem especificar)	Pra mim tudo foi importante aqui, eu pude aprender muito, até coisas que eu não sabia eu pude aprender.
Aprendizado (sem especificar)	E eu consegui me atualizar mais um pouco. Procuo sempre me atualizar mais e mais, e vocês me atualizaram ainda mais.
Aprendizado (sobre o quê)	Pra mim o que aconteceu de mais importante hoje foi que tudo aqui que foi feito acrescentou muito na minha opinião pessoal sobre algumas coisas, educação e tal.
Aprendizado através da interlocução	Bom, o que eu destaquei de mais importante foi o aprendizado que eu tive hoje, principalmente com amigo Douglas, que a gente confabulou muito aqui e o "maluco" sabe pra caramba, queria dar meus parabéns aqui pra ele.
Aprendizado através da interlocução	O Grupo Vermelho, que me ajudou bastante a esclarecer a opinião que eu tinha, individual. Eu tive um total esclarecimento nesse dia, aprendi bastante.
Aprendizado e interlocução	No primeiro tópico eu consegui adquirir bastante conhecimento com os pensamentos de cada um, pensamentos diferentes.
4. Gostei	Foi um prazer estar aqui, eu fiquei muito feliz em ter vindo, né?, tudo que eu ouvi...
Gostei	Gostei do almoço.

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
Gostei	Gostei do livrinho, que eu nem acabei de ler,
5. Agradecimento	Eu queria agradecer pelo convite e também agradecer pelo Grupo que me colocaram,
Agradecimento	Eu queria agradecer por vocês terem me atendido com muito carinho, muita atenção.
Agradecimento	Eu queria agradecer pelo dinheiro. Eu queria agradecer por estar aqui.
Agradecimento	Primeiro eu quero agradecer a oportunidade de estar aqui. E se houver uma nova oportunidade, dependendo de vocês, eu estarei aqui de novo.

Tabela A5d – O que aconteceu de mais importante

GD5 – 2º Grupo de Diálogo com jovens de 15 a 24 anos

30 de abril de 2005 – RJ

Temas/Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
1. O poder da palavra	
Interlocução	<i>Bem, eu achei importante o dia de hoje porque foi um encontro com pessoas com culturas diferentes, que moram em lugares diferentes e por isso tivemos aqui opiniões diferentes, mas que, no entanto, todas devem ser respeitadas.</i>
Interlocução	<i>Na minha opinião, o que eu achei de mais importante foi o respeito pelas opiniões. Mesmo que a pessoa não concorde, respeita..</i>
Interlocução	<i>O que eu achei de importante hoje foram os debates.</i>
Interlocução	<i>O que aconteceu de mais importante aqui pra mim foi ter conhecido vários jovens, saber da opinião de cada um que, pra mim, foi muito importante.</i>
Interlocução	<i>O que aconteceu de mais importante foi poder me reunir com os meus colegas aqui, com os jovens, e entrar em um acordo sobre o que nós debatemos aqui hoje.</i>
2. Sociabilidade	
Conhecer pessoas	<i>O que aconteceu de mais importante aqui pra mim foi ter conhecido vários jovens.</i>
3. Aprendizagem	
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>Aqui hoje eu aprendi como ajudar as pessoas. Eu já queria ajudar, mas não sabia como, agora eu aprendi como ajudar as pessoas.</i>
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>O que eu aprendi de mais importante é que o gesto que eu der, eu posso ajudar muitas pessoas. Eu fico assim: ah, eu queria ajudar alguém, mas eu não sei como ajudar. Agora, através dessa palestra, eu sei como ajudar, e muito.</i>
Aprendizado (sobre o quê, para quê)	<i>E a linha de raciocínio dos prós e dos contras da opinião, porque você não pode pensar só na sua opinião, tem que analisar os prós e os contras.</i>
Aprendizado através da Interlocução	<i>O que eu aprendi hoje é que, por causa de um tema, várias pessoas têm opiniões diferentes, razões diferentes. Dá pra analisar tudo, a opinião e aí você vê que a sua opinião pode ter uma influência de uma outra opinião.</i>
4. Pensar o Brasil (para mudar)	<i>E no final, acabou chegando tudo a uma conclusão, que é a melhoria pro nosso país. Se for reparar, cada um, pensando na melhoria de cada um, ninguém quis o pior, todo mundo quis o melhor, e chegou a um acordo.</i>
5. Gostei	<i>Vim de longe, mas gostei muito.</i>
Gostei	<i>... Eu nunca tinha participado de um debate desse antes, e eu gostei muito.</i>
6. Outra resposta	<i>O que pra mim foi mais importante hoje foi a dinâmica, que mostrou, para todos nós, que ora nós concordamos com uma coisa, ora nós entramos em consenso, ora discordamos, ora estamos juntos e ora estamos separados.</i>
Outra resposta	<i>[Pretendo] Passar tudo isso numa palestra na minha escola pra que eu possa organizar um grupo na minha escola pra poder a gente fazer debate que nem a gente fez aqui, porque na minha escola, o que a gente está precisando é isso.</i>
7. Não disse	<i>O jovem passou direto para o recado ao tomadores de decisão.</i>

Tabela A5e – O que aconteceu de mais importante

GD1 – Grupo de Diálogo com jovens com experiência participativa

12 de março de 2005 – RJ

Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordaram esse tema/questão
1. O poder da palavra	
Interlocução	<i>Eu achei importante os debates, interessante, sobre os temas.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>Eu gostei de saber que tem pessoas que se preocupam com a população jovem, porque geralmente a gente... não é perguntado do que a gente gosta. Geralmente as pessoas impõem o que eles acham melhor pra gente, sem saber a nossa opinião.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>O de mais importante é que hoje eu debati e foi gravado, e agora eles vão ouvir. Porque eu sempre debato, debato, e nunca foi gravado. Agora eles vão ouvir a mim. Eu estou cansada de conhecer gente, como eu conheço. Cada debate, cada doação que a gente faz, a gente conhece as pessoas. Mas aí ninguém ouve a gente, né? E agora eles vão ouvir, vão ser obrigados a ouvir a nossa opinião.</i>
Escutar os(as) jovens / registrar suas opiniões	<i>E também que tem pessoas fazendo esta pesquisa, justamente para escutar nós, jovens, o que a gente está gostando ou não.</i>
2. Sociabilidade	
Conhecer pessoas	<i>O que gostei aqui foi de conhecer pessoas novas.</i>
Identidade	<i>O que eu achei mais importante aqui é que a maioria dos jovens aqui presentes tem a mesma linha de raciocínio.</i>
3. Aprendizagem	
Aprendizado (sem especificar)	<i>Aconteceram coisas boas aqui – eu aprendi muito.</i>
Aprendizado (sem especificar)	<i>Pude tomar conhecimento de algumas coisas. E aprendi bastante.</i>
Aprendizado (sem especificar)	<i>O que eu adquiri foi conhecimento.</i>
Aprendizado (sobre o quê)	<i>Eu também aprendi bastante aqui sobre a educação, sobre a cultura, sobre o lazer, sobre o trabalho.</i>
Aprendizado (para quê)	<i>Eu pude tomar conhecimento de muitas coisas que estão acontecendo e, assim, parar para refletir nas melhoras que podemos fazer.</i>
Aprendizado através da interlocução	<i>Nós aprendemos um com o outro, né? A respeitar o espaço do outro, a ouvir o outro...</i>
Aprendizado através da interlocução	<i>E aprendi a debater e a conviver com outras pessoas.</i>
4. Pensar o Brasil (para mudar)	<i>Eu gostei, pois aqui nós expomos os problemas do país, discutimos o que fazer para melhorar, os prós e os contras.</i>
5. Gostei	<i>Gostei muito, entendeu?</i>
6. Outras respostas	<i>É legal saber que em gente que se preocupa com os jovens, que lutam pelos nossos direitos, que estão preocupados com a gente, que estão do nosso lado.</i>

ANEXO 6 – Variação nas fichas Pré e Pós-Diálogo

Tabela A6a – Variação segundo sexo

Caminho	Posição	Moças	Rapazes
1	Inicial	6,0	6,0
	Final	6,2	6,0
2	Inicial	6,5	5,9
	Final	6,3	6,2
3	Inicial	5,9	6,0
	Final	6,4	6,1

Tabela A6b – Variação segundo situação frente ao mercado de trabalho

Caminho	Posição	Trabalham	Não Trabalham
1	Inicial	6,2	5,9
	Final	6,3	6,0
2	Inicial	6,3	6,1
	Final	6,2	6,3
3	Inicial	5,8	6,0
	Final	6,1	6,3

Tabela A6c – Variação segundo escolaridade

Caminho	Posição	Até 4ª. Série	Até 8ª. Série	Ensino Médio	Ensino Superior
1	Inicial	5,5	5,9	6,1	6,0
	Final	6,0	6,0	6,1	6,4
2	Inicial	7,0	6,1	6,1	6,3
	Final	7,0	6,3	6,1	6,1
3	Inicial	7,0	6,1	5,9	5,2
	Final	6,5	6,4	6,2	5,8

Tabela A6d – Variação segundo faixa etária

Caminho	Posição	15 a 17 anos	18 a 24 anos	15 a 24 anos	15 a 24 anos com experiência participativa	Todos(as) os(as) jovens
1	Inicial	5,8	6,6	5,7	6,2	6,1
	Final	5,9	6,0	6,2	6,2	6,1
2	Inicial	6,2	6,0	6,1	6,8	6,2
	Final	6,3	6,2	6,1	6,8	6,3
3	Inicial	6,2	5,4	6,0	6,1	5,9
	Final	5,8	5,5	6,7	6,8	6,2

Rede parceira: Ação Educativa, Centro de Referência Integral de Adolescentes, Escola de Formação Quilombo dos Palmares, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Instituto Universidade Popular, Iser Assessoria, Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenação

iBetinho
Base



PÓLIS
INSTITUTO DE ESTUDOS,
FORMAÇÃO E ACESSORIA
EM POLÍTICAS SOCIAIS

Apoio

10th Anniversary **CPRN** 2005 **RCRPP**
Fresh Ideas for Canada's Future

IDRC  **CRDI**